

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HELOISE PERATELLO E SILVA

**A FORMAÇÃO DOS CORPOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE CORPO E
ALIMENTAÇÃO, NO BRASIL, NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980**

CURITIBA
2011

HELOISE PERATELLO E SILVA

**A FORMAÇÃO DOS CORPOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE CORPO E
ALIMENTAÇÃO, NO BRASIL, NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, curso de Pós-Graduação, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Antunes dos Santos

CURITIBA
2011

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa e ao suporte dado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

Reitero a minha admiração e agradeço aos professores de História da Universidade Federal do Paraná. Ao orientador desta pesquisa, professor Carlos Roberto Antunes dos Santos pela compreensão nas fases conturbadas e pela ajuda para dosar os ingredientes e acertar as medidas desta pesquisa. Às professoras Ana Paula Vosne Martins pelas estimadas sugestões bibliográficas, não apenas neste estudo, mas em todo o período acadêmico. À professora Roseli Boschilia pelo carinho e pela leitura atenta dos trabalhos elaborados durante o mestrado. À professora Marionilde Brepohl Magalhães pelos incentivos dados ao tema estudado. Aos professores Antonio César de Almeida Santos e Helenice Rodrigues da Silva pelas orientações metodológicas.

Às amigas Aline Cordeiro Franco, Maíra Albuquerque e Ana Letícia Genaro, por estarem comigo desde os primeiros anos desta incursão histórica e por enriquecerem meus dias com instigantes discussões. Um especial agradecimento às amigas Rachel Lora Lambrecht e Mariana Corção que, além de participarem desde o começo, contribuíram com a leitura final do trabalho e com as devidas traduções.

Às companheiras de mestrado e amigas Cilene da Silva Gomes Ribeiro, Celina Fiamoncini, Larissa Seixas, Dayane Rubila, Lorena Pantaleão e Paula Chagas pelas tardes de conversa repletas de sugestões e conhecimentos compartilhados durante as aulas e em tantos outros momentos juntas.

Ao Henrique Franceschi pela edição das fotografias e por trazer calma e alegria aos meus dias.

E, principalmente, à minha família: Izabel C. Peratello e Silva, Roberto Leitão e Silva, Maria Luíza Peratello, Juliana Peratello e Silva e Fernnanda Peratello e Silva, pelo apoio e paciência em todas as etapas deste e de tantos outros projetos.

A todos, meus mais sinceros agradecimentos.

*“Mudando um pouco a lógica das palavras, poderíamos
concluir que também os alimentos seriam tão bons
para pensar quanto para comer ou digerir”*

Lilia Moritz Schwarcz

RESUMO

Da mesma forma como outras instituições carregam as marcas de seu tempo, os corpos e as práticas alimentares aparecem como elementos visíveis e passíveis de compreensão a partir da análise de normas, conhecimentos e reproduções que sobre eles incidem. Tendo as práticas de regulação alimentar como objeto central deste estudo, procuramos entender como a dieta e o cuidado de si assumem significados normativos associados aos saberes que os definem, aos discursos que os legitimam e às práticas que acabam por se tornar cotidianas. O tema de nossa abordagem versa sobre as representações do corpo e da alimentação no Brasil, ao longo das décadas de 1970 e 1980, em revistas de circulação nacional. A dita abordagem constitui-se em uma visão do corpo e da alimentação voltados para o aperfeiçoamento constante e progressivo, a fim de atingir a melhor performance e o melhor desempenho. São corpos marcados pela classe e pelo gênero, e produzidos na convergência da ciência, da mídia, da sociedade de consumo e da exacerbação do olhar.

Palavras-chave: Alimentação – Corpo – Representações – Revistas.

ABSTRACT

In the same way that institutions carry traces of their time, bodies and eating practices appear as elements visible and understandable through the analysis of norms, knowledge, and reproduction systems that fall upon them. Having eating regulation practices at the core of this study, I seek to understand how diet and one's care of oneself take on normative meanings associated to the knowledge that define them, the discourses that legitimize them, and the practices that eventually are transformed into everyday customs. I focus on body and diet representations in 1970s and 1980s' Brazil, through magazines available nationwide. Such approach was based on an interpretation of body and eating practices directed to their constant and progressive improvement, seeking to obtain optimal performance and efficiency. These bodies are marked by class and gender notions, and are produced in the encountering of science, media, and societies of mass consumption allied with extreme observation."

Keywords: Food – Body – Representation – Magazines.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	50
FIGURA 2	52
FIGURA 3	53
FIGURA 4	58
FIGURA 5	60
FIGURA 6	74
FIGURA 7	75
FIGURA 8	85
FIGURA 9	85
FIGURA 10	90
FIGURA 11	93
FIGURA 12	96
FIGURA 13	97
FIGURA 14	99
FIGURA 15	110
FIGURA 16	111
FIGURA 17	111
FIGURA 18	112
FIGURA 19	113
FIGURA 20	113
FIGURA 21	114
FIGURA 22	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Quando o corpo conta a história	03
Os problemas da comida que alimenta o corpo	10
O que representa a representação?	19
CAPÍTULO 1	
1.1. As sensibilidades contemporâneas	25
1.2. A formação dos corpos hipermodernos	31
1.3. Que alimentação incide nestes corpos?	36
CAPÍTULO 2	
2.1. Meios de comunicação	47
2.2. Corpo e alimentação na revista Veja	49
2.2.1. Medicina e medicalização	67
2.2.2. Modelos de gênero e padrões de beleza	75
CAPÍTULO 3	
3.1. Imprensa feminina	79
3.2. Corpo e alimentação na revista Claudia	88
3.3. O corpo e a transformação nos padrões alimentares	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

(...) mas apenas no período moderno, a partir do século XVIII, evidenciou-se a natureza química da digestão pelo famoso cientista Lázaro Spallanzani (1729-1799) que além de realizar experiências que refutavam a geração espontânea e provar a fecundação do óvulo pelo sêmen, também demonstrou a acidez do suco gástrico, cuja composição de ácido clorídrico foi constatada, em 1824, pelo médico inglês William Prout (1785-1850)¹

A citação acima demonstra a intersecção de duas instâncias fundamentais presentes na construção do conhecimento moderno: o corpo e a alimentação. Juntas, elas congregam algumas das formas mais elementares de experiências e sensibilidades cotidianas, que se modificam no tempo e são carregadas de simbologias e representações. Em uma conhecida citação, a antropóloga Mary Douglas afirmou que o corpo é uma forma simbólica, na qual as normas centrais, as hierarquias e os comprometimentos culturais são reforçados e reproduzidos². Mas o que faz com que o corpo se torne importante objeto de investigação histórica? Ou melhor, o que faz das práticas que incidem sobre os corpos – dentre elas, a alimentação –, elementos tão definidores das maneiras de ser dos indivíduos?

Os corpos e as práticas alimentares³ que sobre eles incidem, são os elementos centrais deste estudo, no qual procuramos entender como a dieta⁴ e o cuidado de si assumem significados normativos associados aos saberes que os definem, aos discursos que os legitimam e às práticas que acabam por se tornar cotidianas, dando forma ao objeto de pesquisa: as práticas de regulação e controle alimentar. O tema de nossa abordagem versa sobre as representações do corpo e da alimentação no Brasil, ao longo das décadas de 1970 e 1980. Através destas práticas, procuramos recuperar a história do

¹ CARNEIRO, Henrique S. *Comida e Sociedade. Uma História da Alimentação*. Rio de Janeiro: Campos, 2003, p. 12.

² Citada por BORDO, Susan. *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*. In: BORDO, Susan R.; JAGGAR, Alison M. (Org.). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 10.

³ Consideramos práticas alimentares enquanto hábitos alimentares ou práticas culinárias: “soma de hábitos, costumes, crenças e preferências de uma cultura concernentes ao alimento”. SIZER, Frances; WHITNEY, Eleanor. *Nutrição: conceitos e controvérsias*. São Paulo: Manole, 2003, p. 11.

⁴ “Dietas são alimentos (inclusive bebidas) que usualmente uma pessoa come e bebe”. *Ibid Idem.*, p. 02.

corpo e das características alimentares, insidiosamente presentes em reportagens e materiais jornalísticos de revistas de circulação nacional, nossas fontes de pesquisa⁵.

Da mesma forma como outras instituições carregam as marcas de seu tempo, o corpo aparece como um elemento visível e passível de compreensão a partir da análise de normas, conhecimentos e reproduções que sobre ele recaem. A nossa abordagem se torna pertinente no interior de uma problematização ainda pouco desenvolvida pelos estudos históricos, especialmente no que diz respeito ao cenário nacional e aos meandros da alimentação, ao mesmo tempo influenciadora e influenciada pelas questões do corpo. A dita abordagem constitui-se em uma visão do corpo e da alimentação voltados para o aperfeiçoamento constante e progressivo, a fim de atingir a melhor performance e o melhor desempenho. São corpos marcados pela classe e pelo gênero, e produzidos na convergência da ciência, da mídia, da sociedade de consumo e da exacerbação do olhar.

Corpo e alimentação consagraram-se como objetos de análise no campo histórico, após a aceitação de novas temáticas e metodologias que, entre outras características, possuem forte caráter interdisciplinar. Atingida pela crise que afetou as ciências humanas nas décadas de 1960 e 1970, a história passou a se ancorar em renovados fundamentos intelectuais, nos quais destacamos “*o retorno a uma filosofia do sujeito que recusa as forças das determinações coletivas e dos condicionamentos sociais e que pretende reabilitar ‘a parte implícita e refletida da ação’*”⁶. A década de 1970 inaugurou um período de libertação da palavra e de superação das interdições refletidas em manifestações paradoxalmente hedonistas e comunitárias. A ascensão do sujeito estava ligada ao pragmatismo e cognitivismo, noções que marcaram a historiografia dos anos 1980 e 1990.

Decorre daí, a valorização das ações, das práticas e da experiência, em uma mudança na escala de análise (micro-história, biografias, o acontecimento). É perceptível, também, a tendência inter e multidisciplinar destes estudos. Segundo Carlos Roberto Antunes dos Santos, as pesquisas acadêmicas sobre alimentação, por exemplo, “*abrangem processos históricos com enfoque social, cultural, econômico, político, tecnológico, nutricional ou antropológico*”⁷. A inserção de todas essas questões no

⁵ As duas fontes analisadas nesta pesquisa são: Revista Veja e Revista Claudia, ambas publicadas pela Editora Abril.

⁶ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: Estudos Avançados 11(5), 1991, p. 64.

⁷ SANTOS, Carlos R. Antunes dos. *A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa*. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p.11-31, 2005. Editora UFPR, p. 11.

campo histórico remete à influência da segunda geração de historiadores da Escola dos *Annales*, com trabalhos como os de Fernand Braudel e a atenção dada aos estudos da cultura material e aos elementos ligados à sobrevivência humana, como o comer e o vestir. Segundo Ronaldo Vainfas, a dimensão cotidiana de tais estudos possibilita a valorização das mentalidades no contexto das pesquisas históricas⁸, fato que colaborou para o aumento do número de trabalhos com abordagens que envolvem religião, sexualidade, sentimentos, representações e vida cotidiana.

Tendo em vista o objetivo de investigar as práticas de controle alimentar contemporâneas por meio de representações sobre o corpo e a comida, tem-se como proposições de trabalho algumas indagações: “Em que medida os ideais de corpo e beleza influenciaram as práticas de controle alimentar?” “Quais são e de que maneira os discursos legitimam e operacionalizam a inserção das regulações alimentares no cotidiano?” “De que forma se verifica historicamente a construção de alteridades estabelecidas pela forma corporal e como isto está ligado à alimentação?” “Em termos históricos, o que podemos apreender das representações sobre o corpo e o comer entre os indivíduos na conjuntura em questão?”

Para que todas estas questões possam ser detalhadas com mais rigor, é necessário situá-las enquanto temáticas próprias a campos específicos de estudo. Ou seja, como os objetos aqui referidos se apresentam genericamente nas ciências sociais e, especificamente, como são tratados pela história.

QUANDO O CORPO CONTA A HISTÓRIA

No âmbito das ciências humanas, o desenvolvimento de estudos sobre o corpo tal qual o conhecemos atualmente, teve seu marco fundador na década de 1930 com o desenvolvimento de pesquisas elaboradas por dois grandes nomes da sociologia: Marcel Mauss e Norbert Elias e pela contribuição de antropólogos e etnólogos como Claude Lévi-Strauss, Bronislaw Malinowski e Mary Douglas⁹. Pode-se dizer que as re-

⁸ VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Campos, 2002, p. 22.

⁹ Ver MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. Publicação na qual apresenta a desnaturalização das atitudes ligadas ao corpo; ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 (volumes 1 e 2), nos quais analisa a educação do corpo como parte

descobertas do corpo se intensificaram na década de 1960 e nos anos posteriores, com a incidência de questões colocadas em voga pelos movimentos sociais, políticos e libertários. Neste período ascendem nomes como Pierre Bourdieu e a importante contribuição de Michel Foucault.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990 vários autores se ocuparam de pesquisas sobre o corpo, tais como: Thomas Laqueur, George Vigarello, Peter Brown, Jean-Jacques Courtine, Roy Porter, David Le Breton e Richard Sennett no cenário internacional, enquanto no Brasil, Denise Bernuzzi de Sant'Anna, José Carlos Rodrigues, Teresa C. Carreteiro, Adauto Novaes, Carmem Lúcia Soares, Ana Márcia Silva, Marlene Neves Strey e Sonia T. Lisboa somam-se aos demais. Não podemos deixar de mencionar também, as contribuições dadas pelos estudos feministas desenvolvidos por autoras como Naomi Wolf, Susan Bordo, Joan J. Brumberg e Londa Schiebinger, além da produção nacional, representada por Ana Paula Vosne Martins, Tânia Navarro Swain e Fabíola Rohden.

No que se refere às relações entre corpo e alimentação, a maior parte das publicações são elaboradas em países como França, Itália, Espanha e Estados Unidos. Neste sentido, citamos os estudos de autores como Julia Csergo, Massimo Montanari, Claude Fischler, Jean-Pierre Poulain e Jean-Louis Flandrin. No Brasil, aparecem os trabalhos desenvolvidos em programas de pós-graduação, tornando-os um espaço fundamental para a produção de conhecimento e discussões sobre o tema. Autores como Henrique Carneiro, Carlos Roberto Antunes dos Santos, Angelina Bulcão Soares, Rossana P. C. Proença e Lígia Amparo da Silva Santos são estudiosos que optaram pelos estudos em alimentação e, eventualmente, na relação que a alimentação mantém com a corporeidade. A importância dos autores aqui mencionados ocorre na medida em que tratam de questões e criam conceitos essenciais para a discussão acerca do objeto em questão.

Na publicação intitulada *Sociologia e Antropologia*, Marcel Mauss apresentou a noção de “técnica corporal”¹⁰ remetendo aos instrumentos e às maneiras aplicadas aos corpos a fim de fazê-los responder a um anseio ou costume. Ao chamar a atenção para

constituente de uma formação social específica modelada por processos históricos de longa duração; LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976, sobre uma renovada forma de pensar a relação entre natureza e cultura; DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991, sobre a utilização dos conceitos envolvendo pureza e sujeira no trato do corpo.

¹⁰ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia... Op. Cit.*, pp. 399-422.

uma “ciência de diversos”¹¹, na qual o estudo dos fenômenos sociais aparece atrelado às observações dos distintos usos que os indivíduos fazem de seus corpos, o autor recupera a importância do contexto para a formação de tal relação. Não há técnica que ocorra sem transmissão, assim como não há apreensão e transmissão destituída de significação¹². Tendo em vista esta constatação, o autor dividiu as técnicas corporais em duas grandes extensões principais: conforme o sexo e conforme a idade.

Atentando para os aspectos mais triviais do comportamento corporal, podemos pensar nas técnicas alimentares como lugar de significações e interdições, motivadas por fatores como divisão de idade, gênero e trabalho. Assim, a comida de uma criança diferencia-se da de uma mulher jovem, que não é similar a de uma parturiente ou a de um idoso. Com isso, acontecem situações como os casos de distinções feitas em albergues italianos na primeira metade do século XX, nos quais se aplicava o critério de diferenciação dietética em função do sexo: a quantidade de carne de boi dada aos homens era superior a destinada às mulheres¹³. O mesmo acontece no meio rural brasileiro com a percepção sobre a necessidade de uma “comida forte”, tão essencial para a reprodução da força de trabalho. O significado dado ao alimento, por participar posteriormente da constituição física dos indivíduos é, portanto, determinado conforme as especificações ligadas ao próprio corpo. No caso das técnicas aplicadas a homens e mulheres, veremos que esta questão é re-significada conforme são modificados os limites das relações de gênero. Neste sentido, a prática alimentar se torna apropriada por adequar-se ao *habitus* exigido da diferenciação. E por ser *habitus*, como bem nos ensinou Mauss, é de natureza social e deve ser analisada pela perspectiva da desnaturalização.

A desnaturalização dos mecanismos e controles das práticas corporais foi tratada por José Carlos Rodrigues, ao pensar nos aspectos expressivos dos indivíduos e seus corpos. O conceito de natureza quando usado para explicar os humores do corpo, aparece como algo distorcido uma vez que é culturalmente fabricado. Mesmo os atos comuns a todos os seres humanos – como as motivações orgânicas – sofrem influência da cultura, visto que cada cultura atribui significações próprias a esses atos. “*As sociedades convencionaram práticas e incutiram crenças que tem muito menos do que*

¹¹ Parte da problematização de Mauss deriva da observância dos modos cotidianos, como nadar, caminhar ou cavar.

¹² MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia... Op. Cit.*, p. 421.

¹³ SORCINELLI, Paolo. *Alimentação e saúde*. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 800.

comumente se imagina a ver com o corpo e com o sexo propriamente ditos”¹⁴. Para embasar essa teoria, Rodrigues recorre a uma série de análises entre sociedades distantes no tempo e no espaço e que demonstram variações sobre aspectos da vida social e moral, como a morte, o sono, o nascimento, o descanso, a puberdade, o sangue, o sexo, a alimentação, a vida adulta e as práticas higiênicas, conferindo uma impressão sociológica sobre tais elementos. Do ponto de vista histórico, outra importante contribuição para a noção de desnaturalização foi desenvolvida por Thomas Laqueur e Londa Schiebinger, ao questionar elementos constituintes das bases de construção do conhecimento científico na era moderna¹⁵. No que se refere ao ato de comer, além de todas as variações ligadas à refeição, é possível perceber outras atitudes que, com um olhar apurado, denunciam valores culturalmente constituídos. Um exemplo disto está na organização dos alimentos em marmitas de trabalhadores rurais no Brasil. Nelas, o arranjo da comida obedece a uma hierarquia na qual a carne fica sempre por cima do arroz e do feijão, ou seja, a carne aparece como o alimento mais importante deste tipo de refeição¹⁶.

Outra forma associada a tal situação acontece por meio da proibição alimentar, representada pela escolha do que se pode ou não comer e das exigências atribuídas conforme os grupos, contribuindo para a diferenciação dos indivíduos. Assim, conforme menciona Klaas Woortmann, “qualquer cultura discrimina, dentro do universo de alimentos possíveis em cada ecossistema, o que se deve e o que não se deve comer para cada tipo de pessoa e para cada estágio de seu ciclo de vida ou estado de seu organismo. De fato, como veremos em algum detalhe, a comida, no Brasil, é sempre pensada em relação ao corpo, e a partir desta relação percebida, constroem-se as relações sociais representadas”¹⁷. A alimentação consiste na internalização de práticas socialmente estruturadas e são modificadas na medida em que o saber social ganha novos contornos.

Outro autor que utiliza elementos do cotidiano em suas análises é Norbert Elias ao apontar para a dimensão das relações entre as instâncias de âmbito psicológico e as

¹⁴ RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p. 80.

¹⁵ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001; SCHIEBINGER, Londa. *Nature's Body: sexual politics and the making of modern science*. Londres: Pandora, 1994.

¹⁶ WOORTMANN, Klaas Axel A. W. *O sentido simbólico das práticas alimentares*. In: *Congresso Brasileiro de Gastronomia e Segurança Alimentar*. Brasília: UNB, 2004, p. 20.

¹⁷ *Ibid idem*, p. 02.

de âmbito social¹⁸. A interação entre as duas instâncias acontece por meio da introspecção dos ensinamentos elaborados pela sociedade, durante o processo de crescimento de cada indivíduo. Desta forma, ocorre a modelagem de seu comportamento conforme os padrões pré-determinados ligados ao processo civilizador social. Parte do padrão prevalecente se transforma com base na lógica da dinâmica entre os indivíduos, como por exemplo, nas interações entre as classes sociais, e é este tipo de dinâmica que irá atribuir diferenciações e valores aos indivíduos em sociedade. Dito de outra forma: a personalidade que mais conseguir aderir aos padrões, mais chances tem de se sobressair no processo. Este elemento está também ligado a outra característica especialmente importante: o auto-controle. De maneira geral, acontece no processo civilizador a valorização do controle individual em detrimento do controle externo. Tal questão ganha notoriedade quando transposta para o século XX, uma vez que se verifica uma acentuada estima às condutas individuais, aos sacrifícios pessoais e à valorização de si, enquanto questão moral.

Muito da análise centrada no indivíduo deve ligar-se à perspectiva de sua interação com os controles exercidos pela vida social. Neste sentido destacamos a influência de Pierre Bourdieu e o estudo envolvendo as práticas simbólicas. Ao analisar a maneira como a sociedade concebe as relações entre corpos, palavras e sentidos e como ocorre a construção social dos corpos e as suas formas simbólicas, o autor propõe uma espécie de imagem ampliada, visto que a análise se faz a partir do que está presente nas estruturas sociais de maneira velada, simbólica, como as relações e divisões de gênero. Para ele, a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar as relações políticas sobre a qual se alicerça¹⁹. O autor remete às relações de gênero que se fundamentam nos corpos para poder se manter, ou seja, a diferença anatômica entre os corpos masculinos e femininos serve de pretexto natural para uma diferença socialmente construída²⁰. Para ilustrar tal situação, Bourdieu lembra as aplicações práticas, sobre os corpos de muitas mulheres ocidentais, da necessidade de “tornar-se pequena” para serem suficientemente femininas, através de processos cotidianos de adestramento que são, na verdade, um tipo de condicionamento sutil de

¹⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 18.

²⁰ Dois exemplos para esta situação: a diferenciação com base no sistema humoral do corpo, no qual os homens seriam secos e as mulheres úmidas e na crença que, por muito tempo perdurou, de que a anatomia feminina era a mesma que a masculina, só que “do avesso”.

determinações simbólicas concretizadas na diminuição física do corpo e na busca pela transformação de suas carnes.

Embora os conceitos desenvolvidos por Bourdieu sejam de extrema importância para a análise de aspectos que incidem sobre os corpos, nos voltaremos mais para a proposta desenvolvida por Michel Foucault, especialmente as noções de disciplina e controle. Foucault não fala das práticas em si, mas da experiência e a sua relação com os campos de saber, com as normas de conduta e com as formas de subjetividade. Tem-se, então, a noção do corpo que se torna útil enquanto é produtivo e submisso. Essa sujeição não é obtida somente por meio da violência ou ideologia, ela pode ser física e agir sobre elementos materiais, pode ser tecnicamente pensada: é um saber que constitui a tecnologia política do corpo, que é multiforme e difusa e configura-se numa instrumentalização igualmente multiforme.

Neste caso não há a atuação de uma instituição de controle, mas uma rede de micropoderes que são verificáveis pelos efeitos por eles induzidos²¹. Na medida em que se pensa na formação dos corpos, constata-se o controle associado ao conhecimento e à aplicação de técnicas e mecanismos de aperfeiçoamento que vão, paulatinamente, se tornando mais complexos e sutis, mas são igualmente capazes de adestrar e controlar o corpo. Nota-se, principalmente a partir da segunda metade do século XX, a captura do corpo em uma rede de discursos, práticas e instituições cada vez mais sofisticadas. Pode-se dizer que esta rede é sustentada por alguns pilares, sendo o conhecimento científico um dos principais, por atuar na construção de “verdades” que, para Foucault, tornam-se a forma pulverizada assumida pelo poder:

Em nossas sociedades, a “economia política” da verdade tem cinco características historicamente importantes: a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército,

²¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 27.

escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas ideológicas)²²

Para Foucault não existe verdade a ser buscada: o que existe são os discursos historicamente detectáveis. Assim, as formas que o conhecimento assume podem ser detectáveis por meio da circulação, do consumo e das atitudes tomadas pelos sujeitos. Todas estas questões levam a outro importante ponto de análise: o controle, o aperfeiçoamento e a vigilância contínua transformam os comportamentos e a formação dos saberes entre os indivíduos. Neste saber está incluída a noção individualizante do sujeito, ou seja, a organização de um esquema de valorização do comportamento individual. Foucault se diferencia de Bourdieu, pois este último acredita que a apropriação simbólica feita pelos indivíduos é o fator gerador dos estilos de vida. Assim, o conjunto de escolhas e atitudes estaria ligado às estratégias de diferenciação ou imitação e as apropriações estariam, por sua vez, relacionadas à predisposição dos grupos²³. Para Foucault, a apropriação do discurso se mescla aos mecanismos de dominação e controle.

Muitos são os estudos que analisam as novas formas de poder e as relações de controles sociais no século XIX, sob a ótica da construção do poder atrelado aos novos saberes. Saberes que se disseminavam e se reproduziam com desenvoltura cada vez maior. Um exemplo de tal situação são os casos de loucura e sexualidade, lembrados pelo próprio Foucault, e o enorme esforço de catalogação de toda sorte de perversões e transtornos, empreendido por médicos, psiquiatras e cientistas. Tal questão pode ser aplicada aos saberes sobre a alimentação. A relação que a comida passou a estabelecer com a saúde, no século XX, não pode ser comparada aos períodos anteriores – embora todos os períodos tenham mantido tal relação –, pois os novos moldes do conhecimento estipularam julgamentos racionais de fundo terapêutico que produziram regras e normatizações capazes de estabelecer as verdades sobre o comer, ditando o lugar de cada alimento enquanto permitido ou proibido, bom ou ruim.

O mesmo aconteceu com a busca pela alta performance e as verdade estipuladas para os pesos e as medidas corporais. A relação entre a busca por um corpo universal em um momento de valorização das diferenças torna-se uma discussão relevante para entender os limites que marcam as alteridades dos corpos contemporâneos. No

²² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002, p. 13.

²³ CHARTIER, Roger. *Textos, impressão, leituras*. In: HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 236.

imbróglio de tantas diferenças valorizadas, sobretudo a partir da década de 1970, temos a ciência e a medicina atuando, com todo o aparato de técnicas e tecnologias, para a construção de corpos tão parecidos, formatados e conformados em aspectos muito similares uns aos outros.

O entendimento do corpo contemporâneo enquanto lugar privilegiado para a formação das subjetividades é tema central da publicação *Corpos e subjetividade em exercício interdisciplinar*, organizado por Marlene N. Strey e Sonia T. L. Cabeda. Nela, as autoras apresentam as possibilidades transdisciplinares de análise sobre o corpo, envolvendo áreas como: história, antropologia, psicologia, filosofia e educação²⁴. O livro se inscreve num contexto cujas problematizações são desencadeadas por posicionamentos muito próximos das propostas de Foucault e Deleuze e de todo o espírito de desconstrução presente em trabalhos elaborados na segunda metade do século XX.

Ainda em relação às mutações nos corpos, tem-se o entendimento de que a natureza pode ser constantemente aperfeiçoada, como bem tratou George Vigarello através de procedimentos nos quais a natureza deve ser modelada, e não o contrário. Este mesmo autor, no texto *A história e os modelos do corpo*, refere-se às três faces da existência corporal: a face da eficácia, a da propriedade e a da identidade. Cada uma possui seus próprios investimentos e singularidades e mudam constantemente com o passar do tempo. De acordo com Vigarello, “suas representações se deslocam de tal maneira que, algumas vezes, vêem-se completamente transformadas: o controle do peso corporal, por exemplo, os cuidados com a constituição orgânica, a hierarquia concedida ao aspecto físico, os índices de alerta aos males; os padrões estéticos atuais não são aqueles do passado. Uma imagem, ao mesmo tempo plural e global, foi reconstituída”²⁵. É importante observarmos que a face da identidade está presente na construção da subjetividade baseada no corpo.

OS PROBLEMAS DA COMIDA QUE ALIMENTA O CORPO

²⁴ STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). *Corpos e subjetividades, um exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

²⁵ VIGARELLO, George. *A história e os modelos do corpo*. In: Pro-posições, v. 14, n. 2, maio-agosto 2003, p. 21.

A centralidade do corpo e a disciplinarização de técnicas corporais são os elementos estudados por Ligia Amparo da Silva Santos em *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo*. Para esta autora, as experiências de homens e mulheres, suas formas de sentir e agir e o processo de modernização das cidades e dos comportamentos estão intimamente ligados à mudança de hábitos e à incorporação de novos modelos alimentares²⁶. Santos acredita na construção de uma nova ordem, que procura uma espécie de valorização da existência leve, refletida em corpos magros, ágeis e eficientes. Aparece novamente a noção de controle para a consagração de técnicas corporais (como os exercícios físicos) e alimentares (como as dietas) que são afetadas para satisfazer aos ideais de corpo e beleza. Conforme comentado anteriormente, as práticas alimentares são socialmente construídas e possuem a marca identitária da cultura de uma sociedade. Portanto, as características contemporâneas trariam importantes indícios de seu tempo, tais como o individualismo, o hedonismo e as técnicas científicas de aperfeiçoamento.

Os universos temáticos do corpo belo, saudável, do cuidado de si e das representações da comida e do comer são explorados como formas de problematizar este corpo e a comida que o alimenta. Em relação ao controle alimentar, Santos relembra a presença das mais variadas dietas em todos os tempos, nem sempre ligadas à perda de peso. Restrições alimentares são estimuladas por motivações que podem se relacionar à religião, às crenças, à moral e à saúde, caracterizando seus múltiplos usos e funções. Na atualidade, a dieta tem a ciência como discurso fundador, o controle como aliado e a ideia utópica de dieta humana perfeita para se atingir a boa saúde e o corpo belo.

Do ponto de vista histórico, os estudos sobre as relações corpo/alimentação são representados por uma gama de publicações, editadas recentemente na Europa, ilustrando a corporeidade em diferentes momentos, como no caso dos três volumes de *História do Corpo*, organizados por Georges Vigarello, Alain Courbin e Jean-Jacques Courtine, nos quais reúnem os trabalhos de vários autores e temas diversificados. No último volume, encontram-se os assuntos ligados aos medos e anseios contemporâneos, com destaque para o papel da saúde, do conceito de saudável, da medicalização do corpo e dos excessos do olhar como fatores presentes nas formas de analisar o corpo no

²⁶ SANTOS, Ligia Amparo da Silva. *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo*. Salvador: EDUFBA, 2008.

século XX, período que os próprios autores designaram como sendo o das mutações do olhar²⁷.

Outras três publicações, elaborada por Vigarello, Claude Fischler e Julia Csergo, procuram entender as representações de corpos obesos e a construção da imagem negativa ligada a este corpo. No livro *Le métamorphoses du gras: Histoire de l'obésité*, Vigarello procura traçar a gênese da obsessão contemporânea pelo corpo magro e saudável, liberto do peso das gorduras e a excessiva preocupação feminina com o tamanho do corpo. Ao buscar explicações para tais fatos, o autor percorre a evolução das percepções do corpo obeso, anteriormente símbolo de opulência e prestígio, pouco a pouco transformado em símbolo de inadequação física, psíquica e moral. Para ele, “*a história da gordura é primeiramente a história de uma atribuição e suas transformações, com suas inclinações culturais, suas rejeições socialmente marcadas. Ela é também aquela das dificuldades particulares, ressentidas pelo obeso consigo mesmo: uma infelicidade que se acentua, sem dúvida com o refinamento das normas e a atenção crescente aos martírios psicológicos. Ela é, enfim, a de um corpo submisso às modificações que a sociedade lança, sem que a vontade as possa modificar*”²⁸. Assim, as demandas exigidas dos corpos são, ao fim e ao cabo, as demandas exigidas também dos indivíduos.

Na coletânea de textos intitulada *Trop Gros? L'obésité e ses représentations*, coordenada por Csergo, são tratados assuntos como: dos riscos sanitários ligados à obesidade, da modificação dos hábitos alimentares, da representação da gordura em diferentes épocas, do imaginário sobre o corpo obeso e das necessidades estéticas que atravessam os corpos²⁹. Os estudos se alicerçam em questões como a percepção da obesidade ligada a representações culturais historicamente construídas, a idealização da magreza, a estigmatização dos indivíduos acima do peso e a transformação da obesidade em patologia, entre outros.

²⁷ CORBIN, Alain (Org.). *História do Corpo: As mutações do olhar no século XX*. V. 3. Rio de Janeiro: vozes, 2008.

²⁸ Tradução livre do trecho: “L’histoire du gros est d’abord l’histoire d’une vindicte e ses transformations, avec ses versants culturels, ses rejets socialment ciblés. Elle est aussi celle des difficultés particulières, ressenties par l’obèse lui-même: un malheur qu’accentuent sans doute l’affinement des normes et l’attention croissante aux souffrances psychologiques. Elle est enfin celle d’un corps subissant des modifications que la société rejette sans que la volonté puisse toujours les modifier”. VIGARELLO, Georges. *Le métamorphoses du gras: Histoire de l’obésité*. Paris: Éditions du Seuil, 2002, p. 15.

²⁹ CSERGO, Julia (Dir.). *Trop Gros? L’obésité et ses représentations*. Paris: Éditions Autrement, 2009.

Já Fischler analisa, em *L'omnivore*, a história do homem enquanto ser onívoro, sob a perspectiva de sua evolução e representações³⁰. Neste sentido, ele se ocupa das mudanças ao longo desta história alimentar específica. Para ele, “*a alimentação humana necessita ser estruturada, ela é ao mesmo tempo fundamentalmente estruturante: individualmente porque, como nós temos visto, ela socializa e acultura a criança; coletivamente porque ela simboliza e traduz, nas suas regras, o triunfo da cultura contra a natureza, da ordem social contra a selvageria*”³¹. Para Fischler, o biológico, o social, o fisiológico e o imaginário são fatores estreitamente ligados ao ato alimentar. Na parte final do livro, há um destaque para a situação gerada pelo medo da gordura, criando uma sociedade considerada “lipofóbica”.

Uma das discussões mais interessantes propostas por Fischler, refere-se às impressões diferenciadas que esta mesma sociedade confere aos corpos conforme o gênero feminino ou masculino. Com este mesmo direcionamento, aparece outra publicação de Fischler, desta vez junto com Estelle Masson, intitulada *Comer. A alimentação de franceses, outros europeus e americanos*, estudo que procura investigar as atribuições e significados culturais atrelados aos conceitos que envolvem o ato de comer³². Após uma série de entrevistas, foi possível notar traços culturais bastante distintos entre europeus do sul, europeus do norte e americanos, principalmente em relação aos significados que atribuem ao alimento e à refeição.

Seguindo a tendência de estudos voltados para o universo alimentar e para as especificidades culturais em diferentes tempos, temos a contribuição de Jean-Pierre Poulain, no livro intitulado *Sociologias da Alimentação*. Nele, Poulain procura entender a construção do normal e do patológico na alimentação, investigando fatores que se conectam às representações dadas ao comer. Para ele, há no século XX uma tendência em considerar a tese da modernidade alimentar como um dos fatores que mais afetam os comensais e a comensalidade³³. A modernidade alimentar serve para explicar tanto os casos de obesidade quanto as mudanças na sociabilidade da refeição. “*O discurso se desenvolve então sobre a necessidade de restaurar os bons hábitos (...) ou de ‘reeducar*

³⁰ FICHLER, Claude. *L'omnivore: le goût, la cuisine et le corps*. Paris: O. Jacob, 1990.

³¹ Tradução livre do trecho: “Si l'alimentation humaine a besoin d'être structurée, elle est en même temps fondamentalement structurante: individuellement parce que, comme nous l'avons vu, elle socialise et acculture l'enfant; collectivement, parce qu'elle symbolise et traduit dans ses règles le triomphe de la culture contre la nature, de l'ordre social contre la sauvagerie”. FICHLER, Claude. *L'omnivore... Ibid Idem*, pp. 389-390.

³² FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. *Comer. A alimentação de franceses, outros europeus e americanos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

³³ POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, p. 135.

o comedor moderno'. Esta atitude esquece que as refeições e mais amplamente as ingestões alimentares não são somente ingestões individuais, mas também resultado de uma série de situações e de pressões sociais”³⁴. A forma como o alimento é ingerido denota uma efetiva representação dos valores sociais.

Muitas vezes, tais valores ganham sustentação com base em preceitos científicos que irão colaborar para a disseminação de esquemas normativos. No entanto, Poulain lembra que a ciência e a norma concorrem com os aspectos do senso comum e crenças populares historicamente transmitidas, colaborando para a formação daquilo que alguns autores chamam de cacofonia alimentar³⁵. Outro ponto analisado por ele diz respeito à estigmatização da obesidade e a classificação deste corpo como “anormal”. A estigmatização está ligada ao processo de transformação das representações e às interações sociais que acompanham o corpo diferente e o classificam como desviante. Veremos que as representações corporais, a partir dos anos 1980 trazem um paradoxo: este mesmo corpo deslumbrado, visualizado e cuidado é também o corpo explorado, da medicalização e das técnicas e aparelhagens vendidas comercialmente.

Sobre a situação da alimentação na contemporaneidade, não podemos deixar de citar o livro *História da Alimentação*, de Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari, cuja seleção de textos reúne autores que percorrem trajetórias histórico-gastronômicas do Egito aos derradeiros anos deste último século³⁶. Nestes estudos encontramos posicionamentos muito semelhantes aos de Poulain, feitos – novamente – pelas mãos de Claude Fischler. No capítulo chamado *A Mc'donaldização dos costumes*, o autor nos oferece algumas perspectivas em relação a fenômenos como a comida rápida, o comer fora, a dessacralização da refeição e a centralidade da segurança alimentar nas relações entre seres humanos e alimentos³⁷.

O contexto gerador do estilo de alimentação altamente processada, compartimentada e mundializada foi, aliás, assunto que rendeu tema de análise aos historiadores Carlos Roberto Antunes dos Santos no texto *O império Mc'Donald e a*

³⁴ POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação... Ibid Idem*, p. 136.

³⁵ O termo cacofonia alimentar foi elaborado por Claude Fischler em *L'omnivore... Op. Cit.*, 190, e refere-se à confusão de conhecimentos e conceitos ligados, principalmente à alimentação e à saúde.

³⁶ FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

³⁷ FISCHLER, Claude. *A Mc'donaldização dos costumes*. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação. Op. Cit.*, pp. 841-862.

*Mc'Donaldização da sociedade: alimentação, cultura e poder*³⁸, e Henrique Carneiro em *Comida e Sociedade*³⁹.

Em seu artigo, Antunes dos Santos propõe uma análise da atuação desta grande rede de *fast food* pensando em moldes muito semelhantes à ascensão de um império. Ao demonstrar, historicamente, a consagração deste modelo alimentar, o autor nos leva a compreender a conjuntura econômica e cultural que permitiu a aceitação do sabor e do estilo de refeição oferecido pelas lanchonetes Mc'Donalds. A ligação entre contexto e *fast food* também foi analisada por Carneiro, que considera o Mc'Donalds um estereótipo para explicar as facetas do capitalismo após a 2ª Guerra Mundial, com a ascensão do carro e das classes médias, a industrialização dos processos produtivos, o fetiche da marca, a valorização do entretenimento e do lazer, o marketing, a padronização do gosto e o consumo de produtos descartáveis⁴⁰.

Embora todos os estudos abordem temáticas bastante diferenciadas, podemos notar alguns pontos em comum em todos os trabalhos mencionados e um deles chama a atenção: a relação que o corpo mantém com as diferenciações de gênero. Para entendermos como toda esta situação incidiu sobre os corpos femininos, percorreremos os caminhos propostos pelas análises de autoras feministas como Naomi Wolf, Susan Bordo e Alison Jaggar. A primeira, através do estudo que resultou no livro *O mito da beleza: como as imagens são usadas contra as mulheres*, procurou levantar fatores e dados a respeito das conquistas femininas na segunda metade do século XX, para elaborar argumentos sobre a nova realidade feminina e mostrar que muitas das limitações que envolvem as mulheres foram apenas re-significadas. Ou seja, o abandono de práticas inaceitáveis para a maioria das mulheres ocidentais do século XX não garantiu a sua libertação.

Na verdade, o que aconteceu foi o aperfeiçoamento de tais práticas, sendo cada vez mais difíceis de serem detectadas. Para ela, “*como a economia, a lei, a religião, os costumes sexuais, a educação e a cultura foram forçadas a abrir um espaço mais justo para as mulheres, uma realidade de natureza pessoal veio colonizar a consciência*

³⁸ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *O império Mc'Donald e a Mc'Donaldização da sociedade: alimentação, cultura e poder*. In: DORÉ, Andréa C.; LIMA, Luis Felipe Silvério; SILVA, Luiz Geraldo. *Facetas do império da história: conceitos e métodos*. Brasília: Capes, 2008, p. 301.

³⁹ CARNEIRO, Henrique S. *Comida e Sociedade... Op. Cit.*, p. 72.

⁴⁰ *Ibid idem*, p. 107.

feminina”⁴¹, sendo a consciência pessoal um dos principais imperativos que cercam a atuação social e política das mulheres.

Susan Bordo e Alison Jaggar reúnem textos que discutem sexualidade, corpo e a formação do próprio feminismo no livro *Gênero, corpo e conhecimento*. Uma das principais análises encontradas na publicação refere-se à produção da feminilidade, utilizando a proposta interpretativa de Foucault. Para Bordo, autora deste texto, a constante inculcação da necessidade de mudanças nos corpos e, em especial no corpo feminino, faz com que as mulheres estejam menos ligadas às motivações sociais e mais à auto-modificação e à auto-disciplinarização⁴². Nisto, estariam assentadas as práticas de feminilidade caracterizadas por estratégias de controle social historicamente duradouras.

Entre os estudos nacionais, há uma extensa produção que elege o corpo e os mecanismos de controle como objetos de estudo, também emplacados pela vertente de estudos feministas. São trabalhos que tratam das interações entre corpo e mídia, como os desenvolvidos por Fabíola Rohden, ao buscar a formação do corpo e as políticas de gênero na mídia televisiva e imprensa brasileira nos últimos anos do século XX⁴³. Ou ainda, textos que tratam da organização do saber médico-científico em torno do corpo feminino, como o trabalho desenvolvido por Ana Paula Vosne Martins, em *Visões do Feminino*, apontando para a formulação de conhecimentos a respeito das diferenças humanas⁴⁴. Sobre os modelos envolvendo os papéis de homens e mulheres nas décadas de 1960 e 1970, temos o estudo de Maria de Fátima Cunha, *Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido?*, no qual considera como ponto de partida o universo das representações sobre o feminino em revistas destinadas a este público⁴⁵.

Os processos e as práticas de modelagem dos corpos, dentre elas a alimentação, são objetos de trabalho que a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna procura divulgar por meio de suas publicações. Tem-se como exemplo o livro *Políticas do*

⁴¹ WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 20.

⁴² BORDO, Susan R.; JAGGAR, Alison M. (Org.). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 20.

⁴³ ROHDEN, Fabíola; RIBEIRO, Claudia Regina. *A ciência na mídia e as estratégias de reafirmação da bipolaridade entre os gêneros: o caso do Globo Repórter*. In: Cadernos Pagu (32), janeiro-junho de 2009: 267-299.

⁴⁴ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino. A medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

⁴⁵ CUNHA, Maria de Fátima. *Homens e mulheres nos anos 1960/70 : um modelo definido?* In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, pp. 201-222, 2001. Editora da UFPR.

*corpo: elementos para uma história das práticas corporais*⁴⁶, no qual reúne trabalhos de diferentes autores preocupados com o lugar do corpo na história, e em textos como *Cultos e enigmas do corpo na história*, no qual reflete acerca das possibilidades analíticas de se desvendar o corpo não apenas por meio dos cuidados e das técnicas a ele aplicadas, mas pela perspectiva dos sentimentos, dos gestos e das sensibilidades⁴⁷.

Outra forma de estudar o corpo, empreendida por Sant'Anna, acontece por meio de estudos sobre as técnicas de embelezamentos, como no caso de cirurgias plásticas, exercícios físicos e dietas alimentares. Em relação aos exercícios físicos temos o artigo *Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções*⁴⁸, que procura as ligações históricas entre técnica e cultura a partir do desenvolvimento de corpos, ou quando trata especificamente da alimentação ao atentar para as mudanças nos hábitos alimentares, a exemplo do texto *Transformações das intolerâncias alimentares em São Paulo, 1850-1920*⁴⁹ que, embora não una explicitamente as problemáticas do corpo e da alimentação, demonstra a inclinação para a historicidade das relações alimentares. Por fim, vale destacar a reflexão sobre a magreza como ideal de beleza e os efeitos de tal situação no contexto brasileiro, elaborada em *Brasil: o belo, o esbelto, o sadio*, presente no já citado livro de Claude Fichler e Estelle Masson⁵⁰.

A incidência do corpo e da alimentação como objetos de pesquisa, assim como o desenvolvimento de conceitos para estas duas instâncias do conhecimento, permite-nos notar que o corpo ganhou autenticidade, espaço e relevância ao longo do século XX. As noções engendradas pelos autores aqui mencionados revelaram um corpo não apenas passível de análise por ser visível, mas por ser marcado, historicamente situado, adestrado e alinhado aos principais referenciais de seu período. Por isso, tratar as questões que envolvem o corpo, tal como a comida que o alimenta, torna-se um desafio trazido pelos paradoxos, pelas coincidências e pelo que emerge das representações.

Neste trabalho, a delimitação temporal foi estabelecida pelos questionamentos propostos pela pesquisa. A tentativa de entender as formações de práticas, condutas e

⁴⁶ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

⁴⁷ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cultos e enigmas do corpo na história*. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). *Corpos e subjetividades...Op. Cit.*, p. 109.

⁴⁸ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções*. *Motrivivência*, ano XL, nº15, ago/2000.

⁴⁹ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Transformações das intolerâncias alimentares em São Paulo, 1850-1920*. In: *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 42, 2005, pp. 81-93.

⁵⁰ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O belo, o esbelto o sadio*. In: FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. *Comer. A alimentação de franceses, outros europeus e americanos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

discursos, nos remeteu às décadas de 1970 e 1980, por ser um período de ruptura no cenário alimentar que se fortalecia desde meados do século XX, através da consagração do consumo de comidas prontas e industrializadas e do estilo de vida daí decorrente. Pesquisas realizadas com base em dados estatísticos sobre o consumo domiciliar de alimentos no Brasil⁵¹, demonstraram que as principais mudanças no padrão de consumo alimentar aconteceram entre as décadas de 1970 e 1980, caracterizando um importante período de ruptura e transição do padrão alimentar.

Em relação ao corpo, o que se percebe, a partir do final da década de 1960 e durante toda a década de 1970, é a contestação do ideal de corpo predominante desde a Segunda Guerra Mundial. Surge uma espécie de contra-modelo, inspirado em referências das culturas orientais e com forte caráter naturalista. O corpo deveria ser pensado em concordância com a mente e o espírito e as técnicas procuravam a harmonia com a natureza. Ao longo dos anos 1980, é perceptível a intimidação do projeto naturalista e o recrudescimento do ideal contrário, retomando novamente a construção dos corpos com base na eficiência e beleza. É um momento especial, pois passam a atuar sobre os corpos as complexas redes de discursos e controles, mediadas pelos meios de comunicação, pela criação de órgãos, manifestos e movimentos internacionais e pela variedade de discussões sobre saúde, corpo e alimentação, como atesta Sant'Anna⁵². Um exemplo de conduta própria deste cenário é o aumento do número de casos de pessoas que sofrem de anorexia. Segundo Susan Bordo, “*o corpo emaciado da pessoa com anorexia apresenta-se evidentemente como uma caricatura do ideal contemporâneo de esbeltez exagerada para as mulheres, um ideal que, apesar da resistência irônica das diferenças raciais e étnicas, tornou-se a norma para as mulheres de hoje*”⁵³. Desta forma, o ideal de magreza possibilita uma importante discussão tanto sobre os discursos de gênero quanto dos fatores históricos da constituição de tal corporalidade.

Como o tema é território de investigações diversas, é preciso delimitar o corpo e a dieta que iremos analisar. Os materiais estudados trazem a ideia de dieta em concordância com o seu significado contemporâneo, no qual a ciência aparece como o

⁵¹ MONDINI, Lenise; MONTEIRO, Carlos A. *Mudanças no padrão de alimentação da população urbana brasileira (1962-1988)*. In: Revista de Saúde Pública, v. 28, n.6. São Paulo, dez. 1994.

⁵² SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Transformações das intolerâncias alimentares em São Paulo... Op. Cit.*, p. 84.

⁵³ BORDO, Susan. *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault... Op. Cit.*, pp. 24-25.

discurso fundador. Assim, tem-se a “*concepção de construção científica de uma dieta humana, universal, que possa alimentar todos os homens e mulheres de diferentes culturas, gerações, classes e etnias. Evidencia-se a ideia utópica de dieta humana perfeita para a busca da saúde perfeita e, por conseqüência, do corpo perfeito*”⁵⁴. Assim, qual é o corpo que esta dieta quer construir? Neste sentido, a dieta recai sobre um ideal de “corpo modular”, no qual a normatização se dá na convergência da ciência, da mídia e do consumo. Em um quadro mais amplo de técnicas e práticas para a modelagem dos corpos, a dieta torna-se um mecanismo essencial, contínuo e frequentemente associado a outros métodos, a exemplo da prática regular de exercícios físicos.

Tendo em vista o exposto, o estudo das práticas de regulação alimentar se torna constantemente mediado pelas delimitações da corporalidade e, como veremos no decorrer deste trabalho, pela construção de subjetividades marcadas pelo próprio corpo. Para se ter acesso aos significados sobre o corpo e o comer dos indivíduos na conjuntura em questão, optamos pela utilização de metodologias provenientes das representações sociais.

O QUE REPRESENTA A REPRESENTAÇÃO?

É oportuno, devido às colocações mencionadas, fazermos algumas observações acerca das representações sociais que servirá como ferramenta metodológica deste trabalho. Um dos objetivos deste estudo é entender como se constituem as alteridades formadas com base no corpo, ou ainda como se constituem os ideais ligados ao corpo e ao comer. Para ter acesso a questões como estas, partimos do entendimento de que a interação humana, em sua abrangência coletiva e social, serve de lugar à alteridade que, por sua vez, permite a análise das representações sociais. Embora ligada à interação social, a alteridade é também condição necessária para o desenvolvimento simbólico e para o próprio desenvolvimento do “eu”. Ou seja, a formação da alteridade se dá na medida do contato com o outro e a sua posterior internalização⁵⁵.

⁵⁴ SANTOS, Lígia Amparo da Silva. *O corpo, o comer e a comida... Op. Cit.*, p. 41.

⁵⁵ JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 65.

A representação social incide, enquanto metodologia, sobre a articulação entre fenômenos individuais e fenômenos sociais. Ao retomarmos a discussão acerca do indivíduo na hipermodernidade, nota-se que os postulados explicativos a que nos referimos procuram desvendar os afetos individuais e relacioná-los, também, às estruturas de entendimento do coletivo. Segundo Serge Moscovici⁵⁶, a representação social enxerga os fenômenos psicológicos do ponto de vista da vida social e cultural.

Não é difícil deixar-se conduzir para uma perspectiva dualista entre individual *versus* coletivo. Na verdade, esta é uma situação que deve ser tratada com cuidado, para que o indivíduo não acabe subordinado às interações de cunho social. Afinal, as sociedades formadas pelos indivíduos possuem características próprias, que podem ser exemplificadas na atividade constante deste mesmo indivíduo enquanto constrói o mundo e a si mesmo. “*A dimensão cognitiva, afetiva e social estão presentes na própria noção de representações sociais*”⁵⁷.

Partindo principalmente do conceito de “representação coletiva” de Durkheim, a teoria das representações sociais teve diferentes apropriações conforme o contexto no qual se desenvolveu. Um exemplo disto é verificado na contraposição entre os modelos europeu e norte americano. Este, mais do que aquele, procura fundamentar a teoria no indivíduo e em sua dimensão psicológica, característica oposta ao que acontece no cenário europeu, especialmente na França, onde o foco recai sobre os aspectos sociológicos. Na América Latina há uma tendência em seguir o modelo europeu.

Historicamente, a especialização do conhecimento teve sua intensificação no século XIX remetendo a convenções de que as representações coletivas, por exemplo, cabiam à sociologia e antropologia enquanto as representações individuais cabiam apenas aos cuidados da nascente psicologia. No cerne desta separação estava a crença de que os postulados que regiam o nível individual não cabiam ao coletivo e vice-versa. Alguns teóricos ousaram mesclar as duas noções, a exemplo de Freud que entendia parte dos sonhos (individuais) como reflexos das representações coletivas⁵⁸. Assim, a representação social serviria para analisar os fenômenos psicológicos do ponto de vista da vida social e cultural.

⁵⁶ MOSCOVICI, Serge (1994). Prefácio do livro: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais... Ibid Idem*, p. 8.

⁵⁷ *Ibid Idem*, p. 20.

⁵⁸ FARR, Robert M. *Representações Sociais: a teoria e a sua história*. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais... Op. Cit.*, p. 39.

De acordo com Farr, é mais prudente falar em representações sociais em lugar de representações coletivas, pois em sociedades altamente complexas, fluidas e mutáveis, poucas são as reais representações coletivas. Neste sentido, concordamos com Moscovici pela escolha de uso do termo representação social em estudos que abrangem o século XX, como por exemplo, na consideração da ciência enquanto uma das formas modernas mais fecundas de representações⁵⁹. Aqui, é válido mencionar o trabalho elaborado por Londa Schiebinger ao demonstrar a forma como a elaboração do conhecimento científico foi influenciada por questões políticas tendo incidido diretamente nas alteridades dos corpos. A autora demonstra a forma como um dado processo considerado racional por ser coletivo, é constituído por escolhas específicas e individuais que foram fundamentais para a criação dos limites e das concepções do conhecimento científico sobre a mulher e o corpo feminino. Ao fazer isso, Schiebinger demonstra, entre outras coisas, a atuação do senso comum e os usos políticos de ideologias pré-determinadas durante a construção da moderna ciência sobre o feminino.

A ciência e o senso comum, por seu turno, estão presentes em um dos questionamentos feitos por Moscovici, no qual discute quais fenômenos atuais permitem executar a teoria da representação social de maneira mais ampla. Ele chega à conclusão de que a teoria pode servir para avaliar a ciência, os mitos, as ideologias, as religiões e o senso comum. No caso deste último, é possível entender as ocorrências cotidianas do senso comum, por meio do estudo de fontes midiáticas de grande circulação.

Os símbolos disseminados pelos meios de comunicação têm importância atrelada ao desenvolvimento de uma realidade compartilhada, *“de tal forma que a experiência de um, ao se mesclar com a experiência de outros cria continuamente a experiência que constitui a realidade de todos”*⁶⁰. Tal afirmação une-se à noção de intersubjetividade, pois o indivíduo encontra-se na junção entre o mundo que já é e o sujeito que ele deverá tornar-se. Para Jovchelovitch, o espaço público é o domínio comum no qual os indivíduos se inter-relacionam. Em tempos de hipermodernidade e do entendimento da supremacia do indivíduo, fica mais nítida a compreensão de que o sujeito não é dotado de uma absoluta liberdade e supremacia sobre si. Há sim, a intersubjetividade que o coloca em relação direta com a sociedade e com o contexto.

⁵⁹ FARR, Robert M. *Representações Sociais: a teoria e a sua história... Ibid Idem*, p. 45.

⁶⁰ JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais... Op. Cit.*, p. 74.

Pelas características envolvidas no processo de análise, as representações sociais se tornam mais adequadas quando comparadas, por exemplo, à noção de representação desenvolvida por Roger Chartier. Para ele, compreender o processo pelo qual os seres humanos modificam o seu estado psíquico e adotam mecanismos de controle, envolve analisar a circulação de modelos culturais e a sua difusão, pensando sempre no limite da tensão produzida entre dominantes e dominados, ou melhor, entre a constituição de uma distinção pela diferença e a sua apropriação pela imitação social ou aculturação⁶¹. Ele ainda menciona que o conceito de apropriação visa a uma história social das formas, usos e interpretações inscritas nas práticas que os produzem⁶². Concordamos com Chartier em muitos sentidos, mas nos distanciamos dele pela forma como a questão da circulação recai sobre o contexto.

Segundo Mary Jane Spink, existe duas possibilidades de se entender o contexto: por meio do espaço social e por meio da perspectiva temporal. Nesta última, pode-se pensar em três faces: o tempo curto da interação (abarca a representação); o tempo da construção da socialização (ou *habitus* para usar o conceito de Bourdieu) e o tempo longo de domínio da memória coletiva e do imaginário social⁶³. Assim, a análise do discurso referente aos corpos e à alimentação procura compreender o processo de elaboração das representações procurando cruzar os diferentes tempos mencionados por Spink. A interpretação seria, portanto, a representação de uma representação em função da proximidade de conteúdos⁶⁴.

O cruzamento dos conceitos de representação e imaginário ocorre na medida em que um imaginário social pode ser reformulado por meio de símbolos, mitos, alegorias, etc. Os usos que se faz de uma memória já constituída e ligada ao conceito de ciência pode explicar a associação entre a dieta e o cuidado com o corpo. Normalmente, a manipulação do imaginário social é mais facilmente percebida quando são analisados os aspectos políticos. Em nosso caso, o uso do conceito de representação acontece, pois a dieta representa uma ação tomada por um indivíduo com uma finalidade previamente estabelecida: moldar o corpo, curar uma doença, cuidar do espírito ou preservar a saúde. A ideia de cuidado de si por meio de dietas traz uma série de representações que,

⁶¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 223.

⁶² CHARTIER, Roger. *O mundo como representação... Op. Cit.*, p. 68.

⁶³ SPINK, Mary Jane. *O estudo empírico das representações sociais*. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações... Op. Cit.*, p. 122.

⁶⁴ *Ibid idem*, p. 142.

através de discursos diversos irão compor a rede de vozes que farão usos de significados já existentes na sociedade para, então, reconstruí-los.

A questão da representação e da significação foi levantada por Ana Paula Vosne Martins, ao analisar a gênese das diferenças sexuais no campo da biologia, no século XVIII, que substituiu o antigo modelo da homologia sexual. Sobre tal modelo impera a noção de que os corpos não eram determinantes para as diferenças sexuais. As diferenças que realmente contavam eram as de gênero. Ela oferece uma interpretação para a continuidade deste modelo e o descompasso entre a explicitação das diferenças que vinham à tona na mesa dos anatomistas e a continuidade do modelo de sexo único: “*a explicação para tal descompasso entre o que era visto e o que era representado nos textos e nas ilustrações está na política cultural da representação, na relação entre representação e realidade*”⁶⁵. Com isto, se percebe a importância do significado para que a diferença se torne realidade concreta.

O discurso presente em textos midiáticos, pela sua diversidade e mutabilidade, torna-se um desafio ao processo de construção da análise com base em representações sociais. Mas certamente é possível, com os usos das ideias de interação, indivíduo e contexto. O trabalho histórico com fontes midiáticas traz uma série de implicações metodológicas e quando estas fontes se encontram num universo segmentado e repleto de influências, o trabalho se torna ainda mais complexo. No entanto, a segmentação (e as revistas como meio privilegiado desta segmentação) acaba representando uma pseudo-individualização promovida pela cultura de massa. Como a revista é suscetível ao público a que se destina, acaba sendo um excelente indicativo sobre este público.

No Brasil, a utilização de periódicos em pesquisas históricas aumentou conforme se intensificava a busca pela renovação temática “*perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens, as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim, uma miríade de questões antes ausentes do território da História*”⁶⁶. Um fato, ideia ou assunto, para merecer uma publicação, mereceu destaque para um determinado grupo de pessoas. A análise de um periódico é, no limite, análise circunstanciada de seu

⁶⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino... Op. Cit.*, p. 28.

⁶⁶ LUCA, Tania Regina de. *História do, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 113.

lugar de inserção⁶⁷. Antes, porém, de partir para a análise dos periódicos, veremos as condições do corpo e da alimentação neste contexto hipermoderno.

As questões levantadas são, portanto, pontos que continuamente se inter-relacionam e abrangem importantes características das discussões acerca do corpo, da corporeidade, da alimentação e dos aspectos históricos da relação dos indivíduos consigo mesmos, com o espaço e no seu tempo.

Tendo em vista o exposto, procuramos dividir o estudo em três capítulos. O primeiro deles direciona-se ao estudo sobre as transformações nas sensibilidades contemporâneas, a fim de situarmos aspectos conjecturais, nos quais o corpo em questão está sendo formado. É dada especial atenção às questões psíquicas e subjetivas a fim de entendermos o que diferencia o indivíduo do século XX dos indivíduos de outros tempos. Passamos, então, à análise do corpo, em especial do corpo feminino, no contexto em questão e por fim, a relação de todos estes aspectos com as variações nas formas alimentares.

No segundo capítulo iniciamos a análise de fontes, procurando compreender, num primeiro momento, o crescimento dos meios de comunicação no país e a consolidação de títulos impressos como as revistas *Veja* e *Claudia*. Em seguida passamos à análise da revista *Veja*.

Por fim, o terceiro capítulo reúne a análise da revista *Claudia*. Num primeiro momento foi necessário compreender a maneira como as mulheres se relacionam com as revistas por meio de uma breve investigação histórica sobre o desenvolvimento da imprensa feminina e das formas de representação das mulheres. Em tais representações, procuramos compreender o modo pelo qual a subjetividade da mulher é constituída com base na manutenção de um corpo belo e esbelto, por meio de técnicas dietéticas e comportamentais. Também procuramos analisar os modos como são apresentadas as práticas de regulação alimentar no decorrer do período estudado.

⁶⁷ *Ibid idem*, p. 141.

1.1. AS SENSIBILIDADES CONTEMPORÂNEAS

Por sua abrangência, os temas alimentação e corpo reúnem elementos que permitem a análise da conjuntura histórica e das maneiras de sentir dos indivíduos em aspectos puramente cotidianos. Embora o ato de alimentar-se seja, ao fim e ao cabo, uma necessidade biológica individual, as escolhas que envolvem tal experiência são incomensuravelmente tangenciadas por motivações sociais, históricas, psicológicas, econômicas e culturais ligadas ao contexto em que foram forjadas⁶⁸. O mesmo acontece com a relação que os indivíduos mantêm com seus corpos. Para tanto, é necessário situar o modo como os indivíduos agem, refletem e experimentam o mundo ao seu redor, bem como analisar os modos pelos quais mantêm a relação sujeito-sociedade a partir da investigação conjectural. Proponho, portanto, uma breve análise das teorias sobre as sensibilidades ocidentais na segunda metade do século XX.

Ao longo do século XX, os seres humanos que habitam a parte Ocidental do mundo se depararam com duas grandes guerras, aceleradas mudanças tecnológicas, perda de importantes referenciais ideológicos e ganho de diferentes tipos de liberdades. A segunda metade do século XX foi marcada pela Guerra Fria no campo político e pelos chamados Anos Dourados nos campos econômico e cultural. Para Eric Hobsbawm, as mudanças mais fundamentais e sem precedentes na história humana ocorreram após a 2ª Guerra e não foram apenas em marcos históricos políticos como a Guerra Fria, mas principalmente, pelas transformações estruturais em seu interior⁶⁹. As mudanças a que o autor se refere são aquelas associadas ao conjunto de elementos que incidiram sobre os aspectos culturais e materiais e mudaram profundamente as estruturas do ser-estar no mundo.

Pela perspectiva da hipermodernidade⁷⁰, o indivíduo formado neste período é essencialmente individualista, é “*uma personalidade que se inscreve no universo da*

⁶⁸ A formação do gosto é bastante complexa. Considera-se que está ligada aos critérios de valoração estabelecidos pelos meios social, cultural e histórico e pelas questões subjetivas e psicológicas. Há, portanto, duas acepções para se pensar o gosto: uma enquanto sensação individual e subjetiva, e outra enquanto um saber compartilhado, coletivo, de aceitação do que é bom ou ruim, aceitável ou interdito. Sobre isso ver: MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2008.

⁶⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 253.

⁷⁰ Neste trabalho, utilizaremos o conceito de hipermodernidade. Para explicar tal escolha, nos valem da ideia de que a sociedade e os indivíduos contemporâneos não representam uma ruptura com a

*mundialização econômica cada vez mais dominada pelas leis do ritmo e estruturada por um tempo mundial que se acelera e se comprime. Uma personalidade que evolui em uma sociedade da satisfação imediata*⁷¹. Neste contexto a atenção do indivíduo volta mais para si e menos para uma causa ou ideologia. Para Norbert Elias, os seres humanos sempre construíram a imagem que têm de si fundamentados na antítese indivíduo *versus* natureza, o que caracterizaria a forma como interação consigo mesmo e com o mundo externo.

Mas à medida que se tornaram mais capacitados para controlar a natureza, esta antítese foi perdendo valor. “*Com a crescente mudança nas relações entre os seres humanos e as forças naturais extra-humanas, estas últimas vão aos poucos perdendo terreno como elemento da noção de um ‘mundo externo’ oposto ao ‘mundo interno’ humano. Em lugar delas, o abismo entre a parte ‘interna’ do indivíduo e as outras pessoas, entre o verdadeiro eu interior e a sociedade ‘externa’, desloca-se para o primeiro plano*”⁷². O resultado é a separação cada vez crescente do interno e do externo e o reconhecimento do eu interior, valorizando-se agora não apenas pela razão, mas também pelos sentimentos. O que Elias faz é chamar a atenção para a supremacia do humano. Quando o humano é pensado em conjunto, ou seja, em seus aspectos sociais, não se pode convergir para uma dicotomia do tipo indivíduo *versus* sociedade.

A valorização do indivíduo, de acordo com Elias, remete ao entendimento de que a realização pessoal depende, predominantemente, da vontade e perseverança de cada um. “*O controle da natureza, o controle social e o autocontrole compõem uma*

modernidade, mas sim, a exacerbação e radicalização desta modernidade. Verifica-se uma tendência ao uso destas noções, especialmente em trabalhos elaborados por Marcel Gauchet, Robert Castel, Zygmunt Bauman e Michel Maffesoli, entre outros. Em uma perspectiva histórica, o período conhecido por modernidade começa na Renascença, sobretudo com o desenvolvimento da ciência autônoma. A modernidade estava assentada em três noções fundamentais: o progresso constante das sociedades; a valorização da razão e do racionalismo e a felicidade conduzida pela ciência e pelo progresso: AUBERT, Nicole. *L'individu hypermoderne*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès: 2006, pp. 13-14. O termo pós-modernidade (utilizado inicialmente para designar um momento específico na arquitetura, artes plásticas, literatura, etc.) remetia à ruptura com a modernidade e passou a ser utilizado, também, para explicar um período no qual se verifica o desengajamento social e espiritual dos indivíduos e a “perda de grandes referenciais ideológicos” – sobre isso ver LYOTARD (1979) – e o enfraquecimento de estruturas tradicionais de sociabilidade (família, partido, clube). Os indivíduos pós-modernos e hipermodernos são os mesmos, a diferença está nos postulados explicativos para analisar a sociedade (AUBERT, *Ibid Idem*, p. 15). Tais postulados costumam associar, por exemplo, as estruturas políticas e de poder aos efeitos na psicologia coletiva. Ou ainda, creditar à ideia de abundância e não à de progresso, a característica essencial do modo de pensar contemporâneo – ver Georges BALANDIER (1994).

⁷¹ Tradução livre do trecho: “Une personnalité qui s’inscrit dans l’univers de la mondialisation économique, de plus en plus dominé par les lois du marché et structuré par un temps mondial qui s’accélère et se comprime. Une personnalité qui évolue dans une société de la satisfaction immédiate”. AUBERT, Nicole. *L'individu hypermoderne*.... *Ibid Idem*, p. 16.

⁷² ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p. 106.

*espécie de anel concatenado: formam um triângulo de funções interligadas que pode servir de padrão básico para a observação das questões humanas*⁷³. O processo de individualização aparece aqui atrelado a outros processos como a diferenciação dos papéis sociais. À situação que se cria, Elias remeteu ao termo *Zeitgeist*, ou “espírito da época” e, neste sentido, têm-se a construção de um sujeito que, embora se identifique com o seu ou os seus grupos sociais, tem a oportunidade de buscar sozinho a realização e satisfação pessoal. Esta é uma das características das sociedades industrializadas e urbanizadas. Além disso, ocorrem novas configurações nas formas de identificação, uma vez que são múltiplos os grupos a que podem pertencer cada indivíduo. Eles se dispersam e se mesclam em vários outros grupos⁷⁴.

O processo de dispersão extrema foi considerado por Zygmunt Bauman por meio da utilização de metáforas como “liquidez” e “fluidez” para explicar o que ficou amplamente conhecido pelo termo “modernidade líquida”. Nesta perspectiva:

As pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis (...) Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam guiados tão somente por sua imaginação e resolução e sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de ‘grupos de referência’ predeterminados a uma outra de ‘comparação universal’ em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado (...) ⁷⁵.

Historicamente, tal mentalidade aparece associada, entre outros elementos, ao desenvolvimento da sociedade de consumo. Na perspectiva econômica apresentada por Hobsbawm, uma das explicações para o extremo avanço verificado a partir da década de 1950 é a da re-estruturação e reforma do capitalismo e das relações humanas nele existentes. Hobsbawm menciona alguns elementos que caracterizam o período, tais como o desenvolvimento de uma economia mista (privado e público), a nova divisão internacional do trabalho e a união entre liberalismo econômico e democracia social, sem esquecermos também, da disseminação dos meios de comunicação. Desta forma, o

⁷³ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos...* *Ibid idem*, p. 116.

⁷⁴ *Ibid idem*, p. 108.

⁷⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, pp. 13-14.

surto econômico liga-se ao desenvolvimento tecnológico enquanto o desenvolvimento tecnológico associa-se à expansão do consumo. O autor elege três elementos principais para ilustrar tal momento: a transformação da vida cotidiana, o conhecimento aprofundado de processos e produtos e a aplicação de capital intensivo para a criação de novas tecnologias. A consequência imediata tem aplicação no aumento da produção e promoção dos bens de consumo.

Explicação semelhante foi apresentada por Manuel Castells, ao afirmar que o espírito originado no final da década de 1960 foi a coincidência histórica de três processos: a revolução da tecnologia da informação; a crise e reestruturação econômica do capitalismo e o recrudescimento de movimentos sociais como o ambientalismo e o feminismo⁷⁶. Ainda que Castells direcione sua análise especificamente para a informação, é possível notar a importância do desenvolvimento tecnológico como um todo para as novas formas de relacionamentos humanos. *“Por intermédio da tecnologia, redes de capital, de trabalho, de informação e de mercados conectaram funções, pessoas e lugares valiosos ao redor do mundo ao mesmo tempo em que desconectaram as populações e territórios desprovidos de valor e interesse para a dinâmica do capitalismo global”*⁷⁷

Na formação de uma sociedade de consumo são verificadas mudanças estruturais e ideológicas responsáveis por novas formas de sentir. Pode-se considerar o consumo como um modo ativo da relação tanto dos indivíduos entre si quanto com os objetos que servem de meio para erigir a atividade estrutural do sistema sócio-cultural. Claudine Haroche chega a afirmar que a forma moderna do sujeito está ligada ao consumo de mercadorias, fazendo com que as necessidades de consumo sejam parte constituinte e definidora dos sentimentos contemporâneos, baseados em “valores mercantis”⁷⁸. Proposta semelhante, defendida pelo filósofo Jean Baudrillard, atribui menos relevância aos aspectos econômicos e reaviva o olhar para os aspectos subjetivos deste processo⁷⁹.

Para Baudrillard, a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo. Ao desconsiderar a ideia do avanço tecnológico como responsável pela formação desta sociedade, o autor atribui como força fundadora o compromisso com os

⁷⁶ CASTELLS, Manuel. *Fim de Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 412.

⁷⁷ *Ibid idem*, p. 413.

⁷⁸ HAROCHE, Claudine. *Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno*. In: *Ágora*, v. VII, n. 2 jul/dez.2004, p. 230.

⁷⁹ BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 47.

princípios éticos e igualitários que se ligam ao mito da abundância e do bem-estar. Ou seja, o processo de desenvolvimento de uma democracia social estaria assentado nos mitos de igualdade e felicidade e estes seriam os elementos propulsores do desenvolvimento tecnológico. Em uma perspectiva sócio-histórica, toda a força política e revolucionária do século XIX foi transferida e depositada na felicidade. O autor faz referência a uma espécie de revolução do bem-estar responsável por organizar o sentimento em relação à necessidade. “*Perante as necessidades e o princípio de satisfação, todos os homens são iguais, porque todos eles são iguais diante do valor de uso dos objetos e dos bens*”⁸⁰. Nota-se aqui a exacerbação de dois princípios fundamentais da modernidade: igualdade e liberdade. Neste caso, a igualdade está muito intimamente ligada à felicidade, na medida em que todos devem ter as mesmas chances para conquistá-la. Entendida como um valor inexorável, a felicidade depende quase que exclusivamente de cada indivíduo. A trajetória individual e as escolhas irão mediar o processo e a trajetória dos caminhos de acesso à felicidade.

Alguns elementos têm sua radicalização nas sociedades hipermodernas. Entre eles podemos citar a volta à natureza numa espécie de culto ao que é natural. Embora, como afirmou Elias, haja uma antítese entre humano e natureza, a valorização do que é natural assume proporções generosas especialmente com os movimentos dos anos 1970 e seus desdobramentos nos anos 1980. Neste período houve o aumento do número de pessoas preocupadas com alimentos frescos, orgânicos e pouco processados.

Outro conceito com atuação alargada na sociedade hipermoderna é o da ciência. A ciência, em particular a ciência que atua sobre a saúde e a doença com o objetivo de melhorar o grau de satisfação dos indivíduos. Assim, acessível aos corpos, esta ciência torna-se banalizada. Todos são um pouco cientistas, muitos dominam ou conhecem técnicas específicas e, inevitavelmente, quase todos procuram a ciência como forma de se auto-transformar em busca de eternas e constantes melhorias.

Adentrando rapidamente no campo da psicanálise, pode-se considerar o período inaugurado na década de 1970 e intensificado nos anos sub-sequentes, como o momento do aparecimento de uma nova economia psíquica caracterizada⁸¹, sobretudo, pela substituição do recalque dos desejos pela expressa satisfação das vontades. O que

⁸⁰ BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo... Ibid Idem*, p. 48.

⁸¹ MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2003, pp. 15-16.

acontece, portanto, é a exibição do gozo⁸² entendido como de direito. Para o psiquiatra Charles Melman, nesta nova economia psíquica o sexo, por exemplo, passa de uma relação de representação, para uma relação de apresentação, ou seja, se antes ocupava o lugar de esconderijo, hoje é encarado como uma necessidade fisiológica, assim como comer ou beber.

Seguindo o caminho proposto por Melman, podemos pensar que o próprio ato de comer ganha também novas dimensões. Alimentar-se nunca foi considerado um ato isolado em seus aspectos biológicos. Comer é também um ato social, cultural e histórico, ou seja, comida é a natureza transformada em cultura. O que se encontra no momento da nova economia psíquica é, portanto, a constatação de que a necessidade por comida extrapola as satisfações fisiológicas, sociais e culturais. Não é suficiente comer para satisfazer o corpo físico ou o corpo social é preciso comer e satisfazer, ainda, o desejo de apresentação. Dito de outra forma: é preciso que os caminhos de acesso aos objetos (neste caso, a comida) e a si mesmo, sejam assegurados por uma trajetória feliz e sem complicações, mas a comida já não é a comida que alimenta o corpo e a alma⁸³, é o alimento que está carregado de necessidades de consumo muito além do que se faz necessário para a manutenção física. Para Melman, este é o sujeito que passa a existir, ele é bruto, formidável em liberdade, mas estéril em pensamento.

Para Erich Fromm, este excesso de liberdade, abalou a estrutura emocional do indivíduo na relação que estabelece consigo mesmo. As características de uma personalidade destituída de impedimentos levam a sentimentos como falta de proteção, insegurança e ansiedade⁸⁴. Claudine Haroche, em estudo sobre a sociedade hipermoderna, tenta entender se a capacidade de sentir se mesclou ao próprio fato de experimentar sentimentos e ressalta a existência de um desengajamento, de um descompromisso que *“influencia profundamente e de maneira insidiosa as relações entre sensação, percepção, consciência, reflexão e sentimentos, levando ao*

⁸² Para Melman, o conceito de gozo se refere ao termo empregado por analistas, mas não devemos entendê-lo apenas por sua acepção usual. *“Com efeito, comumente o termo ‘gozar’ remete ao gozo sexual e, a esse título, deixa entender que parcialmente tem uma ligação com o prazer. Mas, simultaneamente, o gozo está além do prazer. (...) Assim, beber um vinho de qualidade pode ser qualificado de prazer, mas o alcoolismo transporta o sujeito para um gozo do qual ele seria, sobretudo, o escravo. Por extensão, a palavra pode ser utilizada para designar o próprio funcionamento de um sujeito enquanto aquele que repete infatigavelmente tal ou qual comportamento sem de modo nenhum saber o que o obriga a assim permanecer – como um rio – no leito desse gozo”*. MELAMN, Charles. *O homem sem gravidade... Ibid Idem*, p. 204.

⁸³ Em alusão à comida da alma, ou o alimento que estimula os sentidos, os sentimentos, a memória, a nostalgia, etc.

⁸⁴ FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1959.

esmaecimento das fronteiras entre objetos materiais reais e imagens virtuais”⁸⁵. Richard Sennett retoma a questão do desengajamento demonstrando uma certa preocupação com a falta de valores estáveis e duráveis⁸⁶, afinal, como entender a personalidade quando ela é tão flexível e mutável? Haroche observa um aspecto importante: “*ele [o indivíduo] se comunica ou se vincula apenas sob o modo da prudência, do controle de si, da dominação: ‘ele se afirma não ao se comprometer’, observa ainda, ‘mas ao se destacar’*”⁸⁷. A própria forma de ser das sociedades se mescla às formas de ser dos indivíduos no sentido de que sociedades globalizadas se tornam mais fluidas, mutáveis e com menos limites. E este indivíduo hipermoderno também assim o é.

1.2. A FORMAÇÃO DOS CORPOS HIPERMODERNOS

No século XX, as sensibilidades das condutas e seu paralelo nos corpos estão intimamente relacionadas ao recrudescimento e disseminação de noções à respeito da ciência, ao conceito de natureza, à medicina, às transformações políticas e as já citadas mutações dos indivíduos. E cada uma destas noções tem uma trajetória. É imprescindível o papel da ciência para a legitimação das alteridades corporais⁸⁸. Nos séculos XVIII e XIX, por exemplo, os cientistas passaram a descrever e classificar as diferenças em todos os seres vivos.

O conceito de natureza começa a ter a sua forma moderna delineada no século XVI e a partir dele, as diferenças passaram a ser inventariadas e normatizadas não apenas em corpos de homens e mulheres, mas em todos os seres vivos que se conhecia. No século XIX, tais questões se juntaram a fatores políticos, promovendo desdobramentos que ganharam notoriedade social. Para se pensar o gênero, por

⁸⁵ HAROCHE, *Maneiras de ser... Op. Cit.*, pp. 222-223.

⁸⁶ SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

⁸⁷ HAROCHE, Claudine. *Maneiras de ser... Op. Cit.*, p. 229.

⁸⁸ Chamarei de alteridade corporal a diferenciação baseada na forma corporal. Outras formas de entender a construção de alteridades podem ser pensadas. As alteridades sexual e racial foram importantes categorias desenvolvidas nos séculos XVIII e XIX e passaram a ser utilizadas para explicar, exemplificar e atribuir papéis sociais aos diversos tipos humanos. A alteridade está, pois, atrelada à interação com o outro e envolvida pelos aspectos sociais que permeiam tal interação.

exemplo, uma das grandes questões aconteceu com a entrada da Natureza no discurso científico e com a transformação da ciência em ideologia.

Para Thomas Laqueur, esta situação se origina de duas mudanças: uma epistemológica e outra política. A mudança epistemológica está ligada ao contexto da revolução científica, estimulada pela teoria mecanicista, pelo empirismo, pelo funcionalismo e pelo abandono de teorias cósmicas para explicar o corpo: “*a associação infundável de signos, entre corpo e cosmos, dá lugar à reduções a um plano único, o plano da natureza*”⁸⁹. A mudança política, por sua vez, aconteceu pelas novas configurações das esferas pública e privada e dos papéis sociais de homens e mulheres. Percebe-se, portanto, que a constituição de novos saberes foi marcada por interferências e divergências que acabaram sendo transpostas para os corpos. Utilizando o raciocínio desenvolvido por Foucault, de que o poder não é somente repressivo, mas que é também constitutivo e pode crescer e se organizar, nota-se que, além da organização dos saberes assentada sobre distinções de gênero, alguns corpos historicamente situados trazem marcas de forças que operaram sobre eles e que demonstram a constituição do controle social.

Os anatomistas do século XVIII, que cada vez mais desvendavam os corpos nas mesas de dissecações, se concentraram justamente nas partes que estavam se tornando politicamente significantes. Um exemplo disto foi o “*indício*” encontrado nos esqueletos femininos, no qual o tamanho do crânio era descrito como menor e isto comprovava a inferioridade intelectual das mulheres. O mesmo aconteceu com o quadril feminino, considerado parte tão significativa de sua anatomia, que era natural a disseminação dos ideais de maternidade. Laqueur acredita que a política de gênero afetou tanto a interpretação dos dados clínicos quanto a sua própria produção.

Londa Schiebinger defendeu semelhante argumento ao afirmar que neste período se procuravam coincidências entre o contexto que re-definia a posição das mulheres na sociedade e o aparecimento das representações de esqueletos femininos na Europa setecentista. Quando estes cientistas afirmavam que os esqueletos femininos eram menores, estavam reproduzindo nos corpos as mesmas características atribuídas ao ideal de feminilidade. A inscrição nos corpos tornava a diferença irrefutável, afinal, contra a evidência “*natural*”, quem poderia contestar qualquer argumento?

⁸⁹ ROHDEN, Fabíola. *O corpo fazendo a diferença*. In: MANA 4 (2): 127-141, 1998, p. 129.

A naturalização de comportamentos e as limitações atribuídas aos corpos femininos fazem parte de um conjunto discursivo que se re-significa ao longo do tempo. Alguns exemplos do entrelaçamento entre limitações nos corpos e seu paralelo na vida social, foram apresentados por autoras feministas ao levantar questões acerca dos modelos e ideais atribuídos às mulheres no século XX: “o corpo das mulheres e suas especificidades estão entre os temas principais em torno dos quais se têm construído as noções culturais que sustentam as diferenças de gênero e a subordinação feminina e isso vem se cristalizando através de tabus, mitos e ritos”⁹⁰. De acordo com Graciela Natansohn, algumas representações do corpo feminino têm sido negativas para as mulheres. Isso porque subordinam a mulher ao seu corpo, como no caso das interpretações dadas ao parto e à menstruação. Para ela, a imagem negativa se situa em pontos nos quais não se parece ter o controle social. No caso da menstruação, o controle sobre o ciclo menstrual ou o estímulo à sua supressão servem como forma de regulamentação a partir da medicalização.

Javier Lifschitz demonstra como o conceito “natural” foi utilizado como suporte de uma diversidade de representações sociais⁹¹. O natural pode ser entendido como parte constitutiva da própria *episteme* da ciência moderna. A justificativa por meio do natural e do perceptível colaborou para a formação de um ideal de feminilidade que atravessou os séculos e naturalizou os papéis das mulheres, ligados à maternidade, ao casamento e aos sentimentalismos de todo tipo. Para Elias a ideia de natureza, dentro das determinações da sociedade, aparece sob forma amistosa e “*embora possa ter lá seus caprichos, constitui um símbolo de tudo o que é bom, curativo, normal e sadio – em suma, natural*”⁹².

É possível verificar algumas conseqüências da limitação “natural” e social destas mulheres, através do aumento do número de casos de histeria no século XIX⁹³. Bordo refere-se ao comportamento feminino atrelado a um ideal de corpo que pode trazer graves conseqüências práticas. No século XX, ela lembra o espaço que a anorexia ganhou entre as mulheres e como isso, de certa forma, significa a exigência ou a naturalização de um corpo que deve ser conformado dentro de ideais específicos.

⁹⁰ NATANSOHN, Graciela L. *O corpo feminino como objeto médico e “mediático”*. In: Estudos Feministas, Florianópolis 13(2): 287-304, mai-agosto/2005, p. 293.

⁹¹ LIFSCHITZ, Javier. *Alimentação e cultura: em torno ao natural*. In: PHYSIS: Rev. De saúde coletiva, Rio de Janeiro, 7(2), 1997, p. 71.

⁹² ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos... Op. Cit.*, p. 107.

⁹³ BORDO, Susan. *O corpo e a produção da feminidade... Op. Cit.*, p. 23.

A autora lembra que as teorias feministas não trataram com a devida força as práticas concretas sobre o corpo feminino enquanto lugar de controle. No entanto, ao tentar desconstruir antigas verdades ou enfrentar questionamentos ousados é possível fazer com que importantes pilares do conhecimento sejam revistos e questionados justamente pelo que lhes é tão caro: as pretensões racionalistas e de imparcialidade.

Ao apresentar uma série de argumentos para a explicação de escolhas feitas durante a formação de novos saberes, Schiebinger consegue apontar para a parcialidade e para a historicidade na qual a ciência se construiu e, mais importante, para o entendimento de que toda esta construção serviu (e serve) para a reprodução de hierarquias e práticas políticas. O uso político de ideologias constituídas a partir de argumentos científicos e naturalizados assumiram dimensões práticas que continuam atuando sobre os corpos e determinando as relações de gênero.

A ideologia da mulher-mãe, embora confrontada pelos apelos feministas do século XX foi, segundo Naomi Wolf, substituída pela ideologia da mulher-corpo. Ao conquistar importância política e espaços na esfera pública, os corpos femininos voltam a ser matizados, classificados e naturalmente destinados. Recai novamente sobre uma entidade visível e natural (o corpo), a carga de ideologias sutis, repetidas e representadas à exaustão⁹⁴.

De acordo com Wolf, a onda de imperativos “naturais” foi estipulada às mulheres quando elas passaram a fazer parte da esfera pública e – teoricamente - não haveria nada que as impedisse de tomar o lugar que quisessem nas sociedades. Na segunda metade do século XX, como já não era eficaz a justificativa da maternidade e da domesticidade, o foco direcionou-se sobre um aspecto que sempre esteve ligado ao feminino, mas que passou a ser supervalorizado: o ideal de beleza. Wolf defende a teoria de que se espera que os corpos femininos sejam sempre belos e constantemente aperfeiçoados até chegarem a um nível tal de ansiedade, que nada é bom o suficiente ou nada está acabado. Isto acaba minando a auto-estima das mulheres e faz com que, de forma sutil, elas se pautem por preocupações de outra natureza, que não a preocupação política. A maneira como o ideal de beleza passou a incidir sobre esta mulher-corpo, tem uma construção histórica.

⁹⁴ Ideia desenvolvida por Naomi Wolf no já citado livro *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, na qual a autora desenvolve sua argumentação com base em dados sobre trabalho, consumo e cultura, a fim de mostrar como o ideal de beleza se constitui em uma limitação da atuação feminina na sociedade.

A realidade feminina em relação à beleza era bem diferente na primeira metade do XIX, período em que o valor da mulher estava muito mais ligado à sua capacidade reprodutiva do que à beleza. Com a evolução do capitalismo surgiu uma classe de mulheres alfabetizadas e ociosas que tinham contato com várias imagens reproduzidas e passaram a valorizar a beleza e a hierarquia operada e imposta aos rostos e corpos. Para Wolf, o capitalismo contemporâneo depende da representação das mulheres dentro dos limites deste mito de beleza, para que elas continuem ocupando lugares sociais bem definidos⁹⁵. Nos estudos anatômicos do corpo, além da descrição minuciosa de cada parte do esqueleto, procurava-se também, uma suposta representação universal do corpo humano. Schiebinger cita relatos nos quais se recomendava que o corpo dissecado e posteriormente desenhado deveria ser selecionado entre os espécimes mais bonitos. Para ela, já havia um estabelecimento dos ideais de beleza universais.

Na análise sobre o aumento da histeria, da agorafobia e da anorexia nervosa, Bordo comenta a historicidade de tais distúrbios no que se refere à classe e ao gênero. Para ela, a anorexia nervosa do final do século XX é o equivalente da histeria da segunda metade do século XIX e todas essas desordens têm significado político dentro das normas que regem a construção do gênero, ou a construção ideológica do feminino.

O corpo patológico pode ser interpretado enquanto lugar simbólico de linguagem de protesto, ao mesmo tempo e paradoxalmente, consumido e reproduzido pela própria prática. Como o corpo voltado para a sua dimensão prática é repleto de interpretações, Bordo lembra a ideia de que a ação torna o corpo um registro cultural. Nas palavras da autora: *“o corpo inteligível abrange nossas representações científicas, filosóficas e estéticas sobre o corpo – nossa concepção cultural do corpo, que inclui normas de beleza, modelos de saúde e assim por diante. Mas as mesmas representações podem também ser vistas como um conjunto de regras e regulamentos práticos, através dos quais o corpo vivo é treinado, moldado, obedece e responde”*⁹⁶.

Retomando a discussão anterior, pode-se perceber que ambas as dimensões: corpo inteligível e corpo moldado foram noções reforçadas nas conjunturas dos séculos XIX e XX. Isto porque, ao direcionar as normas e naturalizações para o corpo visível e sexualizado, foi possível adaptá-lo aos ideais de gênero, instituindo-se a prática que torna o corpo útil. A imagem de corpos modelados ganha importância de significado atrelado à representação que se torna realidade concreta e por fim acaba tendo usos

⁹⁵ WOLF, Naomi, *O mito da beleza... Op. Cit.*, p. 24.

⁹⁶ BORDO, Susan. *O corpo e a produção da feminidade... Op. Cit.*, p. 33.

políticos. O caso das mulheres com anorexia é agravado pela disseminação de imagens que dizem respeito à imagem exterior adequada do ser⁹⁷. Neste aspecto, o corpo se torna o lugar no qual jogos de poder, hierarquias e normas centrais são reforçadas e reproduzidas.

Tanto a construção da alteridade sexual nos séculos XVIII e XIX, quanto a construção de alteridades ligadas à forma corporal no século XX engendram discursos que procuram estipular práticas concretas na vida pública, política e social das mulheres. A legitimação dada pela ciência torna a naturalização da alteridade uma espécie de verdade ideologicamente incontestável que passa a ser reproduzida e experimentada pela maior parte dos corpos ocidentais.

Alguns autores se manifestam em relação às práticas, à normatização e à disciplinarização dos corpos, como estratégias duradouras de controle social. Neste caso, parte-se da ideia foucaultiana de que o controle não é necessariamente tomado por um grupo em detrimento de outro. Neste caso, o controle pode acontecer na manipulação psicológica e na reprodução de determinados ideais e subordinações veladas. Mas o corpo não é só a forma simbólica onde é passível a verificação de normas sociais, e comportamentos reproduzidos, o corpo também é espaço de controle social. Esta ideia foi particularmente elaborada por Michel Foucault ao demonstrar que a regulamentação do tempo, dos espaços e das vidas em certas conformidades ocorrem a partir de “*corpos treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminidade*”⁹⁸. Tendo em vista tais constatações, podemos nos perguntar sobre a relação do corpo controlado com a comida que o alimenta.

1.3. QUE ALIMENTAÇÃO INCIDE NESTES CORPOS?

As relações entre corpo e alimentação costumam ser foco de interesse de áreas distintas e são constituídas por análises diversas. No que se refere às abordagens, Ulpiano Menezes e Henrique Carneiro afirmam serem cinco os enfoques principais: o enfoque biológico, o econômico, o social, o cultural e o filosófico e, segundo o enfoque

⁹⁷ BORDO, Susan. *O corpo e a produção da feminidade... Ibid idem.*, p. 24.

⁹⁸ *Ibid Idem*, p. 20.

escolhido, muda a própria natureza do objeto de atenção⁹⁹. A questão da ação política e social como suporte ideológico para a prática alimentar verifica-se como importante elemento de análise.

Neste sentido, pode-se utilizar o alimento enquanto objeto capaz de conferir inteligibilidade a determinados fluxos sócio-políticos. É o caso, por exemplo, do açúcar e de outros tipos de estimulantes e o papel que assumiram nos jogos de poder durante o processo de colonização das Américas. Além do alimento propriamente dito, pode-se pensar nas formas de interação através da refeição ou através das normas que regem o consumo. A sociabilidade da refeição, por exemplo, além da questão da saciedade, liga-se ao investimento que o indivíduo confere e espera da sociedade.

Em discussão sobre o fundamento das interações entre os indivíduos, Simmel aponta para o entendimento de que os padrões de comportamento acabam construindo também os padrões de sentimentos. O autor trabalha com esta mesma noção quando menciona o aspecto sociológico da refeição. Por ser um ato feito, normalmente, em conjunto com outras pessoas, a interação da refeição adquire estilo próprio e é regulada supra-individualmente¹⁰⁰. Para ele, a organização do comer em refeições com horários e hierarquias pré-determinadas foi o primeiro passo de abandono do naturalismo do ato de se alimentar e assim, chegou-se ao grau de estilização estética da refeição. A integração exemplificada através de uma refeição representa a necessidade humana e o ganho que se teve com esta necessidade. A integração ou a falta de integração, no nível do relacionamento e na forma que este relacionamento adquire na sociedade contemporânea, é indicativa da forma de sentir.

Um exemplo disto são as configurações do comer fora nas sociedades contemporâneas, que tem representado um processo permanentemente influenciado pela nova sociedade do trabalho. Comer fora passou a ser, em muitas situações, mais barato e mais fácil do que produzir os alimentos dentro de casa, representando o conforto e a facilidade a que as famílias e indivíduos se acostumaram, na sociedade globalizada de consumo e tecnologicamente desenvolvida.

⁹⁹ CARNEIRO, Henrique; MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A História da Alimentação: balizas historiográficas*. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. s.n. v. 5, jan./dez. 1997, p. 11. Os autores comentam a impossibilidade de tratar de temas como: fome e patologias alimentares, segurança alimentar, jejuns e dietas, demografia, adoção/rejeição de alimentos e gosto, apenas no âmbito restrito da nutrição.

¹⁰⁰ SIMMEL, Georg. *Sociologia da Refeição*. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, nº 33, janeiro-junho de 2004, p. 161.

A dieta constitui uma das técnicas multidisciplinares para moldar o corpo. Como vimos, a construção histórica do corpo da mulher e a ligação com os ideais de feminilidade são um aspecto bastante importante para entender como algumas formas de comportamento, práticas e controle, recaem sobre esses corpos, transformando-os. Para além da própria transformação dos corpos, existe a transformação ou a re-significação de modelos e comportamentos que acabam adentrando em campos diversificados da vida cotidiana. No caso da alimentação percebe-se a mudança em antigos padrões de consumo, influenciados pela própria conduta em relação ao corpo.

No século XX, pode-se destacar a influência exercida pelos elementos característicos da alimentação moderna, assentada na valorização da saúde, da estética corporal, da dietética, da agricultura biológica e da comensalidade. A cozinha moderna não pode ser pensada separada das cadências e ditames da dietética ou do universo do não comer. Isto acaba fomentando a criação de uma espécie de cozinha terapêutica, estimulada, por sua vez, pela nutrição científica e pelo apelo da mídia¹⁰¹.

As dietas sempre fizeram parte do universo alimentar das sociedades em todos os tempos. De certa forma, elas estão constantemente ligadas ao conhecimento médico. Algumas tendências médicas, que tratam a alimentação pela sua função nutricional, começaram a ser desenvolvidas no XIX, quando ocorreu o aumento da preocupação em associar algumas deficiências físicas à má alimentação, sob a influência de uma ciência médica de inspiração positivista¹⁰². Neste período aumentaram o número de relatórios e pesquisas a fim de demonstrar os danos fisiológicos de uma alimentação deficiente, e cresceu o número de adeptos aos movimentos de reforma alimentar, repletos de conselhos que prescreviam dietas livres de alimentos que eram considerados nocivos pela ciência. Harvey Levenstein exemplifica esse período por meio de personagens como o norte-americano William Sylvester Graham, pregador protestante que considerava alguns alimentos como formas perigosas de estimulação do sistema nervoso¹⁰³. Esta forma de pensar se inseria no “*movimento de reforma dietética que se manifestou na transmissão do século XIX para o XX apoiava-se, assim como o*

¹⁰¹ SANTOS, Carlos R. A. dos. *Alimentação moderna: fusão ou confusão*. Texto apresentado no Congresso “Os sabores gastronômicos”, realizado pela UnB, jul.2006, Brasília.

¹⁰² SORCINELLI, Paolo. *Alimentação e saúde*. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação... Op. Cit.*, p. 798.

¹⁰³ LEVENSTEIN, Harvey. *Dietética contra a gastronomia: tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos*. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação... Op. Cit.*, p. 827.

primeiro, em novas ideias científicas que, supostamente, deveriam contribuir para a melhoria da saúde e, ao mesmo tempo da moralidade do país”¹⁰⁴.

Foi também com a onda positivista, que a ciência dietética sofreu uma profunda mudança após a descoberta de que a energia dos alimentos se media por calorias. Os novos conhecimentos e ideias elaboradas ganharam o nome de *New Nutrition*. O alcance de suas ideias, no início, não foi muito amplo, mas na primeira metade do século XX começou a se disseminar. Neste mesmo período a indústria alimentícia descobriu o poder do apelo às vitaminas. Sobre isto: “*embora tenha acabado por contribuir para a transformação dos regimes alimentares no mundo inteiro, essa doutrina, que insistia sobre o papel das vitaminas, desencadeou efeitos particularmente precoces nos Estados Unidos. Isso deve-se ao fato de que, em suas preferências alimentares, os americanos das classes média e alta já estavam dispostos a privilegiar os cuidados com a saúde em relação às preocupações gastronômicas*”¹⁰⁵. A década de 1970 representa a reviravolta deste quadro. O próprio caráter de contestação da época fez emergir a moda dos alimentos naturais. Neste período aparece o que se pode chamar de *Negative Nutrition*, ou seja, a relação de determinados alimentos ou hábitos alimentares aos problemas de saúde.

Outra forma de pensar as dietas é por meio da relação entre elas e a expansão mundial das relações econômicas como influência para a construção de um sistema agroalimentar mundial¹⁰⁶. O conceito de regime alimentar pode estar, portanto, ligado à acumulação e regulação social e servir para explicar as variações nos regimes alimentares através de uma base econômica. Assim, é possível definir três periodizações simples para os regimes alimentares: o primeiro corresponde à segunda metade do século XIX e início do século XX, o segundo corresponde ao período das duas guerras mundiais e aos anos seguintes à hegemonia norte-americana até meados da década de 1970 e o terceiro corresponde ao período que vai da década de 1980 até os dias atuais. Embora simplista, tal periodização nos remete à ideia de que as dietas alimentares são reguladas, também, por questões econômicas.

O modelo alimentar consagrado sob forte influência norte-americana ajudou na disseminação do consumo de carne bovina, o que, por sua vez, criou o aumento da

¹⁰⁴ *Ibid idem*, p. 829.

¹⁰⁵ *Ibid idem*, p. 833.

¹⁰⁶ STOREL JR., Antonio Oswaldo. *Os regimes alimentares da humanidade e suas transformações: origens e desenvolvimento do mercado de açúcar*. In: *Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica*. Belo Horizonte, 2003, p 2.

produção de grãos – especialmente milho e soja – destinados à alimentação destes animais. Esses grãos passaram a ser cultivados em larga escala, servindo de incentivo para que grandes empresas de alimentos processados começassem a utilizá-los como base para suas produções. Assim, a elaboração de alimentos industrializados duráveis, estava ligada à utilização de compostos com base em açúcares e óleos derivados destas matérias-primas¹⁰⁷. Na passagem para o terceiro regime alimentar, verifica-se o aumento da procura por produtos artesanais e “naturais”, o que representa um paradoxo deste último regime. Para a indústria alimentícia isso se traduziu em segmentação, produção e promoção de produtos diferenciados.

O padrão alimentar disseminado pelos norte-americanos está ligado à substituição de carboidratos complexos como os amidos, por carboidratos simples como açúcares e gorduras¹⁰⁸. Outra característica é o excesso de consumo de carne vermelha e a estrutura agrícola de cultivo de grãos para a alimentação dos bovinos. Aqui é importante lembrar das questões relacionadas à doenças como a “Vaca Louca”. *“Tais vicissitudes na alimentação contemporânea nas sociedades abastadas levaram ao surgimento de uma obsessão com os preceitos dietéticos regimes de vida e manias na moda a respeito de práticas supostamente saudáveis”*¹⁰⁹.

Para Carneiro, outra mudança na realidade dietética ocidental, ocorreu nos períodos de guerra e foram importantes por dois motivos principais: o primeiro por muitas vezes obrigar a promover mudanças nos hábitos através da adoção de novos tipos de alimentos ou processos; e o segundo pelo conhecimento gerado através do desenvolvimento das rações destinadas aos soldados¹¹⁰. Tal fato relaciona-se ainda ao contexto de industrialização dos alimentos, possibilitando um cenário de abundância. O autor lembra que a anorexia e a obesidade são produtos de uma mesma sociedade: a sociedade de abundância.

A própria relação dos indivíduos com a refeição sofreu variações na conjuntura pós-1960. A ideia de abundância alimentar produz comportamentos associados ao estilo de vida individualizante: a abundância possibilita que, mesmo em casa, as refeições aconteçam de forma simplificada e, sobretudo, individualizante, *“não é raro encontrar em uma mesma mesa um tipo de sobremesa para as crianças, uma outra para o marido*

¹⁰⁷ STOREL JR., Antonio Oswaldo. *Os regimes alimentares da humanidade... Ibid idem*, p. 5.

¹⁰⁸ CARNEIRO Henrique, S. *Comida e Sociedade... Op. Cit.*, p. 104.

¹⁰⁹ *Ibid idem*, p. 105.

¹¹⁰ *Ibid idem*, p. 101.

*e ainda uma outra para a mãe. Nós comemos cada vez mais fora de casa, num contexto onde temos que escolher entre muitos alimentos”*¹¹¹.

A abundância e a individualização da alimentação são, portanto, pontos de discussão bastante importantes. Não se pretende, aqui, questionar a assertiva da cultura como influenciadora dos hábitos alimentares, mas deslocar a análise para a discussão a respeito do papel do indivíduo nestas mesmas escolhas, o que representa uma re-significação das características básicas relacionadas ao ato alimentar. Ora, se todos podem escolher entre tantas possibilidades de consumo, sair dos padrões estéticos representa um problema pessoal e não somente cultural e, tomadas as devidas precauções, nem sequer econômico. Tanto é que, numa inusitada inversão de medidas corporais, hoje é a população financeiramente menos favorecida, a que mais sofre com os problemas decorrentes da obesidade e do excesso de peso¹¹².

A alimentação, por não ser apenas necessidade biológica, se liga a sistemas simbólicos de significados sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos, estéticos, etc. As regulamentações alimentares estão presentes em âmbitos da vida cotidiana como as relações de poder e gênero, as restrições religiosas, as identidades nacionais. Medicina e botânica sempre serviram à mesa, ou dito de outra forma, dados sobre frutas e plantas serviam como inspiração para dietas médicas¹¹³. Vários tratados de História Natural foram redescobertos na época do Renascimento, através da tradução dos antigos clássicos.

Para a História e Cultura da alimentação, os textos médicos e tratados sobre dieta são excelentes fontes para informar hábitos alimentares, formas de preparo e consumo de outras épocas. A moderna ciência da nutrição se ligou, no final do século XIX, ao desenvolvimento de disciplinas ligadas ao corpo. “*A investigação nutricional examinou o processo de digestão do corpo humano e obteve informações para a otimização das dietas que podem ser modificadas de acordo com a idade, o gênero e o tipo de trabalho realizado*”¹¹⁴. Uma das deficiências no desenvolvimento desta moderna ciência da nutrição, apontado por Carneiro, é o fato de negligenciar aspectos das

¹¹¹COURBEAU, Jean-Pierre; POULAIN, Jean-Pierre. *Penser l'alimentation: entre imaginaire et rationalité*. Paris: Privat, 2002. p. 12.

¹¹² Esta questão foi levantada brevemente por Claude Fischler, no texto *Obeso Benigno Obeso Maligno*, in: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história... Op. Cit.* Mas é importante lembrar que, apesar deste fato ser notável, ainda são os países mais desenvolvidos que apresentam os maiores índices de obesos.

¹¹³ CARNEIRO Henrique, S. *Comida e Sociedade... Op. Cit.*, p. 21.

¹¹⁴ *Ibid idem*, p. 10.

ciências humanas e dar exclusiva atenção aos efeitos biológicos e químicos. Em outras palavras: as características da alimentação humana não podem ser compreendidas apenas em sua dimensão física.

As dietas alimentares podem, também, assumir aspectos normativos de controle social. Em defesa desta ideia, Wolf procurou responder aos questionamentos envolvendo o uso político e social das dietas de emagrecimento. A autora apresenta números e novos casos de anorexia e bulimia entre as mulheres e questiona: o que acontece para que essas mulheres desenvolvam estratégias e recusas alimentares tão agressivas?

Embora seu argumento seja essencialmente político, Wolf comenta que a representação de mulheres com boas medidas e generosas carnes (tradição da pintura ocidental) foi substituída pela aparência doentia e de exaustão nervosa. Assim, sem a limitação do lar e da vida doméstica, o corpo passou a ser a limitação e a medida da feminilidade. Ainda sob o enfoque político, é possível fazer a relação entre a entrada do ideal de magreza e das dietas de emagrecimento na vida da mulher ocidental, a partir das décadas de 1920 e 1930, quando elas passaram a ter o direito de votar:

Entre 1918 e 1925, a rapidez com a qual a nova forma linear substituiu a forma mais cheia de curvas foi surpreendente. Na regressão dos anos 50, por pouco tempo as formas cheias naturais à mulher puderam ser apreciadas mais uma vez, porque a mente destas mulheres estavam ocupadas na reclusão doméstica. No entanto, quando as mulheres invadiram em massa as esferas masculinas, esse prazer teve de ser sufocado por um urgente dispositivo social que transformaria os corpos femininos nas prisões que seus lares já não eram mais.¹¹⁵

É possível verificar também, quando se pensa nas prescrições dietéticas, a diferenciação sexual das escolhas alimentares. Alguns estudos sugerem, por exemplo, um maior consumo de legumes entre as meninas. Uma das hipóteses é que a pressão social exercida pelos adultos durante a educação do gosto das crianças é influenciada pela diferenciação sexual e pela sensibilização do gosto feminino, já conformado nas preocupações dietéticas¹¹⁶.

O ciclo de regimes alimentares e o pânico da gordura alteram significativamente a relação das mulheres com a alimentação. No lado oposto aos casos de anorexia, está a

¹¹⁵ WOLF, Naomi. *Mito da beleza... Op. Cit.*, p. 244.

¹¹⁶ FISCHLER, Claude. *L'omnivore... Op. Cit.*, pp. 112-113.

obesidade e as questões de saúde pública. Admite-se com muita facilidade a ideia de que o tipo de alimentação desenvolvida nas sociedades industriais poderiam ser a causa do aumento dos casos de obesidade. É a tese da modernidade alimentar¹¹⁷. Mas talvez seja simplista demais culpar a modernidade, afinal, assim como houve a produção de uma imensa variedade de opções alimentares, houve também um grande número de opções que trazem no bojo toda a tecnologia para o emagrecimento.

Poulain fala em “sociologia sobre a obesidade” e sobre a estigmatização do obeso, considerado “anormal”. A estigmatização está ligada ao processo de transformação das representações e às interações sociais que acompanham o corpo diferente¹¹⁸. Os dois modelos de corpos desviantes: anoréxico e obeso são dois opostos de uma mesma relação: corpo e alimentação. E são também, corpos patologizados e repletos de marcas e representações de seu tempo. Neste sentido são corpos profundamente marcados por valores contemporâneos ligados à motivações sociais e às necessidades de auto-modificação.

Para se ter uma ideia, a obesidade já era condenada no início do século XX, em Portugal, a exemplo do exposto por Manuela Hasse. Estudos realizados naquele país, nos anos de 1903 e 1907, revelam a prática do consumo desmedido de vinagres – principalmente entre as mulheres – como uma forma de assegurar formas lisas e abater sinais de gordura, “*a denúncia desta prática, efectuada em 1903, pelo médico Ardisson Ferreira, confirma o conflito perante o desenvolvimento de modelos e de imagens diferentes e as representações em que se assentavam as atitudes e os comportamentos, bem como as aspirações próprias de uma época onde estas se consideravam ultrapassadas*”¹¹⁹. As críticas acerca da dilatação do estômago começava a ser recorrente nos meios médicos e também fora dele. Não era mais possível admitir a obesidade e a afetação nas formas corporais de maneira tão grosseira, uma vez que estava em curso uma nova transformação nos corpos e nas atitudes.

Outro ponto observado é o impacto que a vida nas cidades trouxe ao imaginário, pela perda de contato com a natureza e a ideia de desequilíbrio para os corpos. Muitas recomendações médicas para os cuidados com os corpos voltavam-se para o contato com a natureza, o ar livre, os banhos e as dietas baseadas em alimentos naturais e

¹¹⁷ POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da Alimentação... Op. Cit.*, p. 135.

¹¹⁸ *Ibid idem*, p. 138.

¹¹⁹ HASSE, Manuela. HASSE, Manuela. O processo de apreensão e re-criação do mundo. In: *Pro-Posições*, v. 14, n. 2 (41) – maio/ago. 2003, p. 57.

orgânicos. Para Hasse, “*envolvido em mistério, oculto, submerso quase sempre, sob camadas profundas e invisíveis de tabus, obstruções, proibições e limites que se inscreveram com maior ou menor subtileza, desde os inícios da Idade Média e o processo de institucionalização do cristianismo, a revelação do corpo, a partir dos comportamentos, dos desvios, e das doenças, ocorrerá pela medicina e pelas propostas criadas no domínio da higiene*”¹²⁰. Esta situação se intensifica no decorrer do século XX, com o desenvolvimento genético, a informatização e os processos de intervenção.

Para Lia Ades e Rachel R. Kerbauy, o excesso de peso já era considerado um reflexo de distúrbios de personalidade na década de 1950, mas foi apenas a partir de 1970 e, efetivamente nos anos 1980, que proliferam pesquisas atrelando o problema ao comportamento alimentar pessoal. As autoras citam estudos que procuram estabelecer relações entre a perda de peso e os problemas psicológicos. As pesquisas apontaram para o estresse emocional causado pela adesão a uma dieta alimentar restritiva, “*procedimentos para a redução de peso podem ocasionar níveis clínicos de depressão provocados pelos esforços de resistir ao alimento*”¹²¹. E alertam para a necessidade de gostar da dieta.

A ligação entre dietas de emagrecimento e gosto culinário é verificável nos discursos das dietas. O modismo em questão refere-se à associação entre alimentação e gastronomia, numa alusão à ideia de ser desnecessário se submeter à dietas rigorosas para a manutenção da beleza, ou seja, é preciso aprender a comer e aprender a fazer isso por si só. Esta ideia é uma das principais características presentes nas dietas contemporâneas. Assim, a questão do auto-controle relaciona-se à lógica ou à convergência de ideias que tratam o corpo enquanto objeto privilegiado da reflexão da vida social e da condição humana na contemporaneidade. A associação entre o corpo belo e saudável perpassa, portanto, pela temática da eficácia, na qual o papel da alimentação para a modelagem dos corpos se torna um tema de valor relevante.

Notamos uma articulação entre tais afirmações, com trechos encontrados em uma reportagem da revista *Veja* de 1976:

Trecho 1 - A sofisticação e a elasticidade desse cardápio estão encontrando, junto ao consumidor, a mesma boa

¹²⁰ HASSE, Manuela. HASSE, Manuela. *O processo de apreensão e re-criação do mundo... Ibid idem*, pp. 59-60.

¹²¹ ADES, Lia; KERBAUY, Rachel Rodrigues. *Obesidade: realidades e indagações*. Revista de Psicologia da USP, v.13, no.1, São Paulo: 2002.

acolhida que tem feito multiplicarem-se nas prateleiras de supermercados pratos congelados e, sobretudo, produtos que acenam com a promessa de regimes mais indolores (VEJA, 11/05/1976).

Trecho 2 - A dentista Maria Amália de Pinho, uma das que adere a novidade, comenta: “Fica mais fácil começar a dieta já tendo a refeição pronta”. E acrescenta, entusiasmada: “O bom desse regime é que dá para comer bastante” (VEJA, 11/05/1976).

Verifica-se, portanto, a valorização do acesso fácil à todas as possibilidades de consumo alimentar para a instrumentalização do corpo.

Uma das formas de entender os aspectos que incidem sobre os corpos na segunda metade do século XX é o da medicalização. Tal característica pode ser entendida tanto pela via do direito à saúde¹²² quanto pela busca da felicidade e da melhor performance. O direito à saúde remete à noção de igualdade e democracia social. Segundo Anne Marie Moulin¹²³, a situação do corpo no século XX é a de expropriação para uma posterior apropriação do indivíduo que, munido de informações é encorajado pela noção de transparência do corpo, tornando-o, portanto, acessível ao sujeito. Foucault sustenta a teoria de que a medicina moderna não é individualista, ou seja, centrada apenas no indivíduo. Ele propõe a inversão deste pensamento alegando que o controle da sociedade começa pelo corpo, no entendimento do corpo como entidade bio-política. Ele elege três formas adquiridas pela medicina moderna ou medicina social: a medicina de estado, a medicina urbana e a medicina da força de trabalho¹²⁴. Esta última pode ser associada à eficiência no mercado de trabalho.

A medicalização também está ligada ao medo da gordura que, segundo Wolf, configura-se numa espécie de culto que ganha ares de seita, por seguir alguns preceitos muitos próximos aos cultos e ritos religiosos. “*A renúncia ao alimento a que a maioria das mulheres se sujeita é uma forma de privação sensorial. E assim o bem o mal são transformados em magreza e gordura, que lutam pela alma feminina*”¹²⁵. Outro ponto em comum com as religiões é o adiamento. A protelação é fundamental para algumas religiões, pois coloca em estado de permanente vigília para que se conquiste a redenção

¹²² Em 1949, a Organização Mundial da Saúde reconheceu a saúde como um novo direito dos seres humanos.

¹²³ MOULIN, Anne Marie. *O corpo diante da medicina*. In: COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do Corpo... Op. Cit.*, pp. 15-16.

¹²⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder... Op. Cit.*, p. 80.

¹²⁵ WOLF, Naomi. *Mito da Beleza... Op. Cit.*, p. 178.

após a morte. Com o mito da beleza isso também acontece tentando-se protelar a juventude e a beleza, mas a redenção não existe. Nunca se tem um corpo bem acabado.

As décadas de 1970 e 1980 foram as que levaram as mulheres a importantes posições de poder enquanto se fazia a redefinição do sexo. “*As imagens que reduzem o sexo à “beleza” e reduzem a “beleza” a algo sobre-humano, ou a sujeitam a tormentos erotizados, são convenientes sob os aspectos político e sócio-econômico por subverterem o orgulho sexual feminino e se assegurarem de que homens e mulheres não terão possibilidade de se unirem sob uma causa comum contra a ordem social que se nutre do seu antagonismo, de suas versões isoladas e da solidão*”¹²⁶.

A tendência em disseminar o ideal de corpos moldáveis por meio de técnicas disciplinares já era percebida, no Brasil, na primeira metade do século XX. Embora a proporção de tais ideias se destinasse e atingisse um público pequeno (no caso das mulheres, as leitoras de revistas), era o início de uma mentalidade que se consolidava em todo o mundo.

¹²⁶ WOLF, Naomi. *Mito da Beleza... Ibid idem*, p. 189.

2.1. MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Em geral, os meios de comunicação têm proporcionado aos pesquisadores das ciências humanas e sociais inúmeras possibilidades de análise. A história dos veículos de comunicação, no Brasil do século XX, tem momentos emblemáticos como a propagação do rádio e a sua abrangência no cotidiano, passando pela televisão que tanto influencia opiniões e colabora para a disseminação de representações de toda ordem. No entanto, outro tipo de veículo, ainda que mais restritivo em termos numéricos, possui especial relevância e atenção de um público cativo: as revistas.

Ao pensarmos em meios de comunicação de massa, as revistas se diferenciam de outros veículos, pois são meios privilegiados de segmentação¹²⁷, e como tais, tendem a ser altamente influenciadas pelo público a que se direcionam, tornando-se instrumentos reveladores das características deste mesmo público. Outro ponto notável das influências presentes nas revistas é o alinhamento ideológico e conceitual da publicação. De um modo geral, pode-se dizer que a maior parte das revistas desenvolvidas no Brasil tiveram dois grandes influenciadores, em dois momentos distintos: a França no início do século XX e os Estados Unidos na segunda metade deste mesmo século.

O desenvolvimento do mercado editorial brasileiro empacava em problemas de origem econômica e material, característica de uma população altamente carente de recursos e condições para o consumo da informação. A situação passa a mudar quando se encontra suporte na diminuição do analfabetismo (1890: 84%; 1920 75%; 1940: 57%)¹²⁸ e quando o país desenvolve, efetivamente, os processos de modernização e urbanização em diversas regiões. Para Renato Ortiz, a vontade e os projetos de modernização do país foram bem anteriores à sua concretização. Tal situação acabou caracterizando a forma como ocorreu o desenvolvimento dos meios de informação, já que “(...) a ‘*indústria cultural*’ e a *cultura popular de massa emergente se caracterizam mais pela sua incipiência do que pela sua amplitude*”¹²⁹. Esta característica determinou, durante muito tempo, os valores dados à leitura de publicações impressas e o alcance da informação em diferentes camadas sociais. Assim, apenas a partir da década de 1940 é possível considerar a atuação de elementos vinculados a uma cultura popular de massa,

¹²⁷ Entendemos o público leitor/receptor como um conjunto disforme e não como uma massa homogênea.

¹²⁸ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 28.

¹²⁹ *Ibid idem*, p. 45.

“é dentro deste contexto mais amplo que são redefinidos os antigos meios (rádio, imprensa e cinema) e direcionadas as técnicas como a televisão e o marketing”¹³⁰. E é neste contexto que o mercado de publicações impressas (jornais, revistas e livros) também se amplia.

Uma das primeiras revistas a sentir o potencial deste mercado foi *O Cruzeiro* que em 1948 possuía tiragem de 300 mil exemplares e quatro anos depois teve esse número praticamente dobrado¹³¹. Casos de sucesso e inserção social como a revista *O Cruzeiro* abriram caminho para a entrada de novos títulos e novos nichos – como no caso das fotonovelas e revistas femininas – e para o aumento de anúncios publicitários. Na década de 1950 nota-se o desenvolvimento da publicidade, sobretudo pela atuação de multinacionais que se instalavam no país, como Bayer, GM, Ford e Palmolive, contribuindo tanto para a disseminação de novos bens de consumo quanto para a definição de características editoriais das revistas em que se tornaram anunciantes.

Além do atestado desenvolvimento do mercado de bens de consumo, há também o adensamento do mercado de bens culturais, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, ligado ao desenvolvimento político da ideologia de aceleração do crescimento econômico e modernização do país, implantada pelos governos ditatoriais (1964-1985). O novo fôlego econômico verificado nestes anos incidiu diretamente no contexto cultural, que, embora carregado de censura e repressão, colaborou para a criação de uma indústria de bens culturais e, conseqüentemente, de um mercado cultural¹³².

Nesta conjuntura – principalmente a década de 1960 – foram criados e consolidados importantes títulos de revistas impressas, como a revista *Claudia* enquanto imprensa feminina, a revista *Quatro Rodas* como automobilística e a *Veja* como revista semanal de informação. A Editora Abril, detentora de todas estas publicações, se firma como um conglomerado da comunicação formado frente ao desenvolvimento do período. Para se ter uma ideia a Editora, fundada em 1950, chega ao final da década de 1970 como a detentora de 121 títulos. O mercado editorial se desenvolveu junto com a sociedade de consumo e por ela foi influenciado¹³³.

¹³⁰ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira... Ibid idem*, p. 39.

¹³¹ *Ibid idem*, p. 43.

¹³² É importante ressaltar que, pelas características políticas do país e pelo fato de ter havido censura e repressão durante este período, não houve desenvolvimento coerente entre mercado de bens materiais e de bens culturais.

¹³³ MOTTIN, Karina Veiga. *Alimentação, saúde e beleza na História – Brasil, 1950-2000*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009, p. 17.

No caso da revista *Veja*, sua atuação no país é bastante emblemática, não apenas pelo posicionamento político, mas também pelo seu alinhamento ideológico em relação a outros assuntos, dentre os quais o corpo e a alimentação. Colocada em circulação em 1968, *Veja* surge num momento em que o Brasil passava pelo processo de crescimento econômico, industrialização e urbanização, com “*um certo poder aquisitivo das classes médias, algumas melhorias em relação à educação (sobretudo o aumento do número de universitários) e um crescimento generalizado da indústria cultural e da publicidade*”¹³⁴. Na década de 1970, o hábito de ler revistas com informações semanais se consolidava e surgiam concorrentes como *Isto É* (1976), *Senhor* (1982) e *Afinal* (1984). No entanto, *Veja* continuava sendo a revista de maior circulação no país a ponto de, em 1988 ser considerada, em tiragem, a quinta maior revista de informação semanal do mundo¹³⁵.

2.2. CORPO E ALIMENTAÇÃO NA REVISTA VEJA

Neste início do trabalho com as fontes, nos reportaremos primeiramente à revista *Veja*, no período que percorre as décadas de 1970 a 1980. Foram consultadas 240 revistas, o equivalente a uma edição por mês. As revistas foram escolhidas aleatoriamente e delas foram retirados temas concernentes ao corpo e à alimentação. Após esta etapa, foi necessário um novo recorte, desta vez selecionando as reportagens que tratavam especificamente das transformações corporais, de dietas alimentares e das relações de gênero (baseadas nos corpos). A escolha se deu em função da pertinência de tais questões e das possibilidades analíticas atreladas à problemática deste trabalho.

A capa da edição de 29 de maio de 1974 mostra um senhor de meia idade, ou melhor, mostra a cabeça deste senhor, pois o corpo – sugere-se – está dentro de alguma máquina que produz calor. O homem tem o rosto coberto por gotículas de suor e a expressão é de desconforto. O título revela: “*Tudo para Emagrecer*” e a reportagem de capa conta em que pé estão as dietas de emagrecimento no Brasil, tendo o sugestivo título: “*A galopante dietomania*”. Encontra-se na seção “*medicina*” da revista:

¹³⁴ MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001, pp. 87-88.

¹³⁵ *Ibid idem*, p. 92.

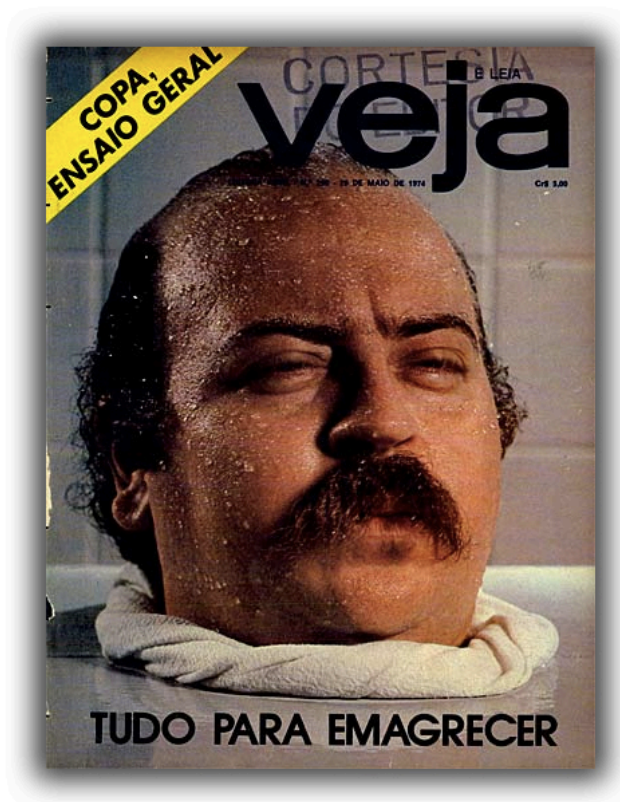


FIGURA 1 – CAPA DA REVISTA VEJA, EDIÇÃO 299, 29 DE MAIO DE 1974, REPORTAGEM ESPECIAL SOBRE DIETAS DE EMAGRECIMENTO.

Já na primeira parte da reportagem, percebe-se o uso de estereótipos para descrever as pessoas com excesso de peso, bem como classificá-las. Inúmeras são as formas de remeter a elas: obesas, rechonchudas, em forma (mas preocupadas). O estereótipo de pessoas que procuram dietas é criado também em outros momentos:

Trecho 1: Calorias, não engordam, ginástica da Força Aérea Canadense, teste de Cooper, regime dos astronautas, internamentos em clínicas de endocrinologia – os gordos, crédula e vorazmente, experimentam de tudo para se livrar de seus quilos a mais (...) Bonachões, os gordos concordam (VEJA, 29/05/1974, p. 72).

Trecho 2: Os gordos, como sempre uma gente afável, uma vez mais aceitam as conclusões da medicina (VEJA, 29/05/1974, p. 72).

Em termos etimológicos, os conceitos que descrevem o corpo adiposo indicam fortes conotações negativas. Fischler comenta: “do latim *crassus*, que significa *espesso, grosseiro*, deu origem a *grasso* em italiano, *graisse* em francês, mas também *crasse*, e *crass* em inglês. Essa proximidade não parece indicar uma inclinação antiga e favorável em relação à gordura”¹³⁶. Com a progressiva normatização do peso corporal, não apenas a alimentação passou a ser medida em função de calorias, mas houve uma expressiva banalização do ideal de peso em diversas outras instâncias do cotidiano. Um destes exemplos é mencionado por Vigarello ao relatar indícios que sugerem o início da normatização do peso para a prática da equitação entre as mulheres: o ideal era que elas pesassem menos de 50 kg. Outro exemplo está na corriqueira compra de uma bicicleta, que, em fins do XIX passou a ser intermediada pela associação entre o peso do aparelho e o peso do possível consumidor¹³⁷. Tais exemplos demonstram que o peso ultrapassou o vocabulário médico e passou às instâncias dos assuntos cotidianos, que jamais haviam se pautado pela quantidade de gramas presentes no corpo.

O excesso de peso tido como um problema verdadeiro, já era percebido na segunda metade do século XIX, mas teve seu auge no decorrer do XX. Inicialmente, o diagnóstico para os casos de obesidade era dado apenas pela apreciação do olhar, mas com o desenvolvimento de fórmulas associando peso e altura, contas e equações começaram a ser utilizadas enquanto padrão normativo e, já na década de 1930, havia a disseminação de padrões definidores dos tipos ideais de corpo. Apesar das variações culturais, as normas do corpo para os homens sempre estiveram ligadas às representações de masculinidade, na qual músculos e gordura se confundiam. Para as mulheres a corpulência sempre foi menor e a feminilidade exigia boas formas, mas sem exageros: nem tão magras, nem tão gordas. O início da preocupação com a obesidade pode ser verificado em trabalhos apresentados na França, a partir da década de 1880¹³⁸.

Neste período já havia sido colocada a questão da origem funcional e multifatorial das disfunções corporais ligadas ao acúmulo de peso. Por isso, foi uma época em que, concretamente, se começou a pensar nas causas alimentares da obesidade. Csergo explica que os primeiros estudos associando obesidade e alimentos aconteceram à luz da nutrição, uma nova ciência que se desenvolvera baseada em

¹³⁶ FISCHLER, Claude. *Obeso Benigno Obeso Maligno... Op. Cit.*, p. 79.

¹³⁷ VIGARELLO, Georges. *Les métamorphoses du gras... Op. Cit.*, p. 217.

¹³⁸ A exemplo de estudos como os desenvolvidos pelos médicos Dubourg e Worthington, em 1863. In: CSERGO, Julia. *Trop Gros? L'obésité et ses représentations...Op. Cit.*, p. 32.

elevado ao máximo pela articulação combinada das peças que a compõem. Para Foucault funciona não apenas como uma redução funcional do corpo “*mas também a inserção desse corpo-segmeneto em todo um conjunto com o qual se articula*”¹³⁹. Tendo tais colocações como referência, podemos nos questionar a respeito da situação dos indivíduos e seus corpos nas décadas de 1970 e 1980, já tão bem instruídos e inseridos nas normas do poder disciplinar.

Uma vez constituída, a normatização que rege o corpo deixa de ser um poder repressivo e torna-se constitutivo, que cresce e organiza-se. No caso de corpos que já absorveram tal significado, a coerção e a sujeição acabam caracterizando o campo sobre o qual se opera o controle social. Deixa de ser uma imposição de instituições reconhecidas, como o Estado, a escola e a igreja, para se tornar uma coerção subjetiva, individual e constante. A situação de vigilância que se instaura num caso como o controle alimentar e o controle do peso ganham dimensões que tornam o corpo um registro cultural: o registro do corpo útil ou controlado no lugar do corpo inteligível¹⁴⁰.

Para exemplificar, pensemos na adesão feminina às dietas. O inteligível recai sobre o uso da dieta de emagrecimento, a fim de tornar o corpo mais feminino e belo. Além da expressa diferenciação de gênero, o corpo assim moldado se tornava incapaz de realizar tarefas fora dos ideais designados para ele, pois acaba fraco, mutável e desorientado. Aqui o ciclo se fecha, pois o corpo torna-se útil. Para além do uso do corpo tornado útil, é imprescindível entendermos o corpo controlado. Para Vigarello, os mecanismos de controle representam sujeições ora discretas, ora ressaltadas, que oferecem “*em seus próprios avatares, informações bem mais centrais do que seus modestos mecanismos matizando quem sabe, por sua vez, as figurações acomodadas em dominações simplistas demais*”¹⁴¹. Ou seja, os controles aplicados aos corpos caracterizam-se por serem mais complexos e dissimulados se comparados aos mecanismos de repetição e disciplina.

Algumas interpretações, no entanto, sugerem a transformação neste quadro, especialmente na entrada do século XXI, constatando-se o paulatino abandono de uma postura normativa definidora dos parâmetros que os sujeitos devem ter como referência para, de acordo com Margareth Rago, defenderem “*o direito ao próprio corpo,*

¹³⁹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir : nascimento da prisão... Op. Cit.*, p. 139.

¹⁴⁰ Noção também encontrada no texto de BORDO, Susan. *O corpo e a produção da feminidade... Op. Cit.*, p.33.

¹⁴¹ VIGARELLO, George. *Panóplias Corretoras: balizas para uma história... Op. Cit.*, p. 28.

*pensado, vivido, experimentado, autonomamente, segundo os desejos e as necessidades de cada um. Podendo ser reinventado a cada instante, erotizado e acariciado, o corpo perde as definições tradicionais e se desterritorializa*¹⁴². Não tanto para um lado nem tanto para outro. O corpo que se verifica nas décadas de 1970 e 1980 possui a convergência de discursos libertários e reguladores, demonstrando uma situação típica do período, no qual, em teoria, todas as possibilidades estão postas. Mas o corpo não é neutro e algumas questões ficam evidenciadas na junção destas duas colocações: o corpo autonomamente pensado, mas também um corpo pensado nos limites do controle e dos apelos subjetivos muito pouco espontâneos em relação às práticas e condutas. O corpo pode não ser mais dimensionado pela sua condição de utilidade, mas certamente aparecerá em sua condição moral. Mas agora, uma moralidade voltada para a relação pessoal, aquela do indivíduo consigo mesmo. Foucault comenta que esta relação prevê um assujeitamento para uma posterior exibição, ou, *“quanto mais se expõe, mais o indivíduo se vincula à sua própria identidade e tanto mais fica submetido à forma de poder denominada ‘governo por individualização’ que se exerce na vida cotidiana*¹⁴³.

Esta é uma situação verificável na forma como a revista lida com as questões relativas às dietas de emagrecimento ao longo das duas décadas analisadas. No início dos anos 1970, as reportagens sobre corpo e dietas faziam parte, majoritariamente, do universo de discursos médicos, não apenas pela forma de relatar as experiências do comer, mas também pelo predomínio destes assuntos em seções chamadas “Medicina” ou “Saúde”. Aos poucos, a dieta passa a ser assunto da seção “Comportamento”. Isto nos leva a crer na mudança de postura em relação à importância da ação individual para a perda ou o ganho de peso. Afinal, se existe uma infinidade de técnicas, tecnologias e conhecimentos (teoricamente) acessíveis a todos, então a falta de controle é uma questão do comportamento pessoal e de adequação moral.

Um exemplo disso está na reportagem de 16 de janeiro de 1974:

Trecho 1: São Paulo, ao que parece é uma cidade repleta de gordos: o índice de pessoas da viçosa classe média paulistana que apresenta excesso de peso chegaria, segundo observações de nutricionistas, a 30%. É um cálculo

¹⁴² RAGO, Margareth. *O corpo singular*. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). *Corpos e subjetividades... Op. Cit.*, pp. 14-15.

¹⁴³ Citado por RAGO, Margareth. *Cultura do narcisismo, política e cuidado de si*. In: SOARES, Carmen (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 51.

empírico. Mas circunstâncias adversas insinuam que a porcentagem de paulistanos gordos tende a ser inflada em todas as acepções da palavra. Entre outras coisas o automóvel substituiu o andar a pé, e as massas, os pães e os doces ocupam lugar cada vez mais destacado no cardápio diário (VEJA, 16/01/1974).

Trecho 2: Unidos pelo mesmo drama, os clientes ocupam o tempo trocando ideias e depoimentos sobre as agruras do excesso de peso. Como um casal de prósperos descendentes de sírio-libaneses que se apresentou na quarta-feira da semana passada, pesando em conjunto uns 300 quilos. Relatava o homem: “Nossa esperança era a falta de gasolina, porque, se nos obrigassem a andar de bicicleta, garanto que não estaríamos tão gordos. Temos um filho de 4 anos que só usa roupa de garoto de 12 anos. A grande culpada é a comida (VEJA, 16/01/1974).

O valor semântico do que é dito no trecho 1, ao chamar a atenção para uma cidade “*repleta de gordos*”, nos lembra que a fala da década de 1970 traz embutida marcas lingüísticas próprias do contexto histórico em questão. Desde a década de 1950, pelo menos, as grandes cidades brasileiras e, especialmente a cidade de São Paulo, conheceram um acelerado crescimento. Se o crescimento pôde ser verificado em termos econômicos, pôde também ser percebido na circunferência dos corpos citadinos. De acordo com J. M. Mello e F. Novais, entre o final da década de 1950 e fins da década de 1970, nota-se um bom desenvolvimento dos padrões de produção e consumo no Brasil. A população brasileira tinha razoável acesso às modernidades do período e às facilidades proporcionadas pela industrialização¹⁴⁴. Mas apesar das melhorias nos padrões de consumo, a verdade é que as mentalidades ainda se voltavam menos para a abundância alimentar e mais para a carestia. A reportagem menciona que “*as massas, os pães e os doces ocupam lugar cada vez mais destacado no cardápio diário*”, ou seja, a abundância é apresentada como um fator ainda em expansão.

Assim, o gordo da década de 1970 não é o mesmo gordo da década de 1980. O significado do que é dito nesta reportagem ganha força, pois a mesma ideia é explorada pelos dois lados do discurso: o jornalista e o entrevistado. Referimos-nos à ideia de que a culpa pelo excesso de peso vem da modernidade, a exemplo da frase do jornalista: “*o automóvel substituiu o andar a pé...*”, ou ainda “*a culpa é da gasolina*”, proferida pelo

¹⁴⁴ MELLO, João Manuel C. de; NOVAIS, F. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. In: NOVAIS, F. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

entrevistado. Nota-se também uma regularidade de visões de mundo entre o autor e o entrevistado. A menção ao automóvel pode ser tomada como um paradoxo, ou melhor, como uma reação bem situada historicamente. No início do século XX, quando as novas formas de locomoção instigavam a todos, era tempo de valorização da máquina, da alta performance, da funcionalidade. Tudo isso teve seu paralelo nos corpos, influenciando inclusive os gestos. Depois do período de encantamento, veio a crítica à tudo o que era produto nocivo da modernização – principalmente a queda na qualidade de vida e a degradação ambiental. Nota-se, portanto, que a responsabilidade direcionada à modernidade ameniza o papel do indivíduo.

O paradoxo de encantamento e desencantamento com a modernidade está presente em outras representações e matérias encontradas em *Veja*. A mesma modernidade culpada pelos problemas da corporalidade, é citada na edição de 5 de janeiro de 1972, como uma grande vantagem em todos os sentidos. A reportagem intitulada “*Supermercado, o grande sedutor*” inicia contando brevemente a história do supermercado e de como se vai, paulatinamente, abandonando o balcão que separava o vendedor do consumidor. Nota-se que no Brasil, os grandes mercados ainda não haviam se disseminado, tanto é que o “*fenômeno do crescimento dos supermercados*” mereceu reportagem de capa. Eles relatam que, no país, o primeiro supermercado com algum sucesso surgiu em 1953, mas “*(...) de acordo com as escassas estatísticas, já conta com pelo menos 3.000 entusiasmados seguidores de norte a sul. E embora continue enfrentando – como acontece também nos Estados Unidos – a concorrência do balcão tradicional, esse magnífico templo da moderna sociedade de consumo atravessa seus melhores dias*” (VEJA, 05/01/1972, p. 48). É interessante observar como a dita sociedade de consumo desperta o interesse destes jornalistas, pois costumam remeter a ela com muita curiosidade e entusiasmo. Segundo Mira, “*para além da questão ideológica, é importante notar que os seus magazines se inscrevem num nível mais profundo da existência, o das práticas cotidianas transformadas pelo advento da modernidade-mundo*”¹⁴⁵.

A reportagem comenta como foi difícil a adaptação do público brasileiro ao novo esquema de compras – especialmente pela quantidade de furtos e de exigências de atendimento semelhante ao padrão das mercearias. Em relação ao padrão alimentar, algumas mudanças são mencionadas: “*Sem dúvida, eles influíram numa alteração*

¹⁴⁵ MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura... Op. Cit.*, p. 68.

radical do desenvolvimento da embalagem, na refrigeração, na disposição interna das lojas, nas formas de expor os produtos e nas técnicas de vendas” (VEJA, 05/01/1972, p. 52). Mas talvez uma das mudanças mais significativas no cotidiano incidiu sobre os hábitos alimentares. Para os autores da reportagem, este foi um fator positivo, pois houve melhorias em função das facilidades de acesso aos alimentos diferenciados e diversificados, embora apenas uma pequena parcela da população tivesse acesso a este tipo de estabelecimento. “Privilégio pouco difundido entre legiões de habitantes de bairros e vilas afastados, por várias circunstâncias ainda fiéis aos triviais feijão e arroz” (VEJA, 05/01/1972, p. 52).



FIGURA 4 – CONJUNTO DE FOTOS SOBRE NOVOS HÁBITOS DE CONSUMO EM SUPERMERCADOS, REVISTA VEJA, EDIÇÃO 174, 05 DE JANEIRO DE 1972.

Nota-se, portanto, que a relação estabelecida entre o encantamento pelo desenvolvimento e os efeitos trazidos por ele, fazem parte de um mesmo universo discursivo. No Brasil, isto talvez aconteça pela forma como se deu o desenvolvimento econômico e tecnológico, muitas vezes impossibilitado por barreiras e limites materiais. Hobsbawm lembra a redução do ritmo de desenvolvimento econômico após 1973. Algumas visões de estagnação do sistema fizeram com que a crença em um período tão

magnífico se desestabilizasse, não sendo possível sustentar por tanto tempo um desenvolvimento tão avançado. No Brasil, a década 1980 foi marcada por um crescimento econômico irrisório. Desmantelava-se o sistema político baseado na ditadura militar que propagava o crescimento econômico e os novos tempos, juntamente com o que acontecia em termos mundiais, traziam insegurança para os brasileiros. Para Hobsbawm, o que tornava os problemas das décadas de 1970 e 1980 mais perturbadores, era que eles aconteciam em meio a novas configurações no contexto que coincidiam com abalos estruturais, tanto pela economia, quanto pela circulação da informação e as mudanças sociais e culturais¹⁴⁶. Talvez a mudança estrutural já em curso no estilo de vida destes indivíduos, seja a responsável pelos anseios e receios em relação à modernização.

Em outro momento, o receio em questão aparece na preocupação com o aumento de casos de câncer. A edição de 11 de fevereiro de 1976 questiona: “*Até que ponto, pergunta-se, o câncer não seria também um produto da própria vida que se leva hoje em dia?*” (VEJA, 11/02/1976, p. 44). O motivo para tal questionamento está no explícito aumento de casos da doença em todo o mundo. Na época havia uma disposição científica em relacionar o câncer à atuação de vírus e bactérias no organismo, mas essa era uma preocupação que não dava conta de tantas relações entre o câncer e os novos estilos de vida. É mencionada a seguinte preocupação: “*que significado oculta, por exemplo, a relação estatisticamente comprovada, entre o hábito de se comer carne de boi todos os dias e o câncer na vagina?*” (VEJA, 11/02/1976, p. 44), ou ainda quando lembram da poluição e da adição de agentes químicos, como corantes ou adoçantes artificiais nos alimentos. Foi neste contexto que elementos considerados cancerígenos como os fertilizantes, DDT e agrotóxicos tiveram seu uso regulamentado ou proibido.

Os alimentos recebem boa parte da atenção nesta reportagem: “*De tempos em tempos volta-se a alertar, por exemplo, para os perigos dos alimentos enlatados ou de certas bebidas alcoólicas destiladas*” (VEJA, 11/02/1976, p. 46). Há ainda o relato da polêmica do macarrão “gravatinha” quando se descobriu conter um fungo responsável pela liberação de uma substância cancerígena. Em seguida elegem alguns pontos de análise: o primeiro deles é “*1. bebidas e dietas*”, na qual se lê: “*A rigor, por si só a glotonice já implica um perigo, independente inclusive do cardápio. Mesmo a*

¹⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos...Op. Cit.*, p. 402.

inofensiva carne bovina, se ingerida em quantidades pantagruélicas, traz o suposto risco de fazer brotar tumores no peito e, sobretudo, nos intestinos” (VEJA, 11/02/1976, p. 47). Mas alertam os repórteres, a carne em si não seria o problema, mas sim a gordura que ela contém. Em seguida falam do hábito japonês, com sua alimentação rica em peixes, e a predisposição ao câncer no estômago (devido aos nitratos e nitritos dos peixes), em compensação, os japoneses que imigraram para a América teriam mais chance de câncer no estômago diminuída, enquanto a de câncer no intestino aumentada.

MEDICINA
DE ONDE VEM O CÂNCER

As causas da doença podem estar fora do corpo — no ar, no sol, na comida, no ambiente

Dariamente, 15.000 pesquisadores buscam, em todo o mundo, a origem de assustar a bateria de seus microscópios eletrônicos em direção a invisíveis células cancerosas. E assim vão descobrindo, década após década, energia e milhões de vezes mais microscópios, e de raríssimos resultados realmente espetaculares. Vejam por outra, e verdade, alguma revelação, vinda da intimidade de seus laboratórios, denota no mundo exterior. Mas questões vitais continuam intactas — e, aliás, mais fortes. Até que ponto, seguramente, o câncer não seria também um produto da própria vida que se leva hoje em dia?

Essas perguntas emergem num momento em que o câncer faz dramático avanço em quase todo o mundo. Só no Brasil as precárias estatísticas oficiais, e parciais, apontam a existência, hoje, de 520.000 portadores de câncer — e seguramente milhares mais se arriscaria a garantir que haja recuperação definitiva para qualquer um deles. Nos Estados Unidos, o crescimento da mortalidade por câncer vindo se mantendo equilibrado por volta de 1% ao ano desde 1933 — mas subitamente, no ano passado, o câncer deu um brusco salto nas curvas do obstáculo, pagando o teto dos 5% e convertendo-se no maior mortal dos males atuais. Na Europa, no Japão e na África, enfim, tal tendência se acentua, embora os índices ainda estejam longe de alcançar as dimensões americanas.

Na opinião de muitos cientistas, toda essa escalada talvez deva levar a uma pausa para meditação. Pois o câncer, pensam eles, poderia estar mais ligado aos hábitos cotidianos, desenvolvidos pela civilização industrial, do que à ação de algum vírus misterioso. Até agora, de fato, é falível das pesquisas sobre as causas do câncer vem sendo posta em vigor e hábitos, em possíveis mutações no patrimônio genético do paciente, em eventuais fatores hereditários. Mas se os pesquisadores decidirem entrar aos olhares do foco dos microscópios, poderão observar curiosas coincidências relacionadas à propagação da molécula. E, quem sabe, descobrir novas inspirações para seu trabalho.

O significado oculto, por exemplo, a relação, estatisticamente comprovada, entre o hábito de se comer carne de boi todos os dias e o câncer na vagina? Por que os empregados de indústrias de plástico são mais afetados do que outras pessoas aos tumores desenvolvidos no fígado? Que motivo faz os japoneses se mostrarem mais vulneráveis do que os argentinos diante dos cânceres do estômago e do fígado? Que razões explicaram o fato de que metade dos pescadores de Somália e das Ilhas Fiji morre antes dos 50 anos, vítimas freqüentemente por erupções cancerígenas na pele?

Todas essas indagações acabaram merecendo recentemente certa deferência por parte da Sociedade Americana do Câncer e do formidável Instituto Nacional do Câncer, dos Estados Unidos — o mais poderoso centro de combate ao câncer do mundo, com 600 milhões de dólares de verba anual. Em conjunto, as duas entidades decidiram convocar um grupo de conceituados especialistas, inclusive uma dezena de Prêmios Nobel, sugerindo-lhes que buscassem uma habitual preocupação com a gíria interna dos tumores cancerígenos ou sobre as estruturas celulares afetadas, para se deterrarem nessa questão há — o câncer não seria uma doença provocada pelo próprio homem?

A conclusão foi contundente, quase escandalosa. Em 542 páginas de relatório, reunidas sob o título de "Pensamentos Sobre Alto Risco de Câncer", os cientistas insistiram que o câncer vem se revelando, cada vez com maior clareza, uma doença típica do meio ambiente. Para contrariá-lo, portanto, não parece indispensável a intervenção do mecanismo hereditário ou de agentes viróticos desconhecidos. E nem mesmo que se desentendam, dentro do organismo da eventual vítima, explosões metamorfose de caráter genético. Tais mutações podem realmente ocorrer, dizem os especialistas — contudo, as causas vêm de fora. O simples ato de comer, beber, tocar um objeto ou respirar já pode ser suficiente para condicionar qualquer indivíduo ao câncer.

De certa forma, a Organização Mundial da Saúde já havia antecipado essa suspeita, estimando que 85% dos casos cancerígenos vieram da "exposição a fatores ambientais diversos" — em meio aos quais incluiu fatalmente fatores desencadeados pelo próprio indivíduo, como o hábito de beber excessivamente de fumar, de comer em demasia ou de se deixar bronzear ao sol além de certos limites. No entanto, as evidências re-

lacionadas tanto pela entidade das Nações Unidas quanto pela Sociedade Americana do Câncer apontam para um subgrupo ainda mais temível nas críticas das doenças cancerígenas, e já praticamente fora do controle do próprio homem — a poluição.

De fato, bastaria um cientista americano superpor o mapa das grandes concentrações urbanas e industriais a um outro que analisasse as maiores incidências de moléstia, cidade por cidade, área por área, para perceber a inquietante coincidência entre as manchas negras de um e outro. No Brasil, igualmente, embora os dados se resumam a periódicos levantamentos efetuados em alguns hospitais e a precárias

formados em novidades industriais: plásticos, fertilizantes, detergentes, solventes, drogas.

Cerca de 1.500 dessas substâncias já se revelaram altamente tóxicas em testes de laboratório com plantas ou cobaias, conta o Dr. João Sarapano Giles Júnior, ex-diretor da Divisão Nacional do Câncer e atual presidente da Fundação Centro de Pesquisa de Oncologia do Estado de São Paulo. E, ainda que não se possa avaliar convenientemente seu "grau de tolerância" ao homem, as experiências não deixaram de ser uma advertência. Foi, aliás, a partir delas que os organismos sanitários dos Estados Unidos e de alguns países da Europa Ocidental resolveram banir do consumo 22 elementos considerados cancerígenos — entre eles os familiares DDT e Aldrin, fertilizantes de rastos dos organelos.

Dificilmente, porém, a lista se deterrará nesse 22 nomes. Pesquisas promissoras e, com elas, multiplicam-se as suspeitas.

FIGURA 5 – REPORTAGEM SOBRE O CÂNCER, FOTOS DOS POSSÍVEIS PERIGOS RELACIONADOS À DOENÇA, REVISTA VEJA, EDIÇÃO 388, 11 DE FEVEREIRO DE 1976.

Em outro momento, quase um ano depois, na reportagem da edição de 23 de março de 1977, comenta-se sobre a proibição da sacarina, usada em substituição ao açúcar em alimentos industrializados do tipo *diet* e *light*, também pelos mesmos motivos: danos à saúde. Cada vez mais a preocupação com a saúde liga-se aos aspectos industriais e ao modo como os indivíduos conduzem as suas vidas. No caso desta última reportagem, nota-se a adesão e disseminação de alimentos industrializados no cotidiano, ou seja, se a preocupação aumenta, é porque, efetivamente o consumo está acontecendo: “*Afinal [a proibição da sacarina] acabará atingindo um mercado consumidor que representa mais de 2 bilhões de dólares anuais de faturamento, numa*

vasta gama de produtos que abrange desde os tradicionais comprimidos e gostas para adoçar o cafezinho até as pastas dentíferas e pomadas para os lábios” (VEJA, 23/03/1977, p. 56).

As causas da obesidade e do excesso de peso sempre motivaram estudos e a criação de técnicas e procedimentos variáveis. O caráter especulativo que envolve as dietas de emagrecimento parece ser um apelo forte e constante que a indústria de produtos *diet* e *light*¹⁴⁷ conseguiu apropriar. Aliás, esses produtos se enquadram como alimentos para fins específicos e se tornam cada vez mais populares, principalmente pela aceitação de seu sabor.

Em todos os casos mostrados nas fontes, nota-se a convergência de uma situação particularmente importante, ligada a um aspecto já tratado aqui: para além da responsabilidade ligada ao sujeito, está a responsabilidade ligada à ciência. Considerando a importância da ciência para a formação dos corpos, do conhecimento e do avanço tecnológico, ela passa a ser associada também aos males contemporâneos, numa tentativa de suavizar a culpa dos indivíduos. Esta não é uma situação nova, pois olhar o avanço da ciência com receio costuma acontecer em tempos de guerra ou diante dos problemas ambientais, por exemplo. Mas no caso da responsabilização pelas escolhas de modelagem do corpo, não é tão comum. Talvez por isso ela tenha acontecido no momento de encantamento e tenha se perdido conforme a noção de responsabilidade passava ao indivíduo.

Segundo Giovanni Berlinguer, o termo responsabilidade pode ter dois significados: um que remete às ideias de empenho, consciência e moralidade e outro de senso comum, que se refere à culpa, ao erro. No primeiro significado, as atitudes individuais encontram-se na proporção direta do saber e do poder¹⁴⁸. A segunda acepção refere-se ao erro e à culpa. Em muitos sentidos essa culpa é a forma mais recorrente de se referir à ciência. Mas a impressão que fica é a de que, apesar dos receios e dos problemas éticos ligados ao desenvolvimento da ciência, ela é sim, a principal referência para a procura de respostas, “*a pretensão de que os problemas do mundo possam ter uma solução única e espontânea com o progresso científico, por*

¹⁴⁷ De acordo com a Portaria 29/28, item 2.2, da legislação brasileira, alimentos *light* e *diet* são “alimentos especialmente formulados ou processados, nos quais se introduzem modificações no conteúdo de nutrientes, adequados à utilização em dietas diferenciadas e/ou opcionais, atendendo às necessidades de pessoas em condições metabólicas e fisiológicas específicas”.

¹⁴⁸ BERLINGUER, Giovanni. *A ciência e a ética da responsabilidade*. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 191.

*exemplo. Ou talvez a ideia de que o cruzamento entre a ciência e o mercado seja sempre virtuoso e que nesse campo todos os instrumentos legais, todas as decisões políticas e todas as expressões de vontade popular sejam sempre um arbítrio*¹⁴⁹. Afinal, ela pode ser culpada em alguns momentos, mas é sempre lembrada quando se descobre algo novo, para melhorar a saúde, a alimentação e as questões estéticas. Inclusive porque, pode-se contestar os efeitos da ciência, mas não é comum contestar o acesso aos benefícios trazidos por ela.

Novos recursos e novas tecnologias possibilitadas pela ciência são mencionadas com insistência no decorrer do período estudado. Já na década de 1970 há a menção a “*robusta literatura dos regimes*” a exemplo do sucesso editorial “*A Dieta Revolucionária do Dr. Atkins*” (VEJA, 25/03/1974, p. 72). Ou seja, já por essa época o mercado de livros se valia dos benefícios de vender promessas e métodos para modelar o corpo. O objetivo era ensinar as pessoas a conseguir, sozinhas, a tão desejada perda de peso, em alusão à associação entre o excesso de peso e a força de vontade:

É possível conseguir? [questionam-se] – Alguns, entretanto, conseguem adquirir uma silhueta mais harmoniosa, pelo menos. Esses se situam entre o que os médicos chamam de pessoas de força de vontade, expressão frequentemente aplicada para alcoólatras, toxicômanos ou fumantes que abandonam seus vícios. É que, perante os novos conceitos da endocrinologia, a obesidade não passa de um vício (VEJA, 25/03/1974, p. 72).

Outra menção refere-se às partes do corpo que são motivo de vergonha. Neste caso não se mencionam cirurgias plásticas, mas começa-se a pensar em clubes ou colônias de férias voltadas aos cuidados com o corpo gordo. O olhar possui um importante papel nesta nova configuração. O quadril, por exemplo, passa a ser considerado um dos primeiros locais preocupantes, no qual as gorduras se acumulam primeiro, no caso das mulheres, e aumenta conforme as mulheres deixam de usar saias e passam a usar calças que marcam mais esta região. O mesmo acontece com a barriga, especialmente com o uso do biquíni. Mas não só o olhar de fora modifica a visão do corpo. O desenvolvimento da intimidade, do olhar “de dentro”, também faz isso.

No texto intitulado “*Gordura Psíquica*”, de 27 de maio de 1970, o repórter anuncia mudanças nos padrões de beleza após a influência de modelos como Twiggy e

¹⁴⁹ BERLINGUER, Giovanni. *A ciência e a ética da responsabilidade.... Ibid idem*, p. 211.

Veruschka: “(...) a mulher precisa ter traços angulosos, agressivos, ser alta (se possível) e magra, esguia e flexível (obrigatoriamente). Mas como aproximar desse rígido modelo as mulheres ávidas por pratos de espaguete e enormes taças de sorvetes? (VEJA, 27/05/1970, p. 66). A reportagem passa a falar de uma clínica em São Paulo, de nome “*Psico-terápica feminina*” que se propõe a analisar, por meio da psicanálise, as causas secretas que levam as mulheres a engordar.

A cliente que procura a clínica passa por uma via sacra com médicos e especialistas de toda ordem para fazer avaliações diversas (de tratamento de varizes a consertos dentários). Após os exames elas enfrentam a conversa com o psiquiatra: a ideia é, segundo nos informa a reportagem, demonstrar que a dificuldade para emagrecer tem, muitas vezes, fundo emocional. As entrevistadas dizem não se convencer pelo problema emocional, a exemplo desta fala: “*Eu vim para esta consulta porque ela é obrigatória e está incluída no tratamento. Não preciso de psiquiatra, meu problema é emagrecer*” (VEJA, 27/05/1970, p. 67). Nota-se aqui, que a noção de emagrecimento, regime e dieta não sofre (ainda) a influência abrupta da medicalização, nem há a expectativa de que o emocional possa ter alguma influência sobre corpos roliços. Isto porque, a noção de fundo psíquico pertence mais ao universo discursivo da medicina e menos ao senso comum, fato observado pela diferença nas falas do médico e da entrevistada. Este distanciamento também vai se amenizando conforme se avança na década de 1980. O discurso medico-científico parece ter domado, em partes, as opiniões sobre as reduções de medidas. E neste sentido, é bom lembrarmos da pedagogia de números e medidas que dificilmente são contestados.

No caso desta reportagem, a revista parece concordar com o tratamento proposto pela clínica: “*para emagrecer, o importante não é apenas passar fome ou enfrentar estóicamente os complicados processos fisioterápicos, mas principalmente deixar de esconder os problemas atrás de um prato de comida*” (VEJA, 27/05/1970, p. 67). Eles contam o exemplo do caso de uma mulher rica e ociosa que – chega-se a esta conclusão –, pela falta de responsabilidades e objetivos na vida, acaba mais suscetível à superalimentação. Ao final, a reportagem fala que a onda de tratamentos se espalhou pelo país e traz os seguintes dados, mencionados por um médico de Belo Horizonte: “(...) 76% de suas clientes obesas apresentavam discursos de origem psicossomática e, entre elas, 46% enfrentavam problemas psíquicos ou tinham fome de origem nervosa.

Esta mesma noção aparece na reportagem sobre dietomania: quando têm problemas no casamento as mulheres tendem a engordar (VEJA, 27/05/1970, p. 67). Parece haver uma associação, ainda que sutil, entre o apelo emocional ligado aos impulsos e excessos alimentares, mas só nos casos femininos. Tal ligação parece reproduzir o velho hábito de relacionar mulheres à sua “incontestável” natureza sentimental.

Sobre outra importante técnica associada à modelagem dos corpos, os exercícios físicos, têm-se a reportagem de 7 de junho de 1972 sobre a popularização da prática de Cooper em todo o país¹⁵⁰. O texto explica que a popularização teve seu início durante os treinos da seleção brasileira de futebol, na copa de 1970. Desde então, vários grupos passaram a se reunir, a fim de enfrentar o “teste de Cooper” e iniciar o planejamento de corrida. Na fala da maioria dos entrevistados, percebe-se que a busca pelo exercício físico gira em torno da saúde e quase não é mencionado o emagrecimento. Um dos entrevistados comenta: *“Há vinte anos faço diariamente uma caminhada por toda a praia. E não fumo, não bebo, não jogo. Isso devia ser feito por todos. Para se construir um grande país, só com um povo sadio”* (VEJA, 7/06/1972, p. 49). Com uma diferença de pouco mais de um mês, a revista lança uma edição que traz o Cooper como reportagem de capa, em 26 de julho de 1972. A reportagem começa remetendo aos novos valores médicos que apregoam a movimentação do corpo, para poder se recuperar. Neste caso, eles mencionam que três refeições diárias são “mais que suficientes”, fato que vai perdendo força com o passar dos anos.

Em relação à incorporação de determinados alimentos às dietas de emagrecimento, como as sopas em pó, aparecem novos produtos industrializados para quem está fazendo regimes. É o caso, por exemplo, da sopa-regime, noticiada na edição de 20 de junho de 1973, na qual se lê: *“atrás de um corpo remodelado, já seguiram deitadas dos astronautas, ingeriram chás e pílulas que tiram o apetite, fizeram misteriosas contas para obter o número ideal de calorias diárias e quase sempre,*

¹⁵⁰ Uma curiosidade: quando mencionam o significativo aumento de adeptos ao Cooper em todo o Brasil (especialmente nas capitais), os jornalistas relatam a preferência por corridas diurnas e revelam que, apenas na cidade de Curitiba foge à norma: “Neste vasto panorama, só Curitiba, em todo o país, parece fugir à regra implantada pelos fiéis de Cooper. Lá, por alguma razão insondável que um cidadão preferiu justificar como ‘timidez paranaense’, não há quem siga, de manhã, os ensinamentos do mestre americano: todos preferem correr à noite, depois das 22 horas, protegidos de olhares indiscretos pela má iluminação de muitas ruas da cidade” (VEJA, 26/07/1972, p. 70).

*tristemente, acabaram voltando à alimentação normal*¹⁵¹ (VEJA 20/06/1973, p. 61). É importante atentar para a construção de um imaginário recorrente, diferenciando a alimentação normal da alimentação de dietas. A sopa chamada *Zupavitin* é importada e desenvolvida para inibir a vontade de comer. Por isso não há a necessidade de esforços e sofrimentos, afinal, sem a vontade de comer não se come e não se engorda. Vale aqui uma observação: quando o assunto é saúde a revista reporta-se aos dois corpos – masculinos e femininos –, quando é beleza ou forma corporal há sempre a transformação do gênero gramatical para o feminino.

Em outra edição, desta vez em 21 de novembro de 1973, encontra-se uma notícia muito semelhante, mas trazendo outra marca de sopa, a *Dietor*. O título é “Dieta à bolonhesa” e começa assim: “*Cada gordo tem uma explicação para a sua gordura. Ou são problemas glandulares, ou falta de tempo para exercícios ou, ainda, a irresistível tentação que emana de uma fumegante macarronada*” (VEJA, 21/11/1973, p. 140). O sucesso do produto importado vem na esteira da *Zupavitin* que teve as expectativas de vendas superadas. Aqui é mencionado o gosto como vantagem para a *Dietor* – por ser italiana, o sabor se assemelha ao gosto do brasileiro. Todos os acessos a esses produtos levam-nos a outro ponto de análise: a quem se destina essa alimentação e quais são as diferenciações sociais impostas pelos corpos e pela alimentação?

Retomando a fonte já citada, de 16 de janeiro de 1974, temos a frase: “*Como um casal de prósperos descendentes de sírio-libaneses*”. A imagem de pessoas prósperas e gordas é uma característica marcante do século XIX e parte do XX. A imagem do capitalista, dono de grandes fortunas e repleto de carnes e gorduras corporais faz parte do imaginário social. Para Claude Fischler, “*(...) a corpulência traduz aos olhos de todos a parte da comida que nós nos atribuímos, isto é, simbolicamente, a parte que tomamos para nós, legitimamente ou não, na distribuição da riqueza social*”¹⁵². É por isso que, muitas vezes – e isso também é notado de forma implícita na fala do jornalista – a imagem que se tem dos gordos não é a de vítima, mas a de culpados que transgridem a ordem social da distribuição de alimentos. A quantidade de pessoas acima do peso, no Brasil da década de 1970, era inferior à atual. A imagem que se tinha, portanto, ainda estava associada ao imaginário do capitalista “devorador” dos

¹⁵¹ Cabe aqui uma observação: em alguns momentos, a revista adota uma postura muito crente em relação aos métodos para modelar o corpo, em outros é muito descrente e até ridiculariza-os.

¹⁵² FISCHLER, Claude. *Obeso Benigno Obeso Maligno... Op. Cit.* pp. 70-71.

explorados¹⁵³, e talvez por esse motivo, o jornalista tenha optado pela inclusão da ideia de “prósperos descendentes” na notícia. Esta mesma questão foi lembrada por Csergo, ao mencionar o termo “obesidade do ventre” associada aos indivíduos supra-alimentados provavelmente pela ascensão financeira.

A banalização do peso aconteceu de maneira desigual na sociedade. Nota-se que uma mesma figura pode ser denominada por adjetivos como: forte, saudável, soberba entre determinadas camadas sociais e por adjetivos como: gorda, exagerada e compulsiva, em outras. Na passagem de um contexto histórico no qual as cidades se inflam e a necessidade de corpos bem dotados para o trabalho rural vão perdendo terreno, a designação e os nomes que se dão aos corpos também se modificam. O mesmo ocorre com o acesso aos bens alimentares: se antes os corpos saudáveis e bem alimentados eram representados por boas carnes, pele preenchida e rosada, a partir da realidade de acesso ao consumo, a diferenciação se pauta pelo inverso: ser bem sucedido não é poder comer, é saber comer, é ter a medida e o equilíbrio alimentar. Nota-se que o apelo social, neste caso, atua como um diferenciador não mais dos indivíduos que têm acesso ao alimento, mas dos indivíduos com acesso aos meios e tecnologias para combater os efeitos do excesso de alimento.

Neste sentido, podemos dizer que, se o conceito relacionado à gordura sempre teve conotação negativa, então a sua utilização e posteriormente a sua omissão, estão interligadas a experiências históricas concretas que, no limite, indicam a maneira pela qual um valor dado ao corpo assume aspectos também ideológicos. Um dos médicos entrevistados na fonte sobre dietomania (VEJA, 25/03/1974) diz ser necessário mudar os hábitos alimentares dos habitantes das grandes cidades e comenta que “*de uns dez anos para cá, as populações do Rio de Janeiro e de São Paulo têm engordado muito, em todos os sentidos*”. E, em Brasília, a dietista atualmente mais procurada, dra. Berenice Carneiro, acrescenta mais um dado quando nega que a obesidade seja hereditária ‘*hereditário são os hábitos alimentares*’.” (VEJA, 1974, p. 72). A associação entre obesidade e hábitos alimentares, de forma explicitamente negativa teve sua origem no final do século XIX. As primeiras providências associadas ao emagrecimento foram a redução ou a eliminação de açúcares e gorduras e posteriormente a inclusão de “alimentos bons”, como a ingestão de saladas. Mas o regime só ganha *status*, na medida em que a obesidade se torna um problema de saúde.

¹⁵³ Expressão utilizada por Claude Fischler em *Obeso benigno, obeso maligno... Ibid Idem*, p. 68.

Quando passa, então, a vigorar como uma questão verdadeiramente estética, ela se dissemina largamente.

A obesidade, uma vez transformada em disfunção, passa a exigir dos corpos que a carregam, uma nova atitude perante a sua situação. Segundo Vigarello, “*os perfis patológicos se proliferam. As proposições de tratamento igualmente*”¹⁵⁴. Pensando em termos do contexto brasileiro, a classificação feita na reportagem remete a uma situação que nasceu juntamente com o desenvolvimento do papel da nutrição, e consiste na diferença entre obesos mórbidos, gordos, e normais com pré-disposição. O desenvolvimento de tal acepção foi possível a partir da disseminação dos conhecimentos médicos e nutricionais na sociedade brasileira. Maria Helena C. de A. Cardoso afirma que a atual utopia da conquista da saúde está relacionada ao entendimento de que o indivíduo tenha o poder de conhecer, por um lado “*seu patrimônio genético e, por outro esteja apto a avaliar as influências ambientais e os modos de comportamento que podem favorecer a conjunção de dois fenômenos aleatórios: o inato e o adquirido*”¹⁵⁵.

Retomando a discussão acerca da inter-subjetividade, podemos entender a desqualificação do corpo fora dos padrões “normais”, como um processo de sociodinâmica da estigmatização¹⁵⁶, para designar o estigma dirigido a um grupo e não a indivíduos isolados. Neste sentido, a estigmatização remete à interação entre o social e o individual e na maneira como o auto-controle e a opinião grupal se articulam. A valorização das dinâmicas inter-pessoais e inter-grupais possibilita que o conteúdo fantasioso de um grupo fique mais acentuado quando a fantasia e a realidade se dissociam e nesse caso, a imagem do nós e do ideal do nós tornam-se versões pessoais de fantasias coletivas.

Visto por este ângulo, a relação nós-eu fica acentuada nas características impressas nos corpos e nos padrões alimentares. É nesta dinâmica também, que podemos relacionar a ideia desenvolvida por Bordo, a respeito do corpo anoréxico enquanto lugar de controle individual com suporte em exigências do coletivo. As situações de opulência, ou o seu oposto – a de magreza excessiva – podem se configurar numa imagem ideal do nós, e aqui, o nós enquanto um grupo de pessoas que obtiveram

¹⁵⁴ Tradução livre do trecho: “*Les profils pathologiques ont prolifere. Les propositions de traitement également*”. VIGARELLO, George, *Les Métamorphoses du gras... Op. Cit.*, p. 242.

¹⁵⁵ CARDOSO, M. H. C. de A. *História e Medicina: a herança arcaica de um paradigma*. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 6, n. 3. Rio de Janeiro: nov. 1999/fev. 2000.

¹⁵⁶ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 23.

o sucesso por meio da disciplina e das possibilidades de acesso à informação e ao conhecimento, colaborando para a acentuação da diferenciação social baseada em imagens pessoais.

2.2.1. Medicina e medicalização

Na reportagem de 16 de janeiro de 1974, que trata da relação entre regimes e medicina é possível encontrar a estigmatização ligada ao fato de pessoas gordas comerem demais:

O fato é que, embora continue a se alimentar de maneira estupefante, a maioria dos paulistanos gordos procura de alguma maneira reduzir o excesso de peso, submetendo-se, inclusive às mais arriscadas prestidigitações (VEJA, 16/01/1974).

Uma das situações analisadas pela ideia de desequilíbrio calórico é o fato de que comer muito é submeter o organismo a uma quantidade de alimento superior à necessidade. Mas como definir a medida da necessidade? Entram em cena os estudiosos que passaram a medir o gasto calórico determinando-o como a medida da necessidade. Instaurou-se, então, a noção de que cada corpo, dependendo de fatores internos como: idade, sexo, ocupação, ou externos como o clima, deve consumir determinada quantidade de calorias por dia. Estes e muitos outros conceitos passaram das teses médicas e nutricionais ao vocabulário midiático e, por fim, ao cotidiano.

Em recente pesquisa realizada por Fischler e Masson, com entrevistados em 6 países (5 europeus e 1 americano), notou-se uma expressiva diferença entre as preocupações com o comer¹⁵⁷. Para citar o caso de americanos e franceses, os primeiros estariam mais preocupados com uma alimentação mais autônoma, individual, dietética e inovadora, enquanto os franceses prezaram mais pela comensalidade, pelo gosto culinário e pela tradição.

Ao pensarmos no padrão norte-americano, com especial atenção à influência editorial encontrada nas próprias revistas brasileiras, percebemos um maior alinhamento com este padrão. Durante quase todos os anos da década de 1970 as referências à

¹⁵⁷ FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle (Orgs.). *Comer. A alimentação de franceses... Op. Cit.*, 53.

alimentação voltaram-se mais para as inovações tecnológicas e para problemas de saúde e noções dietéticas do que para qualquer outra forma de noticiar a alimentação. Ainda que seja possível encontrar o alimento em reportagens sobre economia (como a comercialização de grãos e as mudanças sanitárias para o manejo de carnes, por exemplo), a alimentação neste período é assunto da saúde. Com o passar do tempo, o tema invade outras páginas, muda de editorias, assim como muda de tom, “*a modernidade aparece assim como uma era de reflexividade implacável, em que se perde uma inocência nutricional devido à erosão dos saberes práticos do cotidiano*”¹⁵⁸.

Segundo dados apresentados por Carneiro, a medicalização da alimentação, como a ingestão de vitaminas e suplementos nutricionais faz parte da realidade de quase metade dos norte-americanos, enquanto está fora da rotina da maior parte dos povos europeus. Nos dados coletados por Fischler e Masson, os norte-americanos remetem muito mais a termos como nutrientes e proteínas para explicar as necessidades alimentares do corpo, em lugar do uso do termo *food*. A fragmentação do alimento importa mais que o próprio alimento. Considerando a influência deste tipo de mentalidade, tanto para os exercícios físicos (Cooper) quanto para as dietas em voga nos anos 1970 (Atkins), pode-se concluir que, talvez o padrão dietético representado na revista tenha gerado uma prática de associações aos compostos dos alimentos em detrimento do próprio alimento.

Um dos elementos verificáveis neste sentido pode ser exemplificado pelos valores dados ao conceito de “natural” e as suas associações com o alimento e a saúde. A saúde está intencionalmente ligada ao ato de comer, ou melhor, ao ato de comer bem. As dimensões deste “comer bem” variam no tempo e no espaço, formando atualmente três categorias elementares associadas ao comer bem: equilíbrio e respeito às refeições; qualidade dos produtos e cuidados com a saúde. Este último aspecto esteve presente no discurso de todos os entrevistados, independentemente do local.

A questão da naturalização do natural enquanto meio de se conseguir boa saúde, foi encontrada facilmente nas falas de entrevistados e no texto jornalístico. Retomando a pesquisa desenvolvida por Fischler e Masson, foi observado que, dentre as possibilidades de consideração de um produto industrializado visto como natural, a ideia de que se retirou algo do produto (como os produtos *light*) é mais próxima ao natural, enquanto que a ideia de inclusão (como adição de vitaminas) é considerada

¹⁵⁸ CARNEIRO, Henrique S. *Comida e Sociedade... Op. Cit.*, p. 11.

menos natural. Esse resultado, segundo os autores, é coerente com as formas de representação do natural, ou seja, acrescentar “desnatura” mais do que retirar¹⁵⁹. Assim, a adição é considerada o auge da desnaturação de um alimento. Pensando assim, notamos uma significativa preocupação com a adição de corantes, conservantes, aromas artificiais, etc. O aditivo químico, em geral é considerado tóxico e anti-natural. Neste sentido há uma expressa diferenciação entre medicamento e alimento.

Mas a antiga ligação entre alimento e medicamentos, no século XX fica exacerbada pelo grau de fragmentação em categorias como gorduras, lipídios, proteínas e vitaminas. “*A medicalização parece ter sugerido novas categorias e, em consequência, produz efeitos no pensamento: não há mais, no limite, diferença de natureza entre o alimento e o medicamento, somente uma diferença quantitativa – de dosagem, por assim dizer. Entre alimento e medicamento não há mais ruptura de continuidade*”¹⁶⁰. Esta pesquisa traz ainda uma discussão interessante. Suas análises e entrevistas com médicos e leigos em diferentes países, constatou que a cultura médica está muito em consonância com o que pensam os leigos. Para exemplificar, pode-se citar o uso de vitaminas. A opinião de médicos em países nos quais todos ou quase todos os entrevistados afirmaram tomar vitaminas é positiva em relação ao suplemento alimentar. Já em países que não possuem o hábito de ingerir tais suplementos, os médicos não o consideram como um elemento promotor de saúde. Ora, se a ciência segue caminhos muito próximos e se os meios de comunicação dão conta de disseminar as novas descobertas médicas, deparar com tais idiosincrasias é bastante sintomático.

A questão da medicalização associada a dietas alimentares é percebida na fonte de 04 de setembro de 1986:

Trecho 1: Os brasileiros consomem cerca de 12 milhões de frascos de comprimidos reguladores de apetite por ano – um recorde mundial. O título não é nada lisonjeiro para o país. Esses comprimidos aparentemente inofensivos são perigosos quando consumidos sem orientação médica adequada. Suas fórmulas escondem coquetéis que podem ser prejudiciais à saúde (VEJA, 04/09/1986).

Trecho 2: Hoje, há 27 milhões de brasileiros com excesso de peso, o equivalente a 30% da população adulta. Desses, 6,8 milhões são obesos, ou seja, estão muito acima do peso ideal e podem ter problemas de saúde por esse motivo. “A

¹⁵⁹ FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. *Comer. A alimentação... Op. Cit.*, p. 64.

¹⁶⁰ FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. *Comer. A alimentação... Ibidem*, p. 66.

obesidade é considerada uma doença, que precisa de tratamento crônico”, diz o endocrinologista Alfredo Halpem. Nesse caso o uso dos anfetamínicos torna-se um mal necessário. Os demais brasileiros, aqueles que não se enquadram na categoria de obesos, devem fugir dos moderadores de apetite. Para esses, é mais saudável e menos arriscado ir à academia de ginástica que à farmácia da esquina (VEJA, 04/09/1986).

Neste caso, a rejeição a dietas demasiadamente restritivas ganha o estímulo do uso de medicamentos, como citado na própria reportagem. Melman refere-se ao *pharmakon* enquanto objeto capaz de curar uma doença e, também capaz de curar a própria insatisfação representando a busca pelo conforto. Assim, “*o desejo, enquanto grande atormentador que não deixa descansar obriga a trabalhar, a correr, a deslocar, a desobedecer, a se esforçar, etc. Em suma, a viver. Quanto ao conforto, ele é partidário da seditação, da imobilidade, da imutabilidade e substitui a verticalidade pelo decúbito num silêncio que prefigura a morte no lugar do clamor da existência*”¹⁶¹. Observação parecida foi feita por Ades e Kerbauy, a respeito da pesquisa feita com pacientes obesos e a dificuldade de submetê-los a programas comportamentais de emagrecimento, que os próprios pacientes afirmam ser invasivos. O problema é que todo programa de redução de peso é cheio de regras e sempre acarreta mudanças na rotina¹⁶². A medicalização aparece, portanto, como uma solução de conforto e de manutenção da rotina.

Se nos discursos anteriores o uso de medicamentos já aparecia, nesta última fonte a temática é tratada com mais familiaridade, como se a semântica já pudesse ser compartilhada na experiência concreta do cotidiano. Neste texto, nota-se a ligação entre emagrecimento e o conhecimento médico tanto para informar a população, quanto para legitimar o que é dito. Mas obviamente, as dietas de emagrecimento nem sempre estão associadas ao saber médico.

É importante salientar algumas questões a respeito da forma como a medicina moderna ocidental é percebida e recai sobre o cotidiano no contexto do século XX. A chamada medicina científica que se consolidou após a Segunda Guerra Mundial caracteriza-se pela extrema sofisticação técnica e tecnológica. No campo material, esta característica possibilitou a capacidade de intervenção no corpo, a fim de torná-lo mais

¹⁶¹ MELMAN, Charles. *O Homem sem gravidade... Op. Cit.*, p. 71.

¹⁶² ADES, Lia; KERBAUY, Rachel Rodrigues. *Obesidade: realidades e indagações... Op. Cit.* p.11.

e mais produtivo. No campo ideológico, passou-se a acreditar na soberania da ciência médica e na credibilidade de suas técnicas. Alguns autores apontam para a crise deste modelo, iniciada na década de 1970, determinando as impressões que a ciência tem de si mesma. Alguns autores acreditam que a mudança está relacionada à percepção do mundo natural *“independente do mundo humano que o percebe, um pressuposto fundamental do positivismo passa a ser ingênua na medida em que não avalia a importância da estrutura perceptiva influenciada pela sociedade e pela cultura na dimensão e no sentido assumidos pelo mundo natural”*¹⁶³. Isto está ligado à noção de que a apreensão da realidade é socialmente modelável, o que retira a pretensa parcialidade da ciência e a coloca dentro de esquemas mentais de construção do saber.

Voltando à reportagem sobre o Cooper (VEJA, 26/07/72) que, embora refira-se mais de exercícios para o corpo, vale a pena nos atermos a ela. O Cooper serviria, sobretudo, para prevenir doenças cardiovasculares ou para acelerar o processo de recuperação de quem sofreu um enfarte, por exemplo. Segundo um dos médicos entrevistados, *“como sistema de condicionamento físico, o método Cooper é o que existe de melhor à disposição da medicina”* (VEJA, 26/07/72, p. 68). Em entrevista ao próprio dr. Kenneth Cooper, há a menção aos diversos dados científicos levantados por ele em cerca de 60.000 pessoas. Na continuação, nota-se a valorização de dados físicos e fisiológicos ligados à prática – batimentos cardíacos, resistência, força, etc. Foi, aliás, com a reunião de dados que o dr. Cooper conseguiu enquanto trabalhou acompanhando os candidatos à astronauta na Força Aérea Americana, que possibilitaram a ele disseminar um método novo de uma prática antiga: a corrida.

Para o dr. Cooper o método é o mais completo, se comparado, por exemplo ao calistênico¹⁶⁴. Para explicar tal relevância, outro médico entrevistado fala da importância da oxigenação para o corpo e faz a seguinte comparação: *“No corpo, o combustível é o alimento e a chama, o oxigênio. Porém, embora possa armazenar alimento, o organismo humano não tem como guardar oxigênio”* (VEJA, 26/07/72, p. 71). Começa-se a explicar o método e, novamente aparecem várias técnicas, mecanismos, referências e pontuações para sustentar e legitimar o método. Ao final, conclui-se que todo o estudo e método foi baseado na queima de *“180 quilocalorias*

¹⁶³ QUEIROZ, Marcos de Souza. *O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva antropológica*. In: Rev. de saúde pública, São Paulo, 20(4): 309-17, 1986.

¹⁶⁴ Espécie de ginástica localizada recomendada principalmente para as mulheres. A ginástica, aliás, sempre foi um dos exercícios preterido pelas mulheres e por aqueles que diziam o que era melhor para o corpo feminino.

semanais”, informação com a qual o jornalista une a ideia de que “*os números nunca mentem*” (VEJA, 26/07/72, p. 72). Nesta reportagem, sempre que citam a fala de um entrevistado, escrevem o nome, a idade, a altura e o peso. Um dos entrevistados menciona: “*apenas com o cooper é possível que uma pessoa perca, no mínimo, um quilo de peso por mês*” (VEJA, 26/07/72, p. 72). Neste sentido, é observável o aumento que esses números ganham com o passar dos anos. Assim, o gasto calórico de 180 quilocalorias semanais passa a ser diário e a perda de 1 quilo de peso também. Há um significativo aumento da performance e do que se busca com os exercícios e com as dietas. Associados, estes dois elementos compõem aquilo que, na edição sobre dietomania (VEJA, 29/05/1974), foi considerado o mecanismo da perda de peso: emagrecer é igual a exercício menos comida.

Neste contexto menciona-se, também, que o cooper não inclui, entre seus milagres possíveis, o fim da obesidade e explicam o porquê, citando a contagem de calorias ingeridas x calorias queimadas. Destaca-se, portanto, o problema da obesidade como, fundamentalmente, um problema alimentar. Seguem, então, falando dos problemas de saúde associados ao excesso de peso. “*Como evitar esses problemas? Já que a religião do Cooper apenas consegue sozinha, a redução de 1 quilo de peso por mês, parece indispensável uma forma qualquer de ecumenismo atlético, do qual fariam parte também a ginástica e os regimes de emagrecimento*” (VEJA, 26/07/72, p. 73). Sobre isso, os autores comentam que antes, quem procurava as clínicas e os salões de ginástica eram, em maior parte, as senhoras gorduchas, mas agora estes locais andavam frequentados também por “centenas de mulheres” buscando “*além das razões estéticas, elas compreenderam que a atividade física era fundamental para a sua sobrevivência*” (VEJA, 26/07/72, p. 74). Por fim, eles mencionam algumas críticas ao método, especialmente quando envolve a falta de orientação, acompanhamento e alimentação adequada. Sobre como deveria ser a alimentação, no entanto, sabe-se muito pouco.

Para Jesus Contreras, a medicalização da alimentação se constitui em um dos paradoxos das modernidade alimentar¹⁶⁵. Ele lembra que um dos processos mais evidentes da extrema valorização da saúde é a apropriação e naturalização, pela medicina, de questões sociais. As interações entre as questões sociais e a medicina acabam se imbricando até chegar ao ponto de que “*a saúde sai de seu campo de*

¹⁶⁵ CONTRERAS, Jesus. *Os paradoxos da modernidade alimentar*. In: COLLAÇO, Janine H. L.; MONTEBELLO, Nancy de Pillia (Orgs.). *Gastronomia: cortes & recortes*. V. 2. Brasília: Editora Senac-DF, 2007, p. 32.

*atividades tradicionais para ganhar espaço no conjunto de setores de consumo (atividade física, esportes, alimentação, turismo contra o stress, meditação, atividades no tempo livre, trabalhos manuais, ecologismo, etc.). Desse modo a saúde converteu-se em um valor cultural de primeira ordem e deve ser entendida como uma caixa de ressonância da sociedade moderna*¹⁶⁶.

Para Sant'Anna, comer alimentos mais próximos da indústria e mais distante da natureza, no Brasil, representava um ato de sofisticação e inteligência (novamente a questão do encantamento com a modernização). É complexo o caminho percorrido pelos corpos femininos na transformação do padrão, por assim dizer, bem nutrido, de volumes e tamanhos generosos, para a magreza antes considerada indício de falta de saúde, presença de vermes, problemas nos nervos e até problema para atrair marido¹⁶⁷. Atenção para a distinção social do consumo de alimentos: distinção pelo corpo, do quanto se investe nele e do quanto se tem de informação, numa clara exposição das relações de classe.

Diante do exposto pelas fontes consultadas, a formação do gosto alimentar quando pensada em termos nacionais, não pode ser dimensionada, mormente, por seus aspectos identitários. Mais do que entender os padrões culinários, é preciso colocar em perspectiva os diferentes modelos alimentares (que quase sempre se cruzam) e as ansiedades alimentares provenientes da própria conjuntura na qual se conhece e se tem acesso, de tal forma que se pode criar um paradoxo de acesso e receio. A respeito das influências exercidas por outros países, ainda restam dúvidas sobre qual seria o modelo mais em consonância com o padrão brasileiro.

¹⁶⁶ CONTRERAS, Jesus. *Os paradoxos da modernidade alimentar... Ibid Idem*, p. 40.

¹⁶⁷ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Brasil: o belo, o esbelto... Op. Cit.*, p. 329.



FIGURA 6 – PRODUTOS AUXILIADORES DO EMAGRECIMENTO, REPORTAGEM SOBRE DIETAS ALIMENTARES, REVISTA VEJA, EDIÇÃO 299, 29 DE MAIO DE 1974.

2.2.2. Modelos de gênero e padrões de beleza

Na reportagem intitulada “*Os maravilhosos homens modernos*”, de 24 de novembro de 1971, fala-se dos novos padrões de vestimenta e cuidados estéticos para os homens. Logo no início lembra a rapidez e dimensão das transformações, pois até pouco tempo não era bem visto, nem nos grandes centros urbanos, um homem usar cabelos longos ou calças coloridas. Passam então, a falar da busca pela beleza em todos os tempos, “*E a história do vestuário, das jóias e dos cuidados com o corpo conta que o homem sempre foi o precursor no trato e uso das coisas hoje tidas como femininas*” (VEJA, 24/11/1971, p. 60). A reportagem faz, então, uma incursão na história apontando para as situações em que os homens utilizavam adornos. Há a associação, feita por um entrevistado, entre a nova forma de vestir e a liberdade ou o ganho de liberdade que se tem naquele momento. Na legenda de um conjunto de fotos na página 64, encontra-se escrito: “*Os detalhes da vaidade. Há dez anos, apenas 4 ou 5 lojas na rua Augusta, em São Paulo, eram só para homens. Hoje, chegam a pelo menos 50% do total. Vendem cintos, calças, colares, pulseiras e anéis. Artigos extravagantes que servem para realçar cada vez mais a beleza do homem moderno*” (VEJA, 24/11/1971, p. 64).



FIGURA 7 – CONJUNTO DE FOTOS SOBRE NOVOS ACESSÓRIOS E TECNOLOGIAS DIRECIONADAS AO PÚBLICO MASCULINO, REPORTAGEM SOBRE A “NOVA MASCULINIDADE”, REVISTA VEJA, EDIÇÃO 168, 24 DE NOVEMBRO DE 1971.

As fotos que ilustram a reportagem mostram diversos acessórios e novos cortes de cabelo. Como responsáveis por tal situação, a reportagem elege os meios de comunicação, a publicidade e a indústria. Uma socióloga entrevistada comenta “(...) *aí está o quadro da nossa época. A cultura de massa e os meios de comunicação se encarregam de difundir para todas as camadas um comportamento que no passado era típico de um grupo determinado*” (VEJA, 24/11/1971, p. 65). Nota-se que o jornalista deu particular atenção aos efeitos publicitários, ou melhor, à motivação publicitária enquanto responsável pela aceitação dos novos padrões masculinos. Não é perceptível, no entanto, qualquer associação aos padrões de masculinidade. O padrão é mais para o que não usar do que para as obrigações de uso. Ganha-se mais liberdade de usos e perde-se antigos padrões e preconceitos. Alguns (interessantes) elementos são mencionados como fazendo parte do rol de novidades: cremes para o rosto, cílios postiços, esmaltes, etc. Chama a atenção o momento em que se começa a falar do salão de beleza que, para surpresa de todos, era agora freqüentado também por homens.

Em 21 de novembro de 1973, há uma reportagem sobre “culturismo” ou fisiculturismo masculino. Intitulada “*Os mais belos*”, a matéria trata da premiação do

concurso “*Mister Brasil*” daquele ano. As qualidades julgadas no concurso foram: beleza, estética, harmonia, simetria, controle muscular, beleza física e pose. Sobre a alimentação do atleta vencedor diz-se: “*Passou a treinar 10 horas diárias com halteres, dormir 12 e ocupar as duas restantes com uma valente dieta que, além das refeições normais, incluía 24 ovos crus, 3 quilos de bananas, meio quilo de aveia, 250 gramas de queijo, 250 gramas de mel e 6 litros de leite*” (VEJA, 21/11/1973, p. 91).

Já na edição de 26 de fevereiro de 1979, lê-se:

Modelo atual – Os cirurgiões plásticos, que vivem de devolver aos corpos dotes perdidos, ou criar angulosidades e atrativos onde nada disso existia, afirmam que a beleza física, como as roupas e a maquiagem, também precisa se adaptar à moda. Ao contrário da década de 1950, dizem eles, quando sinônimo de exuberância era a então bem-dotada Sophia Loren – hoje a mulher considerada bonita é magra, de seios pequenos. E como sempre, sob hipótese alguma, não pode envelhecer (VEJA, 26/02/79, p. 68).

Segundo Sant’Anna, o corpo da mulher brasileira, na década de 1950 acompanhava as representações mais tradicionais de valores ligados ao corpo, no qual o corpo não lhe pertencia totalmente, era divinizado, naturalizado e, portanto, quase intocável. Embelezar-se demais era malvisto, os rituais eram comedidos e exigiam poucos esforços individuais. Com o passar do tempo e com a ascensão de novas tecnologias da beleza, as barreiras entre beleza e moral foram se dissolvendo (a exemplo da diminuição de problemas entre maquiagem e saúde que minimizou a intolerância de ordem moral. “*Desde os anos 1950, o sadio não fará mais oposição apenas à doença, mas também à falta de juventude, de espírito esportivo, de capacidade em ser flexível e feliz ao mesmo tempo. O corpo sadio indicará, progressivamente uma nova maneira de conceber os alimentos, bem como de prepará-los e comê-los*”¹⁶⁸.

Nota-se uma disparidade em relação aos corpos femininos e masculinos, quando tratados nos mesmos termos: o da beleza. Aos homens parece haver muito mais uma ligação da beleza com acessórios e pequenos ajustes conseguidos com poucos esforços. E isso já basta para deixá-los bonitos. Já os corpos femininos precisam passar por verdadeiros suplícios para se tornarem belos e atraentes. Percebe-se uma descontinuidade do modelo de corpos anterior a 1950 e uma nova forma de construção e

¹⁶⁸ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Brasil: o belo, o esbelto... Op. Cit.*, p. 328-329.

visualização dos corpos femininos entra em vigor. Mas por que isso acontece? Lembremo-nos aqui, da teoria desenvolvida por Naomi Wolf, ao considerar o lado político infligido aos corpos. Neste sentido, percebe-se que a mudança nos propósitos do corpo estão, sim, ligados aos aspectos de re-definições dos papéis sociais de homens e mulheres.

Um último elemento presente nestas fontes a ser considerado, refere-se às questões estéticas. Citando novamente Courbeau e Poulain, percebe-se que a magreza se impõe a todos, não somente como uma questão puramente estética, mas também como uma qualidade moral. Michel Maffesoli afirma que, assim como a modernidade fora marcada pela esfera do político, a hipermodernidade corre o risco de ver a estética transformada em seu grande tema. No rastro de tal concepção, ele segue afirmando que “a filosofia da vida acentua o aspecto trágico do presente assim como sua exigência (...) e o sentido de urgência que o tempo presente secreta. Todas as coisas que podem ser resumidas através de dois termos, criação e consumação”¹⁶⁹. O consumo tanto de alimentos condizentes com as dietas, quanto de informações sobre regimes alimentares e medicamentos para afinar a silhueta, trazem à tona a junção de características fundamentais do consumo e da satisfação do indivíduo.

Mas apesar de estar envolto em aspectos individuais, não podemos negar a existência de uma coletividade ou de um imaginário ligado, sobretudo, ao ideal estético do corpo.

¹⁶⁹ MAFFESOLI, Michel. *Comunidade de destino*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, jan.-jun. 2006. pp. 273-274.

“Quando se classificam alimentos, classificam-se pessoas, notadamente os gêneros homem e mulher, pois, se o alimento é percebido em sua relação com o corpo individual, este é uma metáfora do corpo social”

Klaas Axel A. W. Woortammn

3.1. IMPRENSA FEMININA

A consagração de revistas voltadas especificamente para as mulheres acompanhou o desenvolvimento da própria imprensa e estabeleceu um tipo de relação muito característico em função do gênero. Historicamente, esta relação começou com a revista assumindo um papel de companheira das mulheres burguesas do século XIX, sendo explorados muitos assuntos ligados aos cuidados com a casa e à construção da dona de casa “ideal”¹⁷⁰. Entre os séculos XIX e XX, as revistas se dividiram em dois grandes focos temáticos: moda e beleza, e reivindicações femininas – mas estas atingiam um público mais restrito.

O formato destas publicações acompanhou as novas configurações da feminilidade e dos papéis sociais das mulheres. Para Mira, “(...) a imprensa feminina conhece dois grandes ciclos de expansão: a segunda metade do século XIX e o pós-guerra. No seu primeiro surto, ganha importância exatamente quando as mulheres estão emergindo como sujeitos consumidores, iniciando sua luta para serem sujeitos da história e já são também leitoras”¹⁷¹. Outra fórmula que se tornou consagrada era a que publicava conselhos para os problemas sentimentais das mulheres.

Quando analisados, todos estes formatos convergem para a veiculação da imagem feminina associada tanto ao que se espera das mulheres, quanto ao que as mulheres esperam de si mesmas e da sociedade. Com a importância que as revistas assumem na vida prática feminina, inicialmente articuladas aos cuidados com o lar e posteriormente ligadas aos cuidados de si, as revistas femininas no século XX deixam de ser apenas uma informação para se tornar uma comunicação.

¹⁷⁰ MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas...* Op. Cit., p. 45.

¹⁷¹ *Ibid idem.*, p. 45.

A relação que as mulheres estabelecem com as revistas femininas costuma possuir um fundo de confiança e intimidade. O gênero se constitui, inclusive, em uma das mais importantes categorias para a segmentação dos meios de comunicação, juntamente com a faixa etária e a classificação social. Mas esta relação de intimidade ultrapassa as questões geracionais ou de classe social, consagrando-se numa interação historicamente verificável.

Notadamente, os estudos sobre imprensa feminina chamam a atenção para esta intrínseca relação. Pensando nisso, podemos nos questionar sobre o porquê de tanta atenção para com o que dizem as revistas. Para Wolf, as mulheres se importam demais com as revistas, pois elas representam a sua cultura de massa¹⁷², ou seja, é uma cultura de massa orientada para a mulher. É diferente se comparada à leitura de uma publicação qualquer, que traga uma abordagem da orientação feminina apenas como uma perspectiva entre tantas outras. Wolf faz ainda algumas considerações a respeito da sensibilidade de massa. Para ela, “*sob esses aspectos, o papel da revista deveria ser considerado muito sério. Como cultura da massa feminina que reage a mudanças históricas, elas são tudo o que as mulheres têm*”¹⁷³. A cobertura da experiência cultural e política das mulheres e o espaço que tal cobertura permite constitui uma das forças mais imponentes para o progresso feminino.

A revista Claudia nasce em 1961, idealizada pela Editora Abril e desde o início teve a intenção de se tornar a revista amiga e conselheira da mulher brasileira. Isto se nota pelo nome dado à revista e pela fala dos próprios fundadores em depoimentos posteriores¹⁷⁴. Em um destes depoimentos, coletados por Maria Celeste Mira, dois diretores da revista comentam que a sua fórmula era copiada e comprada do exterior, onde as revistas femininas já circulavam há mais tempo. De culinária à moda, tudo era comprado e passava por pequenas modificações para, então, ser vendida no mercado brasileiro.

Com a consolidação do mercado editorial e da indústria cultural no país, pode-se notar a valorização do nacional, que chegava aos consumidores por meio das novelas, da indústria fonográfica e da publicidade¹⁷⁵. Foi na década de 1970 que Claudia entrou

¹⁷² WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres...* Op. Cit., p. 91.

¹⁷³ *Ibid Idem*, p. 95.

¹⁷⁴ *Ibid Idem*, p. 42.

¹⁷⁵ WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres...* *Ibid Idem*, p. 54.

na fase “brasileira”, influenciada, sobretudo, pela expansão do mercado da moda no país. É perceptível a presença da crescente indústria têxtil nacional, tanto nas publicidades veiculadas pela revista quanto pelas características editoriais assumidas pelas reportagens de moda. Mas a fase brasileira não se limita aos tecidos e modelagens, ela passou à valorização de pratos e bebidas tipicamente brasileiros e à divulgação de personalidades nacionais, como os artistas que faziam sucesso na televisão.

Pela análise proposta por Ana Rita Fonteles Duarte, Claudia foi a revista que, entre tantas outras em circulação no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, melhor incorporou a dinâmica das transformações pela qual as mulheres estavam passando¹⁷⁶. Uma das situações analisadas por Duarte refere-se à contribuição da colunista Carmem da Silva ao tratar das questões femininas de um ponto de vista feminista – fato que fica particularmente em evidência, pois a redação de Claudia era inicialmente composta apenas por homens e a revista não possuía a intenção de divulgar discursos feministas. Esta e outras situações geravam contradições, como o fato de Carmem da Silva muitas vezes abordar temas e propor análises sobre uma determinada situação que em muitos aspectos contradiziam o que estava escrito em outras partes da revista.

Um exemplo disto pode ser verificado nos primeiros anos da coluna, na qual há um chamado para “o despertar de si”, de uma consciência crítica liberta das tradicionais amarras mantenedoras daquilo que se esperava das mulheres, enquanto as reportagens ainda mantinham as representações femininas associadas à imagens e discursos contrários. Ou ainda, no exemplo encontrado na edição de Fevereiro de 1975 dedicada às “mulheres maduras”. Em várias páginas aparecem reportagens sobre cremes e alternativas para retardar o envelhecimento, enquanto o artigo de Carmem da Silva comenta o quanto o envelhecimento é positivo, embora haja uma imagem de tragédia para com o tema.

Outra característica da imprensa nos anos 1970 é a incorporação de pesquisas de mercado para entender e atender às expectativas do leitor. É importante lembrar que o formato editorial das revistas é norteador por uma dupla influência: leitores de um lado e anunciantes de outro. Neste jogo de inter-influências ocorre a adaptação de realidades cotidianas, sociais e políticas, como por exemplo “(...) o processo de emancipação da mulher, a chamada segunda onda feminista dos anos 1960, levou as revistas femininas a abordar novos temas como o trabalho, a vida sexual dentro e fora do lar e até mesmo

¹⁷⁶ DUARTE, Ana Rita Fonteles. *A escrita feminista de Carmem da Silva*. In: Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007, pp. 197-198.

a política”¹⁷⁷. Com a idealização da mulher que agora toma lugar na vida pública, no trabalho, no sexo e na política, aparece a revista *Cosmopolitan*, tornando-se emblemática pelas abordagens e temas escolhidos. Ela se direcionou àquelas mulheres que desde o pós-guerra trabalhavam fora de casa e não desejavam ficar sob a tutela masculina.

No Brasil, esta revista passou a ser publicada, também pela editora Abril, em 1973 com o nome *Nova*. *Claudia* e *Nova* têm perfis um pouco diferenciados, *Claudia* volta-se mais para os problemas do casamento e dos filhos, enquanto *Nova* destina-se à mulher solteira que procura seu lugar no mundo do trabalho e do sexo. Para exemplificar, tem-se um anúncio da revista *Nova* de 11 de junho de 1975, no qual lê-se: “*Entenda o segredo de suas fantasias sexuais*”¹⁷⁸, e em letras menores cita alguns dos assuntos abordados pela edição anunciada. Percebe-se um intenso apelo à liberdade e igualdade para a figura feminina em matérias que tratam de divórcio, aborto, mulheres que conquistaram o sucesso profissional e igualdade nas tarefas domésticas.

Claudia trata destes mesmos temas, mas com menos exageros e, embora tanto *Nova* quanto *Claudia* tentem renovar a imagem e as representações que cercam o feminino, elas muitas vezes acabam reproduzindo modelos de feminilidade que ora pendem para o lado da representação tradicional da mulher-esposa e mãe – encoberto por versões modernas – ora procuram recriar uma mulher exageradamente sexuada e livre. Mas nesta tentativa, ao ditar as novas regras para os limites da feminilidade, acabam fomentando oblíquos e difusos anseios.

Tal perspectiva é notada, por exemplo, em artigos assinados pelas próprias mulheres que escreviam em *Claudia*. O corpo feminino como objeto de consumo, assumindo nova significação conforme lhe era exigido aparece em um artigo escrito na primeira edição de 1970 (Janeiro de 1970, p. 29), disposto a fazer um balanço sobre o que foram os anos 1960 para as mulheres. O artigo, assinado por Edith Elek Machado, Edith Eisler, Beatriz Horta, Glória Aranha e Sônia Amorim, revela algumas das questões em pauta no período. O artigo, intitulado “*Os anos 60 criaram uma nova mulher*”, mencionam o que as autoras consideram a principal mudança da década de 1960: a liberação sexual. Elas fazem uma avaliação bastante lúcida para quem estava vivendo aquele momento, de que, embora emancipada e livre para o sexo, a mulher se transformara em artigo de consumo, enquanto o sexo ainda não era uma normalidade.

¹⁷⁷ DUARTE, Ana Rita Fonteles. *A escrita feminista de Carmem da Silva... Ibid Idem*, p. 100.

¹⁷⁸ Anúncio encontrado na revista *Veja*, em 11 de junho de 1975, p. 96.

Assim, mesmo a utilização da imagem feminina para o mercado carregava contradições: “(...) o nu vende tudo, cigarro, automóvel, geladeira, apartamento, embora em 1962 a primeira imagem de mulher nua segurando uma rosa sobre o peito tenha causado escândalo (cinco anos depois, em 1967, um rapaz com corpo impecável apareceu nu para anunciar cuecas, sob aplausos)” (CLAUDIA, janeiro/1970, p. 29).

Em outro trecho as autoras deslumbram-se (ou apavoram-se?) com as novas possibilidades de alimentos e formas de cozinhar trazidas pela modernidade desfrutada por aqueles que entravam na década de 1970. As comidas congeladas, os enlatados, as facilidades dos eletrodomésticos, tudo isso enquanto:

Fotógrafos de moda, talvez interessados em desprestigiar a figura feminina, inventaram poses inéditas, desconjuntando a mulher, obrigando-a a atitudes nunca antes imaginadas, de uma magreza e falta de compostura que (o tiro pela culatra) passou a valorizar e a tornar possível, desejável, mulher, a qualquer mulher com ou sem carnes, com ou sem curvas, com ou sem apêlo sexual evidente, acabando com os velhos padrões e criando uma nova mulher sem preconceitos e temores (CLAUDIA, janeiro/1970).

Então a mulher podia tudo? Não. Na cama ou na mesa, a mulher via-se envolvida por novas regras de consumo do corpo e do alimento. Era preciso cuidar do corpo, torná-lo desejável, atraente. E como nos mostraram as autoras, todas as mulheres, com ou sem carnes, poderiam ser desejadas. Aquilo que elas classificam como o tiro pela culatra dado pelos homens, na verdade atingiu verdadeiramente o comportamento feminino. Era preciso atitude para ser bela, independente, bem-sucedida. Era preciso aprender a ler as tabelas de calorias na hora de comer e olhar esta mesma tabela na hora de alimentar os filhos. Não bastavam os cuidados clássicos com a beleza e com o comportamento adequado. Era preciso conhecer mais e controlar melhor.

Para Mira, a situação que segue reflete estratégias de dominação, ao entender estas características enquanto práticas, ou seja, há uma tendência em encarar o consumo enquanto reprodução, mas ele é também lugar onde se produz sentido. Nesta perspectiva, a consumidora mantém uma relação com a imagem que é tanto a de consumo enquanto ensinamento e tecnologia para aplicar ao cuidado de si, mas é também um consumo da própria imagem, enquanto objeto de prazer.

Neste universo, o consumo representa aquilo que procuramos ser “*é nessa dimensão simbólica e desejante que faz do consumo uma busca que não encontra satisfação nem limites*”¹⁷⁹. E não encontra satisfação, pois esta imagem adequada é sempre inacabada e necessita de constantes investimentos para tornar-se melhor. Esta ideia une-se ao fato de que, na conjuntura em questão, o padrão de beleza ainda não era o da magreza absoluta – como o padrão dos anos seguintes –, mas também não era o corpo voluptuoso dos anos anteriores. Era um padrão em transição, que mesclava antigos e novos modelos. Mas, a forma assumida pelas dietas e pelas receitas apresentadas pela revista já demonstra o encaminhamento para o padrão do corpo magro.

Uma das primeiras características encontradas durante a pesquisa foi a constatação da existência de um conjunto de vozes dissonantes, representativas de dois tempos distintos. Se antes havia a primazia de um modelo de feminilidade envolto em características consideradas próprias às mulheres como: doçura, maternidade, pureza e resignação¹⁸⁰, nota-se uma paulatina mudança de tom, que começa a colocar outros conceitos em voga, como o respeito à opinião feminina e as possibilidades de trabalho fora de casa. Um exemplo disto está na publicidade veiculada em Claudia, para divulgar a revista Nova, em maio de 1974, utilizando uma simbólica frase: “*Aprenda a se defender. Leia a revista NOVA*” (CLAUDIA, maio/1974).

Em 20 de outubro de 1971, a publicidade da revista Claudia traz uma mulher de aparência tranqüila lendo um exemplar daquele mês. Em letras maiores, está escrito: “*O melhor lugar para convencer uma mulher*”¹⁸¹. Para Wolf e Mira, mesmo na segunda metade do século XX as revistas femininas representam um espaço privilegiado de leitura, confissão, adesão e disseminação de ideias entre as mulheres, mais do que em qualquer outro veículo de imprensa. O texto que aparece em letras menores dá justamente a dimensão deste estado de coisas, por meio do uso de ideias como: “*a mulher escolhe uma revista com a qual se identifica e a revista aproveita este estado de espírito*”, ou ainda ao mostrar a revista como uma companheira porque traz as maneiras de cuidar do corpo, do guarda-roupa, da família e dos filhos. O anúncio termina

¹⁷⁹ DUARTE, Ana Rita Fonteles. *A escrita feminista de Carmem da Silva... Op. Cit.*, p. 139.

¹⁸⁰ BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

¹⁸¹ Publicidade encontrada na Revista Veja, em 20 de outubro de 1970, p. 105.

comentando: “Se você tem alguma coisa para dizer a uma mulher, não grite seus argumentos na sala. Fale com ela na intimidade: entre as capas de uma revista”:



FIGURA 8 – PUBLICIDADE DE NOVA, NA REVISTA CLAUDIA, EDIÇÃO DE MAIO DE 1974.

O melhor lugar para convencer uma mulher.

Quando uma mulher escolhe uma revista é porque se identifica com ela. Porque ambas falam a mesma linguagem. O que a revista faz é aproveitar este estado de espírito. Sem pressa nem pressões.

E isso tem dado resultado. Por causa das revistas a mulher já subiu a saia para cima dos joelhos. Depois desceu-a até os pés. E agora transformou-a num simples short.

Em mãos femininas, a revista é uma companheira. Porque mostra para a mulher novas maneiras de cuidar de seu rosto, seu cabelo, seu corpo, seu guarda-roupa, sua família e sua casa.

E no momento em que ela se envolve com tudo isso, já é meio caminho andado para uma compra.

Se você tem alguma coisa para dizer a uma mulher, não grite seus argumentos na sala. Fale com ela na intimidade: entre as capas de uma revista.

Quem escolhe programa revista.

FIGURA 9 – PUBLICIDADE DE CLAUDIA, NA REVISTA VEJA, EDIÇÃO 163, DE 20 DE OUTUBRO DE 1971.

Cabe aqui lembrar a inter-posição de dois discursos ambíguos que remetem aos espaços ocupados pela mulher. Afinal, percebem-se duas referências: a liberdade da mulher para optar, decidir, escolher, enquanto (ainda) se faz a associação da figura feminina com o espaço da intimidade.

O momento vivido pelo feminino nos anos 1970 já havia consolidado algumas contradições que acompanhavam as mulheres, principalmente no que se refere ao papel que deveria ser ocupado por elas. Segundo Carla Bassanezzi, na década de 1960, havia a exploração de múltiplas figuras: a mãe e esposa, a mãe solteira, a hippie, a militante presa pelo regime militar, entre outros¹⁸². Embora as falas se mesclassem, havia a supremacia de discursos dominantes que procuravam sempre consolidar e situar o lugar social de homens e mulheres. Ou seja, o discurso pode mudar, mas os modelos são sempre construídos a fim de posicionar os gêneros de modo muito claro. Uma das formas de entender isso é pelo aumento no número de reportagens que retratam a libertação sexual da mulher, ao mesmo tempo em que se proibia a utilização do nome “anticoncepcional” em caixas deste medicamento – eram utilizados termos como “reguladores de menstruação –, ou ainda, a importância e quase “exigência” da virgindade para o casamento para 83% dos homens no início da década de 1980¹⁸³.

Os anos 1980 foram marcados pela segmentação do mercado editorial. A conjuntura histórica, de crise econômica e a conseqüente crise no modelo de trabalho e de produção, colaboraram para alterações também nos padrões de consumo. Com a segmentação, surgem novos nichos editoriais, cada vez mais específicos. Um destes nichos e também um dos mais disseminados é aquele que trata do corpo e da saúde. A ênfase na saúde e no estilo de vida é um assunto que tende a mobilizar a todos, independentemente de sexo, geração ou classe social, ainda que aconteça com intensidades diferentes. “*Nas diversas manifestações culturais ou sociais das mulheres, dos homossexuais (gays ou lésbicas), dos negros e outras minorias étnicas, da terceira idade, dos deficientes físicos em todos os seus fracionamentos, como por exemplo os homossexuais negros, a diferença não se explicita apenas em signos exteriores, mas se inscreve no corpo. O corpo é o lugar dessa diferença*”¹⁸⁴.

Na segmentação das revistas um dos recortes mais bem delineados é o sexo dos leitores, numa clara alusão à necessidade de separação de gênero, alimentada e

¹⁸² BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres... Op. Cit.*, p. 203.

¹⁸³ *Ibid Idem*, p. 207.

¹⁸⁴ *Ibid idem*, p. 184.

estimulada pelas revistas. De acordo com Edgar Morin, o século XX tem uma configuração que traz a mulher como modelo essencial da cultura de massa principalmente no que se refere ao erotismo. De acordo com Janaína Garcia Beraldo, ao analisar a revista *Anuario das Senhoras*, entre 1934 e 1954, “a ideia de se trabalhar o corpo a fim de atingir resultados em favor da beleza remete igualmente ao século XIX, quando noções de higiene, aliadas à medicina re-avaliaram saberes sobre a saúde, introduzindo a prática de exercícios físicos em favor de um corpo são”¹⁸⁵. Revistas como o *Anuario das Senhoras* e revista *Claudia*, por exemplo, costumam ser um campo de embates das representações sociais e dos discursos em questão, já que trazem mudanças e permanências em um mesmo discurso.

Percebe-se, portanto, que as revistas utilizam mecanismos que moldam a forma dialógica que estabelecem com as mulheres. Lembrando as técnicas corporais de Mauss, elas se tornam um dos principais meios de divulgação de comportamentos elementares, ao divulgar a maneira correta de vestir, comer, decorar a casa e a si mesma, principalmente por meio dos significados dados a cada elemento divulgado. Uma das formas de exemplificar tal situação verifica-se no tom imperativo adotado pelas revistas – no caso das revistas femininas isso é mais facilmente notável – através da utilização de frases como: “*Emagreça assim. Senão, desista!*”, encontrada na edição de junho de 1971 é demonstrativo deste mecanismo textual. Ao assumir tais características – conselheira, amiga e detentora das verdades – a revista se torna uma espécie de manual moderno do bem fazer e ou do fazer certo.

Outra maneira de entendermos a mulher desta revista é pela visibilidade da classe social. Isto nos faz pensar sobre quais mulheres eram atingidas por estes ideais de feminilidade. Ou ainda, a quem pertencia este corpo marcado pela beleza e pela magreza. Esta é uma questão que já foi discutida anteriormente mas vale ser retomada, pois na revista *Claudia* a separação pela classe fica mais evidenciada se comparada com a revista *Veja*. Em teoria, a revista *Veja* fala a todos aqueles que, no mínimo, sabem ler. Não se pode falar o mesmo da revista *Claudia*. Ela se direciona a um público que usa cartão *Credicard*, opta pelo *Adocyl* ao tomar café e tem acesso à benesses da vida moderna como viajar pela *PanAm*. Sendo um público cindido pelo aspecto de consumo é visível a seleção de seus leitores. Não podemos esquecer, obviamente, da parte prática desta questão, pois nenhuma revista pode ser publicada ou sobreviver por longos

¹⁸⁵GARCIA, Janaína Beraldo. *Escola de Modelos: três décadas do Anuário das Senhoras*. Dissertação de mestrado defendida pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004, p. 52.

períodos sem a sustentação financeira dada, sobretudo, pelos anúncios publicitários. Aqui se fecha um ciclo: as mulheres são conhecidas por consumir mais, logo as revistas femininas passam a dar maior abertura à publicidade, então, quem as lê é quem tem poder de compra.

Conforme pudemos atestar, os meios de comunicação têm como uma de suas características a reprodução dos bens de consumo. Isto colabora para a aproximação entre desiguais, pois teoricamente, todos podem ter acesso a informações e imagens muito semelhantes. No entanto, na década de 1970 essa era uma situação ainda incipiente no Brasil¹⁸⁶. Mas a questão da reprodução não pode deixar de ser citada. Pode-se dizer que a moda e a alimentação, por exemplo, influenciaram a consciência de modernidade que se espalhou dos grandes centros urbanos para as pequenas cidades, fazendo com que “(...) em algum momento no último terço do século XX, a larga vala que separava as pequenas minorias dominantes modernizantes ou ocidentalizantes dos países do Terceiro Mundo do grosso de seus povos começou a ser tapada pela transformação geral de suas sociedades”¹⁸⁷.

3.2. CORPO E ALIMENTAÇÃO NA REVISTA CLAUDIA

É possível notar que as representações encontradas na revista Claudia, tanto no que se refere aos modos de consumo quanto à maneira idealizada da mulher contemporânea refletem uma situação muito típica da segunda metade do século XX em relação à construção das subjetividades. A fragmentação de modelos culturais e referenciais ideológicos fez com que boa parte da identificação simbólica relacionada à construção das subjetividades fosse transportada para os modelos de referência globais. A subjetividade construída com base em valores altamente mutáveis torna-se também, uma subjetividade mutável associada a “*um conjunto de rápidas transformações na esfera técnico-científica, na racionalização dos processos de produção e na modernização dos meios de comunicação dilui nosso sentido de identidade e*

¹⁸⁶ E assim o é até os dias de hoje, no entanto, ocorre uma diluição das linhas e fronteiras que separam os desiguais, justamente pela possibilidade de acesso, não apenas de bens de comunicação e informação, mas pela reprodutibilidade e disseminação de bens de consumo em geral.

¹⁸⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... Op. Cit.*, p. 359.

coletividade”¹⁸⁸. Quando a referência da subjetividade é o corpo, então as suas modificações impressas na aparência física se tornam a fonte daquilo que se é ou se quer vir a ser. Neste contexto aparece a adequação aos ideais de beleza e feminilidade, também ligados a dois outros conceitos já tratados anteriormente: a felicidade e o consumo.

As análises a respeito do aumento de comportamentos patológicos específicos, no caso da segunda metade do século XX ligam o lado individual aos aspectos coletivos, depositando na diluição de grupos de pertencimento, valores e tradições como os responsáveis pelos sentimentos de expropriação geradores de patologias como o narcisismo. A divulgação de técnicas médicas e científicas para as alterações corporais proporcionou a crença de que o corpo é infinitamente maleável.

Desde que o corpo passou a ser desnudado, a figura feminina foi a mais utilizada, seja para conhecer o corpo ou para fazer dele objeto do olhar. O acesso ao corpo é, pois, uma questão diferenciada pelo gênero. E por assim ser, a subjetividade da mulher está mais associada à aparência de seu corpo, quando comparada à construção da subjetividade masculina. Mas o ideal de corpo que acaba se formando, possui alicerces em representações historicamente consagradas. *“O controle do comportamento e as inscrições vivenciais no corpo até então predominantemente desempenhadas pelo Estado, família e instituições religiosas é atualmente instanciado pelos visuais ideais que esmiúçam e representam minuciosamente o corpo feminino”*¹⁸⁹. Tais aspectos são fundamentais para a compreensão à respeito da influência dos ideais de corpo sobre a construção das alteridades e sobre o comportamento e controle alimentar.

Para exemplificar, tomemos como exemplo a reportagem da edição de outubro de 1975, que mostra uma atriz brasileira sob o seguinte título: *“Etty Fraser, gorda e satisfeita!”*. A reportagem conta a trajetória da atriz, sua infância e conquistas profissionais. A todo o momento, mesmo quando não era necessário, a jornalista pontuava a questão da gordura em subtítulos complementares ao texto principal, como *“Resultados de um regime violento”* ou *“Só a gorda infeliz deve emagrecer”*, contrastando com outra frase, dita pela entrevistada: *“Uma vez emagreci. Foi um horror. Faltava gente em mim”* (CLAUDIA, outubro/1975). Com este exemplo

¹⁸⁸ ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lucia Magalhães. *Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino*. In: Revista de Nutrição, Campinas, 16(1):117-125, jan./mar., 2003. p. 119.

¹⁸⁹ SHAW, Inês Senna. *O corpo feminino na propaganda*. In: LYRA, Bernadete; SANTANA, Gelson (Orgs.). *Corpo e Mídia*. Arte & Ciência: 2003, pp. 197-198.

podemos nos questionar à respeito do percentual de importância dada ao peso na composição da personalidade de uma pessoa.



FIGURA 10 – REPORTAGEM SOBRE A ATRIZ ETY FRASER. REVISTA CLAUDIA, EDIÇÃO OUTUBRO DE 1975.

A personalidade da pessoa gorda, homem ou mulher, sempre marcaram o imaginário ocidental, assim como a magreza. Dizia-se muitas vezes que a mulher gorda e engraçada perdia a graça quando emagrecia, ou como mencionou Sant’Anna, “*gordura costumava ser formosura e magreza sinônimo de avareza ou neurastenia. Em suma, magreza lembrava o raquitismo, sugeria ‘problemas nos nervos’ e até mesmo uma personalidade ranzinza*”¹⁹⁰. Mesmo com conotações deste tipo, para os dois estilos de corpo, a questão da aparência ou o pânico gerado pela gordura não era assunto central em boa parte do século XX.

Ao longo de quase toda a década de 1970, foi possível verificar a presença das dietas alimentares e as receitas para emagrecimento nas páginas da revista. Esta situação

¹⁹⁰ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Texto apresentado no evento “Sentimentos na História”, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, novembro de 2010.

ganha notoriedade na década de 1980 quando as reportagens se tornam mais completas e extensas. Para entendermos a mútua influência entre beleza e controle alimentar analisaremos dois pontos principais: o primeiro é a visão da gordura como uma doença. O segundo é a ideia de que é errado engordar, mas a gordura ainda não é um fator completamente execrável e desencorajador.

Sobre a questão da gordura vista como doença, tomemos o exemplo do que diz a seção “*Dieta de Claudia*”, na edição de abril de 1971, ensinando as mães a fazer dietas para seus filhos. O título é: “*Uma dieta infantil*” e o texto de abertura diz:

Trecho 1: Parece absurdo dizer que uma criança deve fazer dieta, mas não é: principalmente quando a criança vive caindo, dormindo demais, não querendo estudar e... com vergonha do próprio corpo. Foi por isso que Claudia, consultando especialistas, fêz UMA DIETA INFANTIL (CLAUDIA, Abril/1971).

Trecho 2: Bochechudo, cheio de covinhas – no rosto, cotovelo, joelhos, nádegas –, o garôto ouve os elogios das tias: “Que beleza, como está gordo!” Mas, na escola, o garôto vai mal. Está no segundo ano primário, detesta estudar, reclama que não quer ir, inventa dores para ficar em casa, morre de sono. A professora já avisou que, dêsse jeito, êle já não vai passar. Esses fatos são causados, de maneira direta ou indireta, pela gordura. Pois gordura não é sinal de saúde. Ao contrário, pode ser considerada uma doença. (...) Na prática, uma alimentação balanceada significa ingerir proteínas, (carne, peixes, ovos), lipídios (queijos, manteiga), glucídeos (açúcar, pão, farináceos), verduras, legumes, frutas (CLAUDIA, Abril/1971).

Em seguida, seguem falando das causas da obesidade infantil, elegendo alguns problemas como os fisiológicos (defeitos na tireóide) e os psicológicos, como o comportamento da mãe ao superalimentar o filho ou não ensiná-lo a comer direito. Além das questões ligadas à saúde, a revista ressalta as consequências emocionais do excesso de peso:

Trecho 3 - Além disso, o tamanho pequeno dos órgãos genitais, as mamas grandes fazem com que o menino se envergonhe dos outros, não goste do próprio corpo. O mesmo ocorre com meninas, que, além das mamas, sentem-se feias, pesadonas. Isso pode refletir no comportamento sexual e afetivo adultos (CLAUDIA, Abril/1971).

Esta é uma das formas assumidas pelo discurso de modo a operacionalizar a inclusão das dietas no cotidiano, não somente no feminino, mas também no infantil. Lembrando o que acontece em *Veja*, a utilização de apelos médicos e científicos também é um recurso adotado em *Claudia*, no entanto, eles o fazem de forma mais sutil. É notável que os apelos voltam-se invariavelmente para as questões emocionais mais do que para a fala de médicos importantes. Isso vai mudando ao longo da década de 1980, quando parece haver uma maior preocupação em legitimar por meio da medicina. Assim, se em *Veja* a medicina servia como a grande porta-voz dos discursos sobre corpo e alimentação, em *Claudia*, a detentora da verdade é a própria revista, com seu ar de conselheira e amiga. Novamente, a forma como o meio conduz o diálogo com o leitor é sintomática e definida por aquilo que se espera ou o que se sabe deste leitor.

Aqui, embora a ciência e, em particular, a medicina da mulher tenha se desenvolvido com estrondosa força, o discurso da intimidade vale mais que o discurso do consultório médico. No entanto, podemos destacar um ponto bastante ligado à opinião de especialistas, tanto em *Claudia* quanto em *Veja*: os problemas psicológicos que levam ao excesso de peso.

De forma recorrente, aparecem reportagens que alertam para os problemas fisiológicos e afetivos caso a gordura persista no corpo. Um exemplo disto está na reportagem já analisada no capítulo anterior, sobre a “gordura psíquica” e na reportagem sobre a dieta infantil. Mas com o passar dos anos acontece uma reviravolta neste quadro. Antes, as preocupações psicológicas faziam as mulheres engordar. Na década de 1980 é a gordura que causa tormentos psíquicos às mulheres. Neste contexto, o perigo de estar fora de forma ganha força a ponto de aparecerem relatos como o de uma leitora que pede ajuda à *Claudia* para fazer uma lipoaspiração. Ela diz: “*eu comia demais para não pensar na crise do meu casamento*” e a reportagem segue:

Trecho 1: há um ano, usando suas próprias palavras, Ângela ‘pediu socorro’ a CLAUDIA. Queria fazer uma lipoaspiração para resolver seu problema: trinta quilos de excesso de peso. Foi a primeira de uma série de cartas. Por fim, depois de muita hesitação, Ângela aceitou nossa sugestão e foi pesquisar a causa real de sua gordura. O que se escondia atrás daquela gordura que estava transformando sua vida conjugal num verdadeiro inferno? Por que ela, que antes tinha um corpo bem proporcionado, não conseguia mais se controlar? O que havia de errado com sua vida? Neste depoimento ela mostra como está hoje, o drama por

que passou e a grande descoberta que fez... (CLAUDIA, abril/1985, p. 193).

Trecho 2: Quando saía na rua ninguém mais me olhava com desejo. Rapazes da minha idade me chamavam de senhora, quando não comentavam abertamente a minha gordura (CLAUDIA, abril/1985, p. 193).

Trecho 3: (...) a ideia de um desastre me fascinava. Nas minhas fantasias, eu ficaria três meses em coma – e portanto emagreceria. (p. 196). Outro: A convivência com pessoas gordas [após montar uma confecção e começar a trabalhar] me foi particularmente útil: a maioria delas é agradável, doce... e carente (CLAUDIA, abril/1985, p. 196).

Embora no final da reportagem, a leitora comente a sua recuperação, conquistada pelo trabalho e por ajustes nas questões emocionais, a importância dada ao peso parece mais radical se comparada à fase anterior.



FIGURA 11 – REPORTAGEM SOBRE PROBLEMAS SENTIMENTAIS PUBLICADA PELA REVISTA CLAUDIA, NA EDIÇÃO DE ABRIL DE 1985.

Dois pontos chamam a atenção na fala da leitora. O primeiro é a noção da estigmatização das pessoas gordas, como se fossem páreas sociais e a leitora, como um indivíduo pertencente a tal situação, encontra conforto e identificação neste grupo específico. A noção de pertencimento a um grupo de pessoas gordas, neste caso, parece ter colaborado para que a leitora entendesse seu papel social. Este tipo de situação refere-se muito ao aspecto da construção da alteridade com base nas medidas corporais. E neste sentido, as mulheres parecem mais afetadas em comparação aos homens.

O segundo ponto é aquele que liga a sensualidade da mulher à sua aparência corporal. O ideal de corpo projetado nas revistas femininas, especialmente na publicidade, acaba ajudando a construir a imagem que a mulher tem de si em relação ao que seu parceiro deve esperar dela. Se ela não tem um corpo bonito a oferecer, então o que ela tem? Esta reportagem, embora tente amenizar a valorização do corpo, na verdade apenas reproduz os anseios e mostra quão infeliz pode ser uma mulher que está longe do ideal sedutor. Para Wolf, os anúncios das indústrias de cosméticos e dietas entraram no lugar dos antigos anúncios de eletrodomésticos e a modelo jovem e magra substituiu a feliz dona de casa como parâmetro de mulher bem-sucedida. A autora observa que “(...) o peso das modelos de moda desceu para 23% abaixo do peso das mulheres normais, aumentaram exponencialmente os distúrbios ligados à nutrição e foi promovida uma neurose de massa que recorreu aos alimentos para privar as mulheres da sua sensação de controle”¹⁹¹. Entretanto, ao contrário de Wolf, acreditamos que não houve privação da sensação de controle.

Percebe-se, pela investigação feita, que o estímulo ao controle deve acontecer, por exemplo, sempre que se faz uma dieta. Isto é notado em quase todas as reportagens que ensinam a comer direito, ingerir o número correto de calorias e não sabotar o próprio regime nem quando se está em um restaurante. O controle é apontado por Bordo como uma dos sentimentos associados aos casos de distúrbios de privações alimentares. O corpo controlado da mulher que não se alimenta é palco do embate entre a necessidade fisiológica e a necessidade de elevar ao máximo o grau de disciplina e controle provenientes da total carência de nutrientes.

O aumento do número de casos de anorexia e bulimia, bem como os casos de obesidade começam a ganhar *status* de drama público nas últimas décadas do século XX. Nos anos 1970, esta situação ainda não estava tão disseminada. Voltando a este

¹⁹¹ WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres...* Op. Cit., p. 14.

contexto, nota-se que, embora Claudia trate sempre de temas ligados aos regimes alimentares e traga receitas para emagrecer, não há uma conotação que demonstre as mulheres enquanto sofredoras por serem ou estarem gordas.

Em comparação, com a revista *Veja* ocorria o contrário. A gordura sempre era o martírio das mulheres. Em Claudia, ao menos na década de 1970, quase todos os infortúnios das mulheres se resumiam a uma única e indelével situação: envelhecer. Tão grave quanto isso, era ficar só, sem marido ou filhos. O avançar dos anos era uma tragédia em ambas as revistas, mas em Claudia era muito pior ser velha a ser gorda, pois gordura era possível eliminar, já a perda da juventude, não. Sobre tal situação não faltam exemplos, como na edição de março de 1970 em reportagem sobre o envelhecimento de divas do cinema hollywoodiano, como Ginger Rogers e Rita Hayworth. Há um eterno tom de lamento ao comentar a perda da beleza, da glória e do prestígio destas mulheres. A aproximação da mulher com o corpo é notável, também, pela representação do envelhecimento. Se a mulher é o seu corpo, um corpo envelhecido já não se presta aos mesmos encantos, não importa o que esta mulher já tenha feito em sua vida. Nos anos 1980, conforme pudemos notar, o assunto “peso” ganha mais importância no cotidiano feminino.

Os exageros cometidos pelo medo da gordura podem incitar a um comportamento alimentar desregulado e compulsivo, culminando no desenvolvimento de transtornos alimentares. Para Arnaud Basdevant, a luta contra a obesidade pode reforçar a pressão social pela magreza e uma tendência em considerar os indivíduos como delinquentes nutricionais.

Em relação aos casos de anorexia, não encontramos matérias relacionadas ao tema, talvez porque os casos de anorexia só viriam a ganhar notoriedade quando já se estava há muito tempo incutida a noção da necessidade de magreza no corpos femininos, situação mais comum anos 1990 e 2000. Além da mudança nas quantidades ingeridas em dietas ter mudado, conforme podemos atestar nas imagens abaixo, um renovado discurso ligado ao sucesso profissional e sexual passa a aparecer em Claudia.

Na edição de Março de 1981, encontramos uma seção fotográfica mostrando o que uma mulher deve fazer para se manter bela e cheia de energias durante todo o dia de trabalho. A modelo que estampa a reportagem encarna uma secretária como exemplo de mulher no mercado de trabalho e, segundo a revista, a moça deve levar consigo um kit composto por produtos capazes de conferir cuidados básicos a uma mulher: batom,

colírio, lixa de unha, escova de dentes, etc. Porém, a parte mais chama a atenção refere-se à alimentação sugerida:

Trecho 1: De manhã, leite batido com maçã, germe de trigo e mel: assim você agüenta o dia todo sem comer. Depois, bicarbonato para deixar os dentes branquinhos e fio dental para uma limpeza mais completa (CLAUDIA, Março/1981).

Trecho 2: Às vezes, é impossível voltar para casa. Leve um lanche nutritivo para a hora do almoço: leite e um sanduíche de pão integral, alface, tomate e carne assada. Na sobremesa, fruta (CLAUDIA, Março/1981).

O que acontece com esta mulher que, eventualmente, passa o dia todo sem comer? Como ela chega ao final do dia? Obviamente não com a mesma aparência da modelo que ilustra a matéria.



FIGURA 12 – REPORTAGEM COM SUGESTÕES DE COMPORTAMENTO NO TRABALHO, CUJO OBJETIVO É MELHORAR A EFICÁCIA E A APARÊNCIA FÍSICA, NA EDIÇÃO DE MARÇO DE 1981.



FIGURA 13 – DETALHE DA REPORTAGEM COM SUGESTÕES DE COMPORTAMENTO NO TRABALHO, CUJO OBJETIVO É MELHORAR A EFICÁCIA E A APARÊNCIA FÍSICA, NA EDIÇÃO DE MARÇO DE 1981.

Para Wolf, a beleza, na segunda metade do século XX passou a valer como um bem, tanto no mercado de trabalho quanto no mercado de casamentos. Aquilo que Wolf veio a chamar de “mito da beleza” teria sido institucionalizado nas décadas de 1970 e 1980, com uma grande importância para a transformação entre as mulheres e a vida pública. Um dos fatores ligados à esta transformação, argumenta Wolf, refere-se a sentimentos como ansiedade e preocupação excessiva representando uma espécie de terceira jornada de trabalho.

3.3. O CORPO E A TRANSFORMAÇÃO NOS PADRÕES ALIMENTARES

As mudanças na alimentação possuem causas diversas – aumento do consumo de produtos industrializados, desestruturação da refeição, globalização de costumes, etc. – mas as consequências costumam ser as mesmas: problemas de saúde ligados à ingestão excessiva de nutrientes e transtornos alimentares de recusa à comida.

Embora não possamos atestar a forma exata como as dietas se aplicavam ao dia-a-dia, podemos depreender que a presença do discurso foi gerada por uma demanda de necessidades prévias compartilhadas por indivíduos ou grupos e foram posteriormente assimiladas. No caso das mulheres, a demanda se torna mais forte, por ser também, uma

situação afetada pelas questões de gênero. A racionalização da alimentação é tão antiga quanto o ato de alimentar-se e a construção de uma espécie de utopia ou utopias alimentares sempre procuraram normatizar e formar mais ou menos as escolhas e condutas dos comensais. Tais condutas, por sua vez, sempre estiveram ligadas à instituições. Por isso, o fato do discurso médico ser o responsável por ditar algumas das regras alimentares não é um fato isolado ou atípico. O que diferencia o momento vivido na contemporaneidade em relação aos anteriores – como, por exemplo, a religião enquanto instituição determinante dos modos de vida – é a amplitude e os efeitos de tal interferência.

A ciência, segundo Cabeda, induz a um estado de coisas no qual não há ligação com as grandes narrativas que constroem as referências filosóficas e morais. Sem tais perspectivas, a ciência volta-se quase exclusivamente para o aperfeiçoamento humano¹⁹². Na verdade, o discurso médico brasileiro teve o cuidado como característica, nos últimos anos do século XX, configurando uma forma de controle que, pouco a pouco passou a reger as normas da vida saudável.

A partir da segunda metade dos anos 1980, é notável a forte presença da chamada “alimentação saudável” nos editoriais da revista. A noção de comer alimentos frescos, verduras e frutas, com a diminuição de farináceos e frituras marcou este período. Tal fato faz parte de uma realidade de valorização da alimentação inteiramente voltada para a saúde. Para Nascimento, “*entre as mudanças mais significativas, reflexos do medo contagiante da obesidade e de doenças, destacam-se a redução da quantidade de comida, a rejeição a ingredientes que engordam, como a farinha e gordura animal. Em contrapartida os legumes ganham prestígio e são preparados de formas elaboradas. Come-se mais com os olhos e há grande preocupação com o bem-estar*”¹⁹³.

Uma forma de perceber o reflexo disto não está somente na publicação de matérias como a encontrada na edição de outubro de 1982, intitulada “*Uma dieta para descobrir o sabor da natureza*” ou ainda, os dizeres encontrados no índice anunciando “*Um cardápio à base de cereais e vegetais para reforçar a saúde da família. Abaixo o sal, as gorduras, o açúcar*”. Neste contexto, é interessante observar as fotos dos

¹⁹² CABEDA, Sonia T. Lisboa. *A ilusão do corpo perfeito: o discurso médico na mídia*. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; Denise Rodrigues Prehn (Orgs.). *Corpo e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

¹⁹³ NASCIMENTO, Angelina de Aragão Bulcão Soares. *Comida: prazeres, gozos e transgressões*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 131.

alimentos que ilustravam as matérias de dietas. As quantidades eram inversamente proporcionais à preocupação com a magreza.



FIGURA 14 – REPORTAGEM SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INGESTÃO DE ALIMENTOS “NATURAIS”, NA EDIÇÃO DE OUTUBRO DE 1982.

Todas estas preocupações, ao tomarem conta das seções sobre alimentação, demonstram uma mudança bastante importante no direcionamento ou na maneira de se portar diante do alimento. Para Fischler é possível notar, por meio das escolhas feitas pelos meios de comunicação na seleção de assuntos para as reportagens sobre corpo e dietas, a relação que a imprensa estabelece com a medicina. Há uma tendência em dramatizar os preceitos médicos e usá-los em favor de um ou outro interesse imediato. Sobre isso não faltam exemplos, como a sempre presente preocupação com os efeitos do consumo de açúcar durante as décadas de 1960 e 1970¹⁹⁴, e as incontáveis variações de causas e efeitos – alimento ora totalmente vilão, ora parcialmente vilão. Este fato pode também ser percebido em Claudia, através das mudanças nos cardápios e receitas

¹⁹⁴ FISCHLER, Claude. *L'omnivore... Op. Cit.*, p. 305.

ligadas aos regimes. Na edição de janeiro de 1970, na reportagem “*Assim é gostoso fazer regime*” tem-se:

Trecho 1: Assim é gostoso fazer regime. Claudia continua a campanha do fazer regime sem passar mal. Afinal não é comendo coisas ruins, sem gosto, sem côr, que você vai ficar magra, ou melhor: é bem possível que fique. Mas para que, se Claudia sabe como fazer o mesmo regime, bem balanceado, gostoso, bem colorido e atraente, então vamos lá! (CLAUDIA, Janeiro/1970).

Trecho 2: [conselhos para manter a forma] - faça jejum por um dia, uma vez por mês ou a cada seis semanas
- coma pelo menos quatro ovos por semana
- Aprenda a conhecer o valor calórico dos alimentos
(CLAUDIA, Janeiro/1970)

A contradição é percebida, também, na forma de retratar e apresentar a alimentação. Mas isto não era uma particularidade da revista Claudia. O que se seguia e segue até hoje em relação à alimentação é uma conjunção e talvez confusão de discursos que acabam em concordância com o já citado quadro de cacofonia alimentar. Não é de se estranhar, por exemplo, encontrar na mesma edição que trazia a seção “Dieta de Claudia” em “Cozinha Experimental”, receitas para dietas de emagrecimento, enquanto outra parte da mesma a “Cozinha Experimental” abusava de toda sorte de guloseimas. Esta é uma situação que se verifica até hoje.

O caráter pedagógico, já mencionado anteriormente, é verificado de forma semelhante aos outros meios de comunicação: através da utilização de quadros explicativos, como o exemplo da edição de Claudia que traz receitas para a dieta de emagrecimento intitulada: “*Assim é gostoso fazer regime*”, de abril de 1972. Nela se encontra um quadro que traz: “*Estas comidas são permitidas*” e “*Estas são proibidas*”. A reprodução, neste caso, está mais ligada ao tom imperativo com que trata a fala direcionada às mulheres. Mas também podemos pensar na repetição do mesmo ideal, com mudanças apenas na forma ou na marca associada ao que é apresentado. Assim, por exemplo, se tem a ideia de regime aparecendo em reportagens, ou quando são

disponibilizadas receitas ou quando aparecem em propaganda de produtos para emagrecer, são utilizados para a coerção social¹⁹⁵.

Todos os pontos levantados com a análise da revista Claudia são também perceptíveis em outros meios de comunicação, como em Veja. No entanto, é notável a diferença nas abordagens dos mesmos temas e nas escolhas discursivas adotadas conforme o direcionamento editorial do meio de comunicação. E este direcionamento em sua maior parte está relacionado ao público que se quer atingir. Portanto, podemos afirmar que a alimentação tornou-se uma das principais práticas de transformação corporal, imprescindível para a construção das alteridades contemporâneas e assim, influenciado por ela, a alimentação torna-se mediada e transformada pelas questões ligadas aos corpos dos indivíduos.

¹⁹⁵ WOLF, Naomi *Mito da beleza... Op. Cit.*, p. 13.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos a proposta inicial deste trabalho, no momento em que começamos a pesquisar as dietas e os discursos associados aos cuidados com o corpo e com a alimentação, não imaginávamos a riqueza de informações que poderíamos analisar. Embora a história tenha uma gama muito grande de possibilidades interpretativas, por meio de variados objetos, o corpo e a alimentação revelaram-se excelentes meios para as observações acerca do cotidiano e de suas variações. Constatamos que o corpo e a alimentação inserem-se na convergência de múltiplos discursos, alguns mais notáveis, bem estruturados e incisivos – como no caso da ciência e da medicina, outros mais sutis e difusos – como no caso dos limites e ideais de gênero –, mas igualmente importantes para a formação e manutenção das representações sobre os corpos e a alimentação.

Mesmo com o desenvolvimento da historiografia política e social sobre as mulheres, as noções engendradas pela história do corpo, juntamente com a tradição alimentar cunhada pela história da alimentação, nos permitiu perceber que, quando vista pela inscrição nos corpos, várias das mudanças caracterizadas como efetivas e concretas para o universo feminino, se tornaram inócuas quando vistas por representações de suas imagens mais cotidianas. Assim, verificar que as contradições de discursos corroboram para a disseminação de ideais de feminilidade também mutáveis e confusos, faz entendermos a emergência dos chamados corpos encarnados e extremamente carregados de envolvimento com a tecnologia e o consumo.

Historicamente, os valores associados às práticas corporais contam sobre a situação conjectural mais ampla. Notamos, por exemplo, que a diferenciação por meio do corpo passa a ser menos distinguível na definição pelo gênero. Ou seja, os corpos de ambos os gêneros devem ser belos, bem cuidados e magros. Assim, se antes apenas a diferenciação dada pelo sexo era responsável pela diferenciação da alimentação direcionada a cada corpo, agora, a diferenciação é dada pela medida do controle e por todo o grau de visibilidade moral que um corpo pode apresentar.

Neste sentido, podemos associar o desenvolvimento do saber sobre o corpo à disseminação de mecanismos de controle, como o acesso às balanças para constatar o peso e o uso de tabelas nutricionais para uma ingestão controlada de alimentos.

Portanto, poderíamos concluir que o desenvolvimento da ciência foi a voz determinante das normas de conduta para com o corpo. No entanto, se a ciência e a saúde fossem os grandes interventores, as dietas seriam baseadas na ingestão regulada de ingredientes com o intuito, apenas, da manutenção da saúde. A interferência dos ideais de beleza é tão incisiva – e por vezes mais incisiva – do que os ideais de saúde. Há uma mistura entre a preservação da saúde e a modelagem do corpo. E é justamente neste ponto de intersecção de discursos que, acreditamos, assenta-se e justifica-se a operacionalização do discurso sobre a magreza. Vale lembrar Foucault: a tecnologia política do corpo pode ser física e tomar múltiplas formas de instrumentalização e disseminação de mecanismos de aperfeiçoamento para o controle do corpo.

O estudo das sensibilidades permitiu compreendermos como os eventos históricos tiveram consequências também nos sentimentos e nas expectativas dos indivíduos. No caso da alimentação, por exemplo, não foram apenas as mudanças nos padrões de consumo e o consumo deliberadamente abundante que fizeram do pânico à gordura um dos mais corriqueiros assuntos contemporâneos. A necessidade de modificações do corpo após a transferência de parte da subjetividade para os aspectos incitou tal reação: é preciso ser magro na sociedade da abundância. Caso contrário, poderíamos comer à vontade, no máximo dentro dos limites do saudável, mas livres dos limites do peso e da forma corporal.

Ainda em relação às sensibilidades contemporâneas e, em particular a sensibilidade feminina, podemos perceber que a repetição de um mesmo discurso ou a valorização de uma situação em detrimento de outras (como a escolha de publicar a carta da esposa gorda), reúnem símbolos que estão atrelados à uma realidade compartilhada. Sendo assim, as revistas tornam-se espaços públicos que irão mediar as relações entre os indivíduos e, conseqüentemente, a construção de subjetividades que serão, também, intersubjetividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADES, Lia; KERBAUY, Rachel Rodrigues. Obesidade: realidades e indagações. Revista de Psicologia da USP, v.13, no.1, São Paulo: 2002.
- ALVARENGA, Marle; PHILIPPI, Sonia Tucunduva. Transtornos alimentares: uma visão nutricional. São Paulo: Manole.
- ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lucia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. In: Revista de Nutrição, Campinas, 16(1):117-125, jan./mar., 2003.
- AUBERT, Nicole (Dir.). L'individu hypermoderne. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès: 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BASSANEZI, Carla B. A mulher dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BORDO, Susan R.; JAGGAR, Alison M. (Org.). Gênero, corpo e conhecimento. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- BROWN, Peter. Corpo e sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997.
- CARNEIRO, Henrique S. Comida e Sociedade. Uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Campos, 2003.
- _____. Comida e Sociedade: significados sociais na História da Alimentação. In: História: Questões e Debates, Curitiba, n. 42, 2005. Editora UFPR.
- CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTELLS, Manuel. Fim de Milênio. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.

- CHARTIER, Roger. Textos impressos, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. O mundo como representação. In: Estudos Avançados 11(5), 1991.
- _____. A história cultural, entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COLLAÇO, Janine H. L; MONTEBELLO, Nancy de Pillia (Orgs.). Gastronomia: cortes & recortes. V. 2. Brasília: Editora Senac-DF, 2007.
- CORBIN, Alain. “Commercial sexuality in Nineteenth-Century France : a system of images and regulations”. GALLAGHER, Catherine & LAQUEUR, Thomas (ed.). The making of the modern body. Sexuality and society in the Nineteenth century. Berkeley: University of California Press, 1987.
- COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges (Dir.). História do Corpo. As mutações do olhar : o século XX. v. 3. Petrópolis : Vozes, 2008.
- COUTO, Cristiana. Arte de cozinha. Alimentação e dietética em Portugal e no Brasil (séculos XII-XIX). São Paulo: Editora Senac, 2007.
- CUNHA, Maria de Fátima. Homens e mulheres nos anos 1960/70 : um modelo definido? In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001. Editora da UFPR.
- CSENGO, Julia (Dir.). Trop Gros? L’obésité et ses représentations. Paris: Éditions Autrement, 2009.
- DORÉ, Andréa C.; LIMA, Luis Felipe S.; SILVA, Luiz Geraldo. Facetas do império da história: conceitos e métodos. Brasília: Capes, 2008.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. Lisboa: Edições 70, 1991.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. A escrita feminista de Carmem da Silva. In: Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.
- DUARTE, Bárbara Nascimento. Em Boa Forma: a percepção do corpo feminino. In: CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais. ano 3, ed. 6, jan./abr. 2009.
- ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e a sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). Textos em representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FISCHLER, Claude. L'omnivore: le goût, la cuisine et le corps. Paris: Odile Jacob, 1990.

_____; MASSON, Estelle. Comer. A alimentação de franceses, outros europeus e americanos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. História da Alimentação. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

_____. Vigiar e Punir.

_____. História da sexualidade. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1884.

_____. História da sexualidade. A cultura de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FROMM, Erich. Psicanálise da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1959.

GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). Textos em representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HAROCHE, Claudine. Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno. In: *Ágora*, v. VII, n. 2 jul/dez.2004.

HASSE, Manuela. O processo de apreensão e re-criação do mundo. In: *Pro-Posições*, v. 14, n. 2 (41) – maio/ago. 2003.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOMORI, Manuela Mika; PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa; CALVO, Maria Cristina Marino. A questão de gênero na escolha alimentar no contexto da alimentação fora de casa. Artigo apresentado no evento “Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder”. Florianópolis, 2008.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). Textos em representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

- LANE, Silvia T. M. Linguagem, pensamento e representações sociais. IN: CODO, Wanderley e LANE, T. M. (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas: Papiros, 2003.
- LIFSCHITZ, Javier. Alimentação e cultura: em torno ao natural. In: *PHYSIS: Rev. De saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 7(2): 69-83, 1997.
- LYRA, Bernadete; SANTANA, Gelson (Orgs.). *Corpo e Mídia. Arte & Ciência* 2003.
- LUCA, Tania Regina de. História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUZ, Madel T. *Natural, Racional, Social: razão médica e racionalidade científica moderna*. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. In: *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho de 2005, pp. 249-281.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino. A medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.
- MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2003.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.
- MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2008.
- MORIN, Edgar; CLOTET, Joaquim; SILVA, Juremir M. *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente*. Porto Alegre: Sulina EDIPURS, 2007.
- MOSCOVICI, Serge (1994). Prefácio do livro: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- NASCIMENTO, Angelina de Aragão Bulcão Soares. *Comida: prazeres, gozos e transgressões*. Salvador: EDUFBA, 2007.

- NATANSOHN, Graciela L. O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. In: Estudos Feministas, Florianópolis 13(2): 287-304, mai-agosto/2005.
- NOVAES, Adauto (Org.). O homen-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. Mundialização de Cultura. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. São Paulo: Editora 34, 2008.
- PINO, Angel. A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para a educação humana. In: Pro-Posições, v. 17, n.2 (50) - maio/ago. 2006.
- PORTER, Roy. “História do corpo”. In: BURKE, Peter. (org.) A escrita da História. São Paulo: editora da UNESP, 1992.
- POULAIN, Jean-Pierre. Sociologias da Alimentação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- QUEIROZ, Marcos de Souza. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva antropológica. In: Rev. de saúde pública, São Paulo, 20(4): 309-17, 1986.
- REZENDE, Marcela Torres. A alimentação como objeto histórico complexo: relações entre comidas e sociedades. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 33, janeiro-junho 2004.
- RODRIGUES, José Carlos. O tabu do Corpo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. In: MANA 4 (2): 127-141, 1998.
- _____; RIBEIRO, Claudia Regina. A ciência na mídia e as estratégias de reafirmação da bipolaridade entre os gêneros: o caso do Globo Repórter. In: Cadernos Pagu (32), janeiro-junho de 2009 : 267-299.
- ROZIN, Paul. A preferência pelo natural. IN: FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. Comer. A alimentação de franceses, outros europeus e americanos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- _____. Brasil: o belo, o esbelto, o sadio. In: FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. Comer. A alimentação de franceses, outros europeus e americanos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

_____. As infinitas descobertas do corpo. In: Cadernos Pagu (14) 2000: pp. 235-249.

_____. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. Motrivivência, ano XL, nº15, ago/2000.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. In: História: Questões e Debates, Curitiba, n. 42, 2005. Editora UFPR.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: EDUFBA, 2008.

SCHIEBINGER, Londa. Nature's body: sexual politics and the making of modern science. Londres : Pandora, 1994.

_____. "Skeletons in the closet: the first illustrations of the female in Eighteenth-Century anatomy". In: GALLAGHER, Catherine & LAQUEUR, Thomas (ed.). The making of the modern body. Sexuality and society in the Nineteenth-Century. Berkeley: University of California Press, 1987.

SENNETT, Richard. Carne e pedra. O corpo na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SIMMEL, Georg. Sociologia da Refeição. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 33, janeiro-junho de 2004.

SIZER, Frances; WHITNEY, Eleanor. Nutrição: conceitos e controvérsias. São Paulo: Manole, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). Textos em representações sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). Corpos e subjetividades, um exercício interdisciplinar. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____; PREHN, Denise R. Gênero e Cultura: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. In: Pro-posições, v.14, n.2 (41), Mai/Ago. 2003. pp 21-29.

_____. “Panóplias corretoras: balizas para uma história”. In: In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. Les métamorphoses du gras: Histoire de l’obésité. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

VAZ, Alexandre Fernandes. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. In Pro-Posições, v. 14, n. 2 (41) - mai/ago. 2003.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.



FIGURA 15 – MONTAGEM COM REPORTAGENS DE DIFERENTES PERÍODOS, DEMONSTRANDO A DIMINUIÇÃO NA QUANTIDADE DE ALIMENTOS EM FOTOS DE REPORTAGENS SOBRE DIETAS DE EMAGRECIMENTO. REVISTA CLAUDIA, ABRIL DE 1971/AGOSTO DE 1973/DEZEMBRO DE 1987, RESPECTIVAMENTE.



FIGURA 16 – PUBLICIDADE DE ADOÇANTE. REVISTA CLAUDIA OUTUBRO DE 1975.



FIGURA 17 – PUBLICIDADE DE PRODUTOS PARA ESTIMULAR O EMAGRECIMENTO REVISTA CLAUDIA OUTUBRO DE 1975.

ÊLES EMAGRECEM BEBENDO ÁGUA

Apareceu nos Estados Unidos uma dieta que está fazendo o maior sucesso. É a dieta da água. A invenção é de um médico dietista, dr. Stillman, de setenta anos de idade, que lançou sua revolucionária dieta num programa da televisão americana. Para provar que sua dieta funcionava, ele apresentou dois argumentos definitivos: Perry Mason e Janet Leight. Perry só aparecia nos filmes da cintura para cima. Tinha engordado tanto, que não queria aparecer de corpo inteiro. Com a dieta de água, emagreceu 25 quilos. Janet Leight, depois de se separar de Tony Curtis em 1962, co-

meçou a engordar tanto, que não conseguia mais papéis no cinema. Quando casou com Robert Brant, resolveu criar coragem e emagrecer. Aos 44 anos, Janet está com um corpo de menina. Emagreceu 12 quilos. Como é essa dieta? Ela é toda baseada em proteínas e em pelo menos 2 litros de água por dia, e só pode ser feita com controle médico. Faz emagrecer meio quilo por dia. Na lista dos alimentos proibidos estão: massas, açúcar, cebola, bebidas alcoólicas, verduras e frutas. Em compensação, pode-se comer à vontade todo tipo de carne, e mais os 2 litros de água.

FIGURA 18 – NOTA SOBRE PRÁTICAS DE CONTROLE DO PESO ENTRE ASTROS DO CINEMA INTERNACIONAL. REVISTA CLAUDIA, JUNHO DE 1971.



FIGURA 19 – REPORTAGEM COM SUGESTÕES PARA O CONTROLE ALIMENTAR. REVISTA CLAUDIA, MAIO DE 1971.

EMAGREÇA SEM REGIME OU GINÁSTICA

Usando apenas 10 minutos por dia a Cinta Térmica Agaesse, você vai perder 8 quilos em 25 dias.

- tamanho único
- ajustável a qualquer parte do corpo
- unissex

A Cinta Térmica Agaesse (110 ou 220 volts) contribui ainda para eliminar dores reumáticas, celulite, gordurinhas, cansaço muscular e cólicas menstruais.

Preço: 115,00

Av. 13 de Maio, 23 • Sala 426 • Tel. 232-6316
 Pedidos pelo Reembolso, Caixa Postal 15.190 • Lapa (Rio)
 Rua São Bento, 45 • 5.º andar • Sala 510 • São Paulo

Favor remeter: Cinta(s) Agaesse 110 volts 220 volts

Nome _____
 End. _____
 Cidade _____ Estado _____

GRUPO CERTA

FIGURA 20 – PUBLICIDADE SOBRE TÉCNICAS FACILITADAS DE EMAGRECIMENTO. REVISTA CLAUDIA, MARÇO DE 1981.

trado de dar à situação uma aparência de legalidade.

E nem só os contratantes ficam satisfeitos. Alguns advogados também se alegraram ao fazer esses pactos. Diz o Dr. Antônio Carlos de Paula Campos, de São Paulo: "Infelizmente ninguém procura um advogado para casar ou ter filhos, mas sim para pedir anulações e desquite. Esses contratos dão a possibilidade de reconstruir uma segunda união, muitas vezes mais sólida e duradoura que a primeira". E explica com dados que impressionam: "Enquanto o IBGE acusava um índice de divórcios em São Paulo, em 1968, igual a 50% do número de casamentos realizados no mesmo ano, entre meus clientes 87% das segundas uniões alcançaram pleno êxito".

Gordura psíquica

Depois de Twiggy e Veruschka, padrões de beleza de década de 60, a mulher precisa ter traços angulosos, agressivos, ser alta (ou postura) e magra, esguia, flexível (obrigatoriamente). Mas como aproximar desse rígido modelo as mulheres feitas por pratos de espaguetes e enormes taças de sorvetes?

Em São Paulo, desde novembro do ano passado, uma clínica de beleza — Psico-Endética Feminina — está oferecendo a essas mulheres de apetite excepcional a possibilidade de se tornarem definitivamente delgadas, desde que tenham poder aquisitivo acima do médio, sem se limitar a combater os efeitos da superalimentação com regimes rigorosos e os modernos aparelhos fisioterápicos. Essa clínica buscou na psicanálise as causas secretas que levam as mulheres a engordar.

O caminho da beleza — Os primeiros passos da cliente ao entrar no elegante sobrado branco e laranja da clínica psico-endética, depois de pagar 300 cruzeiros, serão em direção a um complexo "checkup". Um clínico geral vai examiná-la atentamente, medir sua pressão, determinar quais os exames de laboratório a serem feitos e encaminhá-la aos diversos especialistas. Desde o endocrinologista, no caso de distúrbios glandulares, até o cirurgião plástico, quando uma operação for a solução mais recomendada (passando por um especialista de pele, um médico de vestires e até mesmo um perfumista em correção de arcaicas dentaduras). Finitos os exames, os resultados passarão às mãos de uma esteticista — termo e função criados pela própria clínica — que, depois de entendê-lo, discutirá com a cliente qual o tratamento fisioterápico mais conveniente em seu caso (os mais simples custam perto de 700 cruzeiros e duram, em média, um mês).

A hora da verdade — Para a maioria das mulheres, entretanto, o mais difícil não é enfrentar os vários métodos de emagrecimento recomendados — fono de Bier, sananas, duchas, gástricas, etc. — mas sim o primeiro diálogo com o psiquiatra, logo depois de terminados os exames clínicos. É via para esta consulta porque ela é obrigatória e está incluída no tratamento. Não preciso de psiquiatra: meu problema é emagrecer" — afirmam convulsas muitas clientes.

Dificilmente elas se convencem de que seu problema não é um distúrbio glandular, mas sim resultado de um comportamento psicológico: uma tentativa de agressão contra alguém ou contra uma situação à qual elas não se ajustam. Para emagrecer, o importante não é apenas passar fome ou enfrentar resiliantemente os complicados processos fisioterápicos, mas principalmente deixar de esconder os problemas atrás de um prato de comida. Embora na primeira entrevista algumas mulheres enlaxem pouco coisa ou cheguem até a mentir, o psiquiatra continua insistindo em desenvolver as causas ocultas de sua eterna e sempre insaciável fome.

A descoberta — Uma cliente ainda jovem, rica e incrível, na primeira conversa com o analista, pintou um quadro invejável de sua vida particular: marido maravilhoso, filhos adoráveis, nem o mais leve problema. Na próxima conversa, mais à vontade e muito contente com o tratamento e as novas amizades feitas na clínica, ela deixa escapar: "Estou me sentindo bem melhor, agora minha vida passou a ter um objetivo". O médico já conseguiu alcançar o fim da meta: uma mulher rica, mimada, sem a menor preocupação e também sem objetivo na vida.

No decorrer do tratamento, ele fica sabendo que o pouco trabalho da cliente se limita a cuidar beneficentes e algumas obras de filantropia, sem muita responsabilidade. O médico sugere então que ela procure fazer alguma coisa realmente séria, pela qual se esforce e sinta responsável. E o momento mais duro: o da opção. A mulher recusa, diz estar com medo de romper seus padrões, de sacrificar seu comodismo, mas ele insiste e a convence de que é a única forma de eliminar as causas da superalimentação e não se limitar a ter que periodicamente combater apenas seus efeitos. O mais importante, a natureza do problema psicológico, já foi descoberto.

A tradição mineira — O sucesso da clínica paulista, que já atendeu 150 mulheres em seis meses, parece ter alcançado outros Estados. O Instituto de Endética Feminina de Belo Horizonte — já incorporado à longa lista de tradições



São Paulo: massagens e psicanálise



Belo Horizonte: adesão ao novo método

FIGURA 21 — REPORTAGEM SOBRE GORDURA PSÍQUICA. REVISTA VEJA, EDIÇÃO 90, 27 DE MAIO DE 1970.

The new ideal way to SLIM and remain SLIM



Vitaminised Satisfying

Zupavitin MINI-CALORIFIC

Zupavitin: comida que emagrece

A sopa-regime

Os gordos, assim como não costumam resistir aos pratos de sua preferência, mesmo sob o risco de alguns quilos a mais, também não resistem ao fascínio das promessas de um novo produto de emagrecimento. Atrás de um corpo remodelado, já seguiram dietas de astronautas, ingeriram chá e pilulas que tiram o apetite, fizeram misteriosas contagens para obter o número ideal de calorias diárias e quase sempre, tristemente, acabaram voltando à alimentação normal e aos quilos indesejáveis.

Nos próximos quinze dias, a possibilidade de mais um milagre estará ao alcance de todos eles: a sopa Zupavitin, descoberta além de três anos atrás, largamente consumida na Europa e nos Estados Unidos, será vendida em farmácias e supermercados brasileiros. Seu apelo não poderia ser mais irresistível: uma porção, nos sabores ervilha, aspargo, tomate, cogumelo e laranja, dá ao organismo 100 calorias e como que "fortifica" o estômago, impedindo que todos os outros alimentos ingeridos — não há necessidade de regimes — tenham suas partes de gordura e açúcar assimiladas, provocando o aumento de peso.

Para quase todos — A sopa Zupavitin surgiu das pesquisas de químicos alimentares romenos e franceses, os primeiros a descobrirem nos alimentos, principalmente em hortaliças e legumes, elementos chamados anti-nutrientes, que bloqueavam a assimilação de outros alimentos nutritivos. Com base nessas pesquisas, a equipe científica da Hermes Fabrikpharm, de Munique, resolveu criar um produto que continhasse, além de todas as vitaminas e sais minerais necessários a uma correta alimentação, também esses elementos.

O resultado foi a sopa agora importada pela Motor Davis, e que será vendida a 38 cruzeiros a caixa, com três porções. Ela pode ser tomada em substituição à duas ou três refeições semanais, para quem deseja perder muitos quilos, ou à apenas uma, para manter o peso estável. "Há um ano começamos a preparar o lançamento da sopa", diz Jayr Mattos Vianna, diretor da Motor Davis. "Compramos 10.000 caixas e começamos a visitar médicos, para informá-los sobre o produto."

Sem contra-indicação, com uma coleção respeitável de atestados de bons resultados de autoridades em saúde da Alemanha, a sopa Zupavitin só não se propõe a eliminar a gordura resultante de problemas glandulares. Por isso, a primeira remessa pedida pela Motor Davis foi de 100.000 caixas, tanto pela confiança que tem no produto como na vontade dos gordos em emagrecer.

FIGURA 22 — REPORTAGEM SOBRE SOPA EMAGRECEDORA, EDIÇÃO 250, 20 DE JUNHO DE 1973.